



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DISSERTAÇÃO

O FILHO É DA MÃE?

Priscilla Bezerra Barbosa

Seropédica (RJ)

Dezembro, 2016

PRISCILLA BEZERRA BARBOSA

O FILHO É DA MÃE?

Dissertação submetida como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Sob a Orientação do **Professor Dr. Carlos Roberto de Carvalho**

Seropédica (RJ)

Dezembro, 2016.

305.42

B239f

Barbosa, Priscilla Bezerra, 1984-

T

O filho é da mãe? / Priscila Bezerra Barbosa – 2016.

87 f.

Orientador: Carlos Roberto de Carvalho.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Bibliografia: f. 87

1. Dialogismo (Análise literária) - Teses. 2. Feminismo - Teses. 3. Maternidade - Teses. I. Carvalho, Carlos Roberto, 1950. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. III. Título.

PRISCILLA BEZERRA BARBOSA

O FILHO É DA MÃE?

Dissertação submetida como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES. Linha de Pesquisa: 3

Dissertação aprovada em: 14/12/2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Roberto de Carvalho –
UFRRJ (Orientador)



Prof^ª.Dr^ª. Flávia Miller Naethe Motta - UFRRJ



Prof^ª.Dr^ª. Marisol Barenco Corrêa de Mello - UFF

*Dedico esse trabalho à Joana Bezerra, minha filha e
companheira primeira, a quem devo a gratidão por
sua existência em minha vida, fazendo com que,
cada dia mais, eu aprenda a aprender tendo assim,
a oportunidade de evoluir espiritualmente e também*

como ser humano. Que nunca nos falte amor, cumplicidade e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A todos os Orixás.

A todas as entidades amigas que me dão caminhos e cuidam do meu caminhar.

Eu aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar.
(Gonzaguinha)

Uma dificuldade considerável me abate neste momento. Após quase dois anos de pesquisa e construção textual, acreditei, inocentemente que escrever estas linhas seria a coisa mais simples de todo o curso. Para minha surpresa, estou há dias em plena inércia, sem conseguir produzir um simples texto com o objetivo de comunicar a minha gratidão àqueles que foram tão importantes nesta jornada acadêmica.

Por que agradecer é algo tão difícil pra mim? Digo, não é difícil sentir a gratidão, mas sim, torná-la ação, gesto ou palavra que possa expressá-la de maneira honesta.

Talvez, difícil seja tornar compreensível a beleza do sentimento gratidão. Beleza. É isso! A gratidão deve ser o mais belo e sublime sentimento produzido pela capacidade emocional humana. Além disso, costumamos carregar este sentimento e isso pode ser um erro. Creio que a gratidão, assim como o amor e o perdão, são sentimentos que não devemos carregar, mas sim doar, entregar a quem compete receber.

Com a beleza que cabe à gratidão, penso seja considerável que, ao entregá-la ao outro, devemos fazê-lo da forma mais bonita possível. Sabe, o mais belo presente envolto no mais belo embrulho. Talvez isso seja só uma questão estética. Talvez. Mas eu adoraria conseguir entregar a gratidão que tenho em mim hoje, num belíssimo e delicado embrulho.

Que embrulho eu poderia usar? Um pouco de cor e alegria? Um pouco de lágrimas, um beijo e um forte abraço? Um espalhafatoso, sonoro e desengonçado “obrigada”? Ou talvez, somente na simples delicadeza de um olhar, como já recebi e doei várias vezes. Há formas várias para entregarmos a nossa gratidão e, neste momento, escolho usar as palavras. São apenas palavras simples, bobas, sem muitas formalidades, mas, estou realmente acreditando que são o mais belo embrulho que eu consigo criar.

Obrigada, agradecida, gratidão e valeu. Tanto faz. No contexto deste texto, cada palavra dessas ou qualquer palavra que equivalha, certamente, não dará conta da grandeza do sentimento que oferto.

A partir de minhas memórias, eu digo: foram dois anos de curso. Dois anos da minha irrelevante vida terrena, dedicados à sobrevivência. Ao curso, penso não ter me dedicado como planejava fazer. Escolha minha? Incompetência? Pode ter sido.

Foram dois anos difíceis. Emocional e psicologicamente difíceis. Financeiramente difíceis. Logisticamente difíceis. Politicamente difíceis. Foi difícil ser eu. Difícil entender que a vida estava em processo de redirecionamento e que uma reforma íntima se fazia urgente.

Pensei em deixar o curso. Ele parecia ser algo inviável para mim, naquele momento. Eu iniciava um processo depressivo. O curso iniciou e eu acumulava faltas. Via-me sozinha com uma criança de dois anos, desempregada e com um mestrado inteiro para dar conta.

Amigos e familiares batiam a minha porta. Meu pai dizia: “vá à aula! Isso é importante para você. Esperou tanto por isso, não vá perder agora que conseguiu”. Como quem nada queria, ele ficava plantado em meu apartamento até que eu estivesse pronta para ir às aulas. Ele levava a minha filha e eu seguia para a universidade. Por vezes, voltei do meio do caminho!

Na universidade, quando eu conseguia chegar, lá estava o orientador. Eu me desesperava só de pensar no que ele poderia me cobrar e eu, certamente, não teria condições de cumprir. Ele foi bastante cuidadoso. Acho que me percebia em dificuldades. Conversamos bastante e recebi dele, como um presente, a chance de pesquisar uma questão que, pra mim, é mais que uma questão de pesquisa, é uma questão de vida, da minha vida.

Com o orientador, conversava sobre vida. A energia dele me fazia muito bem. Eu sentia paz diante daqueles cabelos brancos e daquele jeito meio desengonçado de ser. Queria que eu lesse literatura. Aos poucos, ir às atividades do mestrado havia se tornado um prazer. Aquilo tudo parecia leve. A vida pesava bem menos.

Além do orientador, ganhei amigos. Eles se tornavam o lado saudável da vida. E minha filha Joana, meu amor maior. O projeto mais valoroso que eu poderia ter. Os meus pais, Rosa e Solano, mesmo sem entender o que é o mestrado, foram grande fonte de incentivo e apoio.

Minha cunhada e meu irmão, Dani e Diego, juntos aos meus pais e à companheira Reny, formavam um time que se revezava como possível, para ficar com Jo enquanto eu ia às atividades do mestrado. Djany ficou com Jo para que eu pudesse me matricular no primeiro semestre. Marcelé já me socorreu em momento de desespero. Todos, de acordo com suas possibilidades, compartilhavam dos cuidados com Jo para que eu pudesse prosseguir.

Apesar de todo auxílio e todo carinho, houve dias em que ninguém podia estar com Jo. Assim, começamos a ir juntas para a universidade. Quanta correria. Quanto cansaço. Quantos aborrecimentos. Por vezes, saíamos de casa bem cedo e só retornávamos ao anoitecer. Estávamos como um barril de pólvora, prestes a explodir. Tudo era só cansaço.

Lá estavam os colegas do GEPELID e do grupo de estudos do meu orientador. Todos aprendendo a conviver com uma criança num ambiente de estudos e trabalho. Fomos acolhidas. Respeitadas. Prosseguimos. Fiz disciplina em outro programa. Fui com grandes companheiros, Clara e Nolasco. A professora que ministrou a disciplina foi Rita Ribes, hoje somente Ritinha, pessoa querida, trazida a mim, por este mestrado. Havia conversa, chopp e sorrisos ao final da aula. Terapia.

A vida retomou o equilíbrio, afinal, tantas palavras edificantes, tantas emoções, tantas trocas e tanto carinho. Sempre com minhas melhores: Lilian (e todos os guias espirituais que me orientam através dela), Clara (minha eterna gêmea), Cinthia (cantando o Mestre-sala dos mares e falando de sua vida, de sua mãe e sua avó), Aline (nossa Bebel), Janine (expert em

resolver burocracias), Noeli (cheia de sabedoria sobre saudável) e, além delas, Nolasco (sempre pronto a dar carona pra mim quando estava com Jo e mochila pesada).

Encontrei meu campo de pesquisa. Era a vida. Lá estavam todas aquelas mulheres, mães, lutando, resistindo e se dispondo a dialogar comigo sobre suas experiências de maternidade.

Um mar de gente acreditando em mim e eu acreditando em toda essa gente. Somos espelhos uns dos outros. Refletimos esperança e fé na vida. Quando um conquista, todos conquistam. Somos pontes. Ubuntu! Juntos, gritamos, incansavelmente, Fora Temer!

Chegamos ao fim deste curso. Seguimos tecendo redes de apoio. Sempre necessitamos de apontamentos construtivos para nos orientar de forma concreta. E, para momentos importantes, escolhas importantes. Flávia Motta e Marisol Barenco, dialógicas, alteritárias e afetivas, compoem as bancas de qualificação e defesa. Escolha feliz. Satisfeita por ter a possibilidade de ser orientada por duas mulheres que são acadêmicas e mães.

Toda essa gente de quem falei, é gente que olha pra gente e diz que apesar de tudo, pode dar certo. Sim, deu certo. Pode não ter sido perfeito e não seria mesmo, mas deu certo. Superar tantas adversidades, conhecer essa gente toda, escolher prosseguir e fazer isso em tão boas companhias é algo que definitivamente dá certo.

Não dá certo à toa. Não dá certo por acaso. Dá certo porque existe associação, empatia, disposição para ouvir, aprender e ensinar. Dá certo porque não perdemos a mania de ter fé na vida. Dá certo porque mesmo feridos de morte escolhemos não ferir. Dá certo porque a gente teima, resiste, luta e pede ajuda. Dá certo porque a gente convive com gente que nos permite cansar, errar e desmoronar. É gente que nos toma pela mão e nos apoia enquanto o desequilíbrio está instaurando um caos interior. É gente que nos vê em recolhimento e respeita, sem nos esmagar com cobranças e julgamentos. Por fim, dá certo porque vivemos com gente que é gente igual a gente. Que ri e chora. É forte e fraca. É séria e divertida, mas nunca embrutecida. É gente terna, responsável e que vê arte na vida e vida na arte.

Dentre toda essa gente, está o meu orientador, o Prof^o. Dr. Carlos Roberto de Carvalho, o Beto, o nosso Beto. A você, meu querido, o mais profundo respeito, o mais singelo carinho e toda a admiração possível. Ultrapassamos a ética fria da relação orientador/orientando, felizmente! Tenho em você um parceiro para muitas jornadas. O afeto que lhe rendo não cabe no Lattes, muito menos se limita aos muros da universidade. É algo maior, além. Transborda.

Quantas lágrimas de cansaço verti ao teu lado, nas orientações, em sua sala, no refeitório? Quantas vezes você nos acolheu, a mim e a Jo, quando chegávamos esbaforidas, por vezes estressadas, na universidade? Quantas vezes pude me servir daquele café que você sempre preparava para todos nós? Aquele café sempre teve sabor de abraço, de colo, de alteridade. Sentia-me renovada. O que tenho aprendido convivendo com você, não se encontra nas teorias, nos livros de metodologia, nos artigos científicos. Talvez, possa ser encontrado nas desimportâncias de Manoel de Barros e Rubem Alves. Talvez. Só quem enxerga a beleza das desimportâncias, aprende a dar importância somente ao que apetece a alma e isso, tenho aprendido com você.

No mais, é GRATIDÃO mesmo. Assim, com letras maiúsculas que é para combinar com a grandeza que cada um de vocês tem em minha vida.

RESUMO

BARBOSA, P. B. **O filho é da mãe?**. 2016. 87 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar / PPGEduc / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ. 2016.

Esta dissertação foi construída com o objetivo de apresentar a pesquisa intitulada *O Filho é da Mãe?*, desenvolvida ao longo do curso de mestrado acadêmico em educação, contextos e demandas populares, do programa de pós-graduação da UFRRJ, entre os anos de 2015 e 2016, tendo como objeto de reflexão, a maternidade. Tal estudo foi pensado com a intenção de suscitar questionamentos que convidassem à problematização sobre como e o quanto a estrutura machista de nossa sociedade atua sobre a vida da mulher, usando a maternidade como ferramenta para oprimi-la e cerceá-la. Esquematizado com base no patriarcado de outrora e sob ideias conservadoras de gênero, o machismo tem sido crucial para a imposição à mulher de um lugar de subalternidade em nossa sociedade. Assim sendo, a referida pesquisa propôs-se a desnudar, buscando nas experiências de mulheres que são mães e as formas que vivenciam seus cotidianos, como se dão as relações entre a maternidade e suas atuações outras em nossa sociedade. Para tal, trouxe uma proposta que considere o entrelaçamento entre as atuações de mulheres tanto na esfera privada quanto na esfera pública de suas vidas. O cruzamento proposto se deu mediante o reconhecimento da relevância deste para que haja a compreensão sobre o quanto a utilização da maternidade pelo machismo estrutural forja a forma como se delinearão os processos de atuação da mulher em seus múltiplos papéis sociais. Sob uma visão problematizadora que se quer feminista, propus uma reflexão sobre como o dificultamento no acesso e manutenção, quando não o alijamento, da mulher à esfera pública da sociedade está fortemente atravessado por suas supostas responsabilizações vividas no cotidiano da vida privada e que encontra um peso ainda mais acentuado se atravessado pela maternidade.

Palavras-Chave: Dialogismo – Feminismo – Maternidade

ABSTRACT

BARBOSA, P. P. The son belongs to the mother? 2016. 87 p. Dissertation (Master of Education) Institute of Education / Multidisciplinary Institute / PPGEduc / Rural Federal University of Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ. 2016.

This dissertation was designed to present the research titled *The Son belongs to the Mother?*, developed during the academic master's course in education, contexts and popular demands, of the UFRRJ postgraduate program, between the years of 2015 and 2016, having as object of reflection, maternity. This study was thought with the intention of raising questions that would invite the problematization about how and how much the male chauvinist structure of our society acts on the life of the woman, using maternity as a tool to oppress and tighten it. Outlined on the basis of patriarchy once and under conservative ideas of gender, male chauvinism has been crucial for the imposition on women of a place of subalternity in our society. Therefore, this research aimed to uncover, seeking in the experiences of women who are mothers and the forms that experience their daily lives, how are the relationships between motherhood and their other actions in our society. To this end, she has brought a proposal that considers the intertwining between the actions of women both in the private sphere and in the public sphere of their lives. The proposed crossing was through the recognition of the relevance of this to the understanding of how much the use of motherhood through structural machismo forges the way in which the processes of women acting in their multiple social roles will be delineated. Under a problematizing vision that is feminist, I proposed a reflection on how the difficulty in accessing and maintaining, if not alleviating, the woman in the public sphere of society is strongly crossed by her supposed responsibilities in the daily life of private life and finds a Even more pronounced if passed through maternity.

Keywords: Dialogism - Feminism – Maternity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CONVERSAS NO MEIO DO CAMINHO	18
O QUE PODE UMA MÃE?.....	24
A CULPA É DA MÃE?	27
TODA MÃE É MARIA ALGUÉM.....	31
OS MEUS OUTROS E EU	33
VAI CAMINHANTE.....	37
OS DESCAMINHOS DA PESQUISA	37
O COTIDIANO DE MUITAS MATERNIDADES: PARA QUE REPENSEMOS OS LUGARES PERMITIDOS ÀQUELAS QUE SÃO MÃES	44
CONCLUSÕES MOMENTÂNEAS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87

INTRODUÇÃO

Desde que me tornei mãe, venho passando por um processo de descobrimentos sem fim. São novas visões de mundo, novas sensações, novos medos, supostas obrigações, novos prazeres e dificuldades, muitas dificuldades que, inicialmente, me pareciam inenarráveis pelo fato de que se apresentavam falsamente como uma questão particular e tão somente minha que não careciam ser expostas ao mundo. Pareciam ser as minhas dificuldades, as minhas inquietações e a minha falta de resiliência diante do mundo maternal pelo qual havia optado.

Nenhuma experiência vivida até hoje possibilitou a mim, compreender com tanta clareza o sentido que o outro representa para o eu, que a vivência da maternidade. Da mesma forma, lançou-me de súbito ao cerne do que a história nos permite chamar de opressão.

Há algum tempo venho percebendo o quanto a maternidade pode se delinear como um espaço de exercício de poder. Refiro-me ao poder enquanto possibilidade de força, possibilidade de submissão do outro, mais especificamente, do homem sobre a mulher. Mas, não somente isso. Mas, vejo ainda, que se torna cada vez mais comum perceber uma dimensão outra de poder a partir da maternidade, dimensão esta no sentido mais amplo, mais crítico, mais enriquecedor e mais político possível.

O que tenho visto é que aquilo que eu e tantas outras vivemos cotidianamente e sem pausa, desde que nos tornamos mães, atinge diretamente e de maneira definidora, nossos outros lugares no mundo. Quando não os define, os dificulta de uma forma impossível de ser ignorada. Sendo assim, me dispus a discutir sobre o que considero boa parte da realidade da maternidade para o destino social de tantas mulheres.

Ouçó de muitos que a responsabilidade para tanto desajuste de nós mulheres à maternidade e ao mundo, se dá por escolha nossa. Argumentam que não satisfeitas com a vida pacata no âmbito privado, brigamos para ocupar os espaços públicos. Somos culpabilizadas pelo acúmulo de obrigações que nos acometem quando nos tornamos mães. Poucos questionam a naturalização de tais discursos. Primeiramente, me parece que não estão inclinados a compreender que a entrada da mulher no mercado de trabalho não foi acompanhada por uma reorganização da estrutura social necessária ao acolhimento desta¹. Segundo, há neste contexto, a urgência na desconstrução do que se estabeleceu ao longo do tempo como tarefa da mulher e tarefa do homem, a resistente construção dicotômica entre masculino e feminino. A sociedade reforça a cada dia a velha ideia de “quem pariu os seus

¹ Simone de Beauvoir. *O Segundo Sexo*, p. 880.

que os embale”, enfatizando seu significado com base no velho dito “o filho é da mãe”, sem perceber as ideologias trazidas em tal forma de pensar e que determinam ser o papel da mulher na sociedade.

Será que a questão se resolve ao rotularmos a maternidade como um eterno e irreparável padecer no paraíso? O que ganham as mulheres que são mães ao internalizarem e reproduzirem a ideia que reforça ainda hoje que mãe é mãe e que o filho é dela? Fico a observar que diante de tantas dificuldades que atropelam as mulheres ao adentrarem na maternidade, não as atropelam por si só, simplesmente por ser “a maternidade” e “o filho”. A maternidade e a existência dos filhos não me parecem o fator que mais pesa sobre as mulheres. O que torna o exercício da maternidade e a existência dos filhos por vezes um martírio é na verdade o que fazem a nós mulheres, tomando a maternidade e os filhos como ferramentas que se não cerceiam, ao menos pesam nossas trajetórias.

Apresento este trabalho como um convite à reflexão e ao diálogo sobre as condições imputadas, e também aquelas retiradas, de nós mulheres quando assumimos socialmente o papel de mãe. Tal reflexão e diálogo se constituem ao passo que nos inclinamos a observar e problematizar cultural e politicamente as múltiplas vivências de maternidade que aí estão naturalizadas ao longo das gerações. Só assim, vejo alguma possibilidade para discutirmos e, talvez, desconstruirmos o lugar-comum permitido a nós mulheres em nossa sociedade que se formou sob uma base de orientação judaico-cristã, colocando às mulheres num lugar muito bem esquematizado de subalternização.

Ao olharmos a história da mulher num contexto de história da humanidade, verificamos que nem sempre foi submetida à opressão masculina. Observamos que em tempos remotos, quando as sociedades se sustentavam “na caça e na coleta, ambos os sexos, trabalhando separados, contribuía com bens econômicos importantes” (STEARNS, 2013), assim, a mulher ocupava um lugar considerado essencial, pois era parte atuante no que dizia respeito à subsistência comunitária. O homem passa a se colocar num lugar de superioridade à mulher quando a humanidade, em cada lugar e região a passagem é feita a seu tempo, passa da caça e da coleta ao sistema de agricultura. Neste momento, impôs-se o poder masculino. As mulheres começaram a ser relegadas ao ambiente doméstico, à esfera privada da vida, se ocupando do cuidado com o lar e da educação dos filhos. Stearns afirma que, com o estabelecimento da agricultura:

Os homens agora eram responsáveis, em geral, pela plantação; a assistência feminina era vital, mas cabia aos homens suprir a maior parte dos alimentos.

A taxa de natalidade subiu, em parte porque os suprimentos de alimentos se tornaram um pouco mais seguros, em parte porque havia mais condições de aproveitar o trabalho das crianças. Era o cenário para o novo e penetrante patriarcalismo. Essa foi provavelmente a razão principal de os homens assumirem a maior parte das funções agrícolas, já que a maternidade consumia mais tempo. Dessa forma, nas vidas das mulheres passaram a ser definidas mais em termos de gravidez e cuidados de crianças. (STEARNS, 2013, p. 32)

A partir do contexto histórico que delinea o patriarcado e imputa à mulher um lugar bem definido no espaço privado da vida em sociedade, penso ser a maternidade um espaço possível para a prática política do feminino. Vejo o quanto é possível e necessariamente urgente, dizer que a partir das maternidades vividas temos uma possibilidade de problematização da vida, da minha vida, da vida das mulheres ao meu redor e da construção histórica desse ser mulher em nossa sociedade atual.

Desta forma, vejo a experiência da maternidade como oportunidade que podemos considerar uma convocação ao estabelecimento de questionamentos e quebra de paradigmas há tanto naturalizados. É neste âmbito que penso ser possível fazer a leitura da experiência materna sob duas óticas: a otimista, quando eu digo que é possível enxergar a maternidade como espaço de luta política, de reação, resistência e desconstrução das questões impostas à mulher em nossa sociedade de base patriarcal e machista. A outra seria a pessimista, talvez a mais concreta hoje, quando enxergo a maternidade de forma irreversivelmente cerceadora das possibilidades de ser e pertencer de muitas mulheres, se configurando assim, num espaço mais que eficiente para oprimi-las e onde protagonizam situações diante das quais são treinadas socialmente a se calar, soterrando-se pelo velho discurso “o filho é da mãe” entre outros, proferidos e corroborados na ausência de reflexão e empatia mínima de uma sociedade que preza pela manutenção da dominação do homem sobre a mulher.

Enquanto pessoa que sou, mulher e mãe, percebo a mutualidade do positivo e do negativo da experiência da maternidade e tudo que a partir dela sobrevém às mulheres em igual vivência. Tenho a impressão que a partir da chegada de um filho, assinamos um contrato em que há uma cláusula que dá plenos poderes ao mundo para nos esmagar e marginalizar, mas, vejo nisso tudo, muitas mulheres se movimentando dentro de suas possibilidades de vida, para rejeitar tal ancoramento. No meu caso, optei pela minha filha e não pelo soterramento do meu ser social, político e cultural e, muito menos, dos lugares pelos quais desejo, utopicamente talvez, que todas as mulheres transitem livremente.

A partir disso, trago um trabalho que buscou o estabelecimento de diálogos que pudessem orientar, questionar e problematizar as condições de opressão historicamente

forjadas com base na sociedade patriarcal e que cotidianamente, mesmo que em nuances de sutileza, pesam sobre nós mulheres e interferem perversamente sobre nosso sentido de ser no espaço público.

A opção por tal recorte se deu a partir da percepção que tive da maternidade como ferramenta muito bem empunhada da opressão machista da sociedade contra a mulher. Ainda hoje enxergamos o quanto a orientação machista com base patriarcal faz da maternidade um agravante para o dificultamento, quando não o alijamento propriamente dito, para a atuação das mulheres na esfera pública da vida, cerceando-as de suas possibilidades de ser e pertencer².

Para alcançar o aqui proposto, busquei em mulheres experiências suas, a partir da vivência da maternidade, em espaços por estas atravessados, principalmente naqueles que concernem às possibilidades de acesso à formação e à atuação profissional. Assim, optei por me apoiar em estudos sobre a mulher que se constituíram sob uma ótica do feminismo, não ignorando a multiplicidade de vertentes do referido movimento, mas me atendo ao feminismo como teoria política que representa a resistência e a luta de mulheres contra as desigualdades de gêneros historicamente estabelecidas em nossa sociedade.

O material para o desenvolvimento da proposta se delineou através das enunciações que a mim chegaram no despretenso viver cotidiano de mulheres mães e aos quais tive acesso em situações as mais simples e comuns da vida. As ocasiões se deram, em maioria, de maneira aleatória e inesperada, não calculada, em conversas mais várias. Os diálogos da vida se estabelecem quando menos esperamos e quando o assunto é a maternidade eles se dão em todas as partes, basta que estejamos prontos a percebê-los, a oferecer uma escuta afetiva e alteritária.

Apoiei a pesquisa na metodologia bakhtiniana para o trato das ciências humanas como uma pesquisa que se estabelece nas relações que se querem dialógicas entre os sujeitos envolvidos na produção do mesmo. Por este viés, há um posicionamento meu, enquanto sujeita falante e expressiva que sou, em buscar compreender as minhas sujeitas de pesquisa como falantes e expressivas que são e que, assim como eu, se posicionam diante do mundo e suas questões.

Desta forma, os diálogos estabelecidos entre mim e meus outros, constituíram o produto necessário para dar início aos questionamentos aqui problematizados sobre as

² As ideias de Ser e Pertencer apresentadas, construí no contato com Clarice Linspector em seus textos *Personna* e *Pertencer* que, nos momentos em que li e reli, me pareceram bastante pertinentes às discussões que se querem problematizadoras sobre o que é ser mulher numa sociedade organizada para o homem.

condições passíveis de serem vividas por muitas mulheres que são mães, em nossa sociedade. Diante de tais diálogos, me pus a refletir sobre uma resposta possível e responsável aos enunciados apresentados e os sentidos que lhes atravessam.

Ao longo do trabalho, pude perceber sem muito esforço, que aquilo que a uma de nós submete, se repete em várias outras vidas, fazendo-se compreensível que, ao contrário do que eu imaginava, as questões que há algum tempo me esmagam e marginalizam com sutil perversidade, não são questões particulares e simplistas, mas sim questões que ocorrem tão frequentemente que se colocam, a meu ver, como passíveis de denúncia da opressão machista que tem por objetivo a manutenção da mulher num lugar de subalternidade. Sendo assim, para além de uma denúncia, tenho o anseio de estabelecer uma convocação à uma discussão que se quer urgente, empática, crítica e politizada sobre a maternidade como um agravante para a imobilidade social da mulher ainda nos dias atuais.

Aponto ainda que, mesmo quando a imobilidade é algo que não se concretiza na vida de mulheres, a partir da maternidade, há ainda outra questão para pensarmos. A meu ver, não basta afirmarmos que a maternidade não é mais cerceadora como em tempos de nossas antepassadas, pois, mesmo que estejamos diante de muitas experiências que tornam essa afirmação um fato, não devemos deixar de refletir sobre o custo que uma mulher que é mãe, assume para si ao não se deixar cercear a partir da experiência da maternidade.

É possível ser mãe e acadêmica? É possível ser mãe e profissional? É possível ser mãe e mulher plena em sua sexualidade? É possível ser mãe e qualquer outra coisa? Sim, é possível. Não tenho dúvidas sobre isso, já que sou mulher, mãe e pesquisadora e aqui estou. Mas creio que isso não pode servir para esgotar a discussão sobre os lugares permitidos à mulher em nossa sociedade. Precisamos olhar os fatos sim, mas sempre considerando as estruturas enfrentadas e os trajetos percorridos para que algumas conquistas pudessem ser estabelecidas.

Diante desta forma de pensar a mulher e a maternidade, não mais me permito calar, pois tenho muito bem esclarecido em mim o quanto custou, tem custado e ainda custará, a mim e à minha filha, para que eu aqui estivesse. Então, diante disso, não posso me furtar a perguntar às mulheres que encontro, quanto tem lhes custado estar ou não estar, onde estão hoje? Chegar, seja onde for, é possível sim. Entretanto, somente nós, mulheres atravessadas pela experiência da maternidade podemos dizer o quanto a sociedade machista em que vivemos nos cobra para ser e pertencer de forma ativa dentro dela.

Para iniciarmos tal discussão, convido a uma reflexão que nos permita enxergar que aquilo que tanto naturalizam atributo invariável e inquestionável da experiência do ser

mulher, nada mais é que resultado de uma construção política e cultural estabelecida para atingir determinada organização da nossa sociedade sob o poder do homem e sua masculinidade.

Outra perspectiva que trago se apoia na ideia de que as questões que cruzam a vida privada de mulheres que são mães têm interferência direta sobre aquelas que vivenciam no âmbito da esfera pública. O que digo, é que se historicamente a mulher vem lutando de maneira incansável para ter respeitada a sua atuação nas esferas públicas da sociedade, as vitórias já alcançadas não exercem sobre aquelas que são mães, os mesmos resultados que para aquelas que não têm filhos sob sua responsabilidade.

A distância existente entre mulheres sem filhos e mulheres com filhos, na construção de seus caminhos de independência, que passam pela possibilidade de acesso à formação e dedicação à carreira, principalmente, é ainda considerável. Para compreendermos os fatores que geram tal distância entre elas, creio seja necessário ter algum conhecimento sobre o cotidiano vivido em suas vidas privadas. Somente nos abrindo a ouvir como as mulheres vivem seu dia-a-dia atravessado pelas responsabilidades advindas com a maternidade, é que conseguiremos começar a enxergar os custos pagos por cada uma delas para estar em lugares outros do mundo que não no lar. Assim, norteio minhas reflexões com base na questão sobre que dificuldades são enfrentadas por mulheres mães para acessar e se manterem na esfera pública da sociedade protagonizando atuações em suas instituições e espaços mais variados?

Ao observar os dados do IBGE³ na pesquisa feita sob o recorte de gênero, vi que em matéria de escolarização, de modo geral, as mulheres vão aos níveis mais altos. Os homens engrossam os números no quesito abandono escolar, principalmente, por conta da necessidade de ir ao mercado de trabalho.

Entre as mulheres mais jovens, verifica-se que mais da metade que está fora do processo de escolarização tem esse afastamento diretamente ligado à maternidade. Penso que, mais que motivados pela necessidade econômica, os homens mais jovens, aqueles que abandonam o ensino médio para ingressar no mercado de trabalho, o fazem também influenciados por uma construção de gênero que ainda hoje coloca o homem como o provedor material, assim como, coloca as mulheres como as responsáveis pelo lar e pelos filhos. Logo, as mulheres abandonam a escola para cuidar dos filhos no lar e isso se dá como uma obrigação natural que dispensa qualquer negociação entre os pares e suas famílias.

³ IBGE. Estatísticas de Gênero: uma análise dos resultados do censo demográfico de 2010. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>

Não somente a partir desse quadro, observo que, mesmo havendo a intenção em se manter no processo de escolarização, as mulheres quando são mães, de alguma forma, se não de muitas, são empurradas a se retirar do mesmo, pois as instituições de ensino, seja qual for o nível de escolarização, não estão estruturadas a receber e acolher mulheres que atuam na maternidade. Ao menos, não as recebe levando em consideração a responsabilização social que elas sofrem a partir da maternidade. Estarão sim, nos espaços de escolarização, desde que ignorem o peso daquilo que as sobrevém com a chegada de um filho. Esclarecendo, se ela não agir como mãe da forma que é socialmente cobrada a agir, aí sim ela se enquadra nos espaços de escolarização.

Vislumbro que as narrativas delineadas a partir de experiências várias de maternidade, possam invadir e colocar em pauta, questionamentos sobre conceitos e práticas há muito naturalizados. Espero desta forma, que haja uma convocação à reflexão sobre as possibilidades de acesso a lugares múltiplos no mundo, para a atuação de mulheres que assumiram para si a maternidade.

Creio que tal proposta seja de extrema importância, primeiro, para o questionamento sobre as formas de opressão que são forjadas a partir de uma ideia de gênero já ultrapassada; segundo, para que haja o real reconhecimento, respeito e valorização da mulher, em seus múltiplos papéis sociais, na/pela sociedade e suas instituições. Então, assim sendo, convido a enxergarmos a maternidade como espaço que possibilita a empatia, a valorização do diverso e a luta política a fim de que mulheres possam ocupar espaços na sociedade sem que para tal, seja necessária uma dicotomia entre o “ser” e o “não ser mãe”.

A maternidade não deve ser uma escolha entre ser ou não alijada de protagonismos outros, como por exemplo, em sua condição de mulher, profissional, acadêmica e o que mais a mulher quiser ser. E, mesmo quando a maternidade não se torna encarceradora, precisamos refletir sobre como tal resultado se dá, considerando que certas escolhas daquelas que não se deixam alijar pela maternidade, por vezes, apontam rupturas e abstenções difíceis de adotar, tanto para as mulheres quanto para seus filhos. Assim sendo, creio que seja necessária uma discussão atenta sobre o peso das escolhas e das vivências desta mulher que é mãe para ultrapassar os espaços de atuação e ideais de comportamentos a ela permitidos.

O que posso afirmar de antemão, do lugar que ocupo e buscando apoio em palavras de Simone de Beauvoir⁴ sobre a maternidade, é que não nos tornamos um bando de mulheres

⁴ Beauvoir aponta que a mulher, desde a infância, é levada a crer que o exercício da maternidade é a finalidade de sua natureza e todas as dificuldades às quais será submetida no interior da sociedade em que vive, estará

cansadas, resmungonas e mal sucedidas na maternidade e na vida, na verdade, nos tornam isto, a partir das construções sobre o lugar da mulher, dentro de uma sociedade machista formada com base no patriarcado. O que muitos não perceberam ainda é que, na realidade da vida maternal, gritaram-me Mãe da mesma forma que gritaram-me Negra⁵.

sempre sendo justificado pela glória de ter um filho, pelo privilégio de poder tornar-se mãe. O SEGUNDO SEXO, p, 654.

⁵ Referência ao poema Gritaram-me Negra, de Vitoria Santa Cruz

CONVERSAS NO MEIO DO CAMINHO

Passarmos a observar e reconhecer a que custo mulheres que são mães estão se mantendo nos espaços de formação e mercado de trabalho, é algo de extrema importância para a discussão que aqui proponho. É não tapar o sol com a peneira. É tentar dar um basta no mito da mulher guerreira que de tudo dá conta. É desconstruir a ideia de que o filho é da mãe. É desconstruir a fala falsamente empática que sempre diz “vai passar”.

Precisamos nos questionar o quanto foi pago por cada mulher que é mãe, para estar onde está ou, pelo contrário, por não estar onde não está, mas desejaria estar. Não podemos mais cometer a grosseria de não interrogar por que tem sido tão difícil para mulheres mães se manterem na esfera pública da vida e, mais que isso, precisamos estar realmente inclinados a ouvir as respostas e a dialogar com essas mulheres no sentido de buscar mudanças que possibilitem a reestruturação de nossa sociedade e seus espaços possíveis ao feminino.

Que peso é esse que a elas sobrevém? Há o que possa ser feito para que suas trajetórias sejam menos desgastantes? Para que estas e outras questões possam ser pensadas, talvez respondidas, faz necessário ouvir o que mulheres passam em seu cotidiano atravessado pela maternidade e, ainda, colocarmos em prática um exercício de empatia e compartilhamento.

Ao conversar com mulheres que vivem a maternidade, percebo o quanto estamos vivendo num momento em que se faz possível separar os filhos e o que se sente com relação a estes, do papel social construído culturalmente do que é ser mãe. O que faz da maternidade uma possibilidade eficaz de sofrimentos, dificuldades e cerceamentos para a mulher não se apresenta em um único pilar. Não encontramos o foco da questão olhando apenas para a dicotomia estabelecida historicamente entre o ser homem e o ser mulher, entre o feminino e o masculino, entre as construções do papel do pai e da mãe.

Ao ouvir as mães que estão ao meu redor, em meu cotidiano, percebo que a bola de ferro que pesa o caminhar daquelas que por situações várias se tornaram responsáveis únicas e diretas pelos filhos, também aprisiona e pesa sobre o caminhar daquelas que se encontram socialmente acompanhadas através de relações que as unem a um parceiro. Salvo as devidas proporções, o peso que sobrecarrega uma também sobrecarrega a outra.

Com a construção dos papéis definidos historicamente como feminino e masculino, mesmo que em desmantelamento hoje, a maior responsabilidade sobre o cuidado com as crianças é imputada à mulher. E, além disso, mesmo quando observamos organizações

familiares que se esforçam para o compartilhamento justo sobre as responsabilidades da vida privada, ainda assim a mulher se encontra em desvantagem com relação ao homem, pois, fora dali, fora os parceiros em questão, socialmente falando, é ela aquela que é responsabilizada pela educação dos filhos.

Para além do lar, para além do grito que permite às mulheres se posicionar de forma a convocar os homens, pais de seus filhos a um arranjo que seja justo no que concerne à administração da vida privada, há ainda uma luta a ser travada para que consigam adentrar e se manter na esfera pública da sociedade e que as permitam ser e pertencer fora da domesticidade do lar.

A mim, fica cada vez mais claro o quanto cansativo é para uma mulher se afirmar no mundo e, se é mãe, a dificuldade é elevada ao quadrado, pois além de lutar pelo direito de ser e pertencer, não pode desconsiderar a existência de um outro que por muitos anos acaba sendo apontado como seu grande dependente dos quesitos mais básicos como alimentação, higiene e sobrevivência aos mais complexos como educação, formação para viver em sociedade e caráter. Passando por este ponto, observei que é ideal que se estabeleça uma discussão sobre o cuidado com as crianças como responsabilidade compartilhada não somente entre aqueles por elas primeiramente responsáveis, mas ainda com uma noção ampliada e mais crítica sobre tal e que se estenda a toda a sociedade e suas instituições.

Para partirmos a uma reflexão, trago o provérbio africano que diz “é preciso uma aldeia para educar uma criança”.

O provérbio acima apresentado pode parecer simples, mas requer um exercício reflexivo extenso. Primeiramente, o que dificulta pensarmos por este viés como me parece o sugerido pelo dito é que aqui em nossa sociedade construída com suas bases no sistema capitalista que exalta o indivíduo e estimula a individualidade, o egocentrismo e a ideologia do mérito, perdeu-se a noção de comunidade, de comunitário e de comunhão.

Assim, nos habituamos ao isolamento total possível e somos levados a crer sermos os únicos responsáveis pelo nosso destino, como se aquilo que é exteriormente formulado não nos coagisse a determinados lugares sociais e comportamentos. Há assim, aqueles que ignorem a ideia de estruturação de sistemas de exclusão. A partir disso, determinam as possibilidades de atuação para cada qual: a vida privada para a mulher e a vida pública para o homem.

A maternidade tem facilitado a possibilidade de a mulher ser mantida no lugar a ela destinado quando da formação do patriarcado. Para que seja eficiente essa ideia, construções várias são feitas com relação aos cuidados com os filhos e tais construções produzem

discursos que projetam na sociedade aquilo que ela espera de uma mãe: que ela seja a grande detentora da capacidade de gerar, educar e formar seres humanos para o mundo. O filho é da mãe! Mãe é mãe. Pai é outra história.

É justamente percebendo tal ação sobre si que Clara pensa ser a maternidade o ato social mais solitário que conhece. Alega que por mais que lute pela libertação da mulher de tantas amarras, incluindo a da maternidade, acredita que se sente vivendo num funil. Sente-se cada vez mais pressionada, sendo conduzida a um estreitamento que foge do seu controle.

Percebe que as construções acerca da maternidade são difíceis de serem desconstruídas ou ao menos contornadas, pois ao pensá-las enxerga um paradoxo de liberdade e prisão. Prisão porque cerceia. Quando não cerceia, dificulta de tal forma que torna o trajeto da vida extremamente cansativo e, assim, o torna algo de qualidade duvidosa. Por vezes, tal dificultamento é tamanho que torna uma desistência de si a escolha mais confortável para o corpo, mas nem sempre para a alma.

Clara pensa que quando o caminho parece claro, as encruzilhadas se apresentam. A vida dos filhos, que ainda são dependentes de seus pais, requer decisões, abdições e negociações. Neste momento, aquela prisão é colocada para a mulher como um mundo de plena liberdade, onde é ela a única com o poder de tomar as decisões pertinentes.

Concordo com Clara e sinto que é nessa cruel liberdade imputada a nós, de escolher sobre os caminhos dos filhos, quando em fase de formação, que se delinea a solidão da maternidade. É aí, um dos lugares, onde fica estabelecido que o filho é da mãe.

O que é ser mãe? O que é ser mãe e insistir em ser você mesma, fora da existência dos filhos? Digo, não os desconsiderando, mas dando a si o mesmo lugar de importância que a eles. Considerando-os sem se desconsiderar.

Clara diz que a maternidade é essa loucura mesmo. Que é um lugar de tentativas, erros e acertos. É uma oportunidade de evolução, mas não de uma perspectiva ideal e sim de uma perspectiva de vida que se quer espiritualizada. Maternidade como lugar de aprendizado e expiação, como possibilidade de construção, desconstrução e reconstrução de si a partir do outro. É experiência que permite os olhos sorrirem fartos de cansaço. É um lugar que solicita pausa, mas nem sempre há essa possibilidade.

Paula diz sem pestanejar que a maternidade lhe proporcionou a medida exata do amor. Foi com o nascimento do seu primeiro filho que percebeu o quanto nada entendia sobre o que era amar. Esclarece com muita veemência: “amo meus filhos, mas aprendi a amar com o tempo. Esse negócio de amor inato é uma balela”.

Ela me explicou que a primeira construção acerca da maternidade com a qual se deparou quando tomou seu primogênito nos braços foi a noção de responsabilidade. Não pensava naquela coisa bonita de ter a responsabilidade de educar um grande homem, mas sim, se desesperava levemente ao pensar que tinha a responsabilidade de manter aquele organismo vivo.

A responsabilidade que furtou de Paula algumas semanas de sono, estava embasada em sua crença de que era a única a ter o dever de manter aquela criança alimentada, limpa e respirando. Não teve tempo para amar, confessou. Percebeu que amava seu filho quando se viu certa de ter a capacidade de cumprir aquilo que associava à ideia primeira de responsabilidade. Não sabe quando exatamente, mas em dado momento, quando o pânico se esvaiu, se percebeu amando.

Valéria foi mãe bem jovem e diz que, talvez por isso, nunca tenha pensado sobre o que é a maternidade em sua vida. A maternidade apenas “é”. Seus filhos são parte da sua vida, do seu cotidiano e da sua felicidade. Se sente completa com eles. Pensa em quantas boas oportunidades de vida poderão ter, bem diferente dela que sempre encontrou suas oportunidades em meio a muitas dificuldades.

Valéria toca a vida. Abre suas estradas. Constrói os seus caminhos e diz que terá seus filhos em companhia até onde e quando eles quiserem. Busca uma relação de amizade com eles. Eu, olhando de longe, achei que pareciam três irmãos. Ela acha graça quando seu caçula pede atenção e a acusa de só querer ler.

Rosa vê a maternidade como um fardo. Um grande e pesado fardo. Fruto da ignorância e falta de perspectiva da educação que recebeu de sua mãe. Sofre porque sente desta forma. Repete para si o tempo todo que seus filhos são as coisas mais importantes de sua vida. Em paralelo, transfere a eles, sem perceber, a responsabilidade pela imobilidade de sua vida.

Ela fala com certo orgulho o quanto os filhos a fizeram sofrer, a cercearam e impediram-na de alçar voos. Diz que foi por eles que suportou suas décadas de casamento falido.

Brenda é daquelas que olha ao redor e diz que a maternidade submete a mulher sim, mas se sente tão feliz com seus filhos que esta questão ganha uma conotação exclusivamente política em sua vida.

Ela é daquelas que nunca perde a paciência com os filhos, mas não deixa de se posicionar percebadora das construções que tomam a maternidade como uma poderosa ferramenta de opressão contra as mulheres.

É dona de uma calma que contagia, mas é incapaz de proferir julgamento sobre aquelas que como eu, por vezes, não mantém o total equilíbrio diante da maternidade e as situações por ela forjadas.

Já eu, não vejo a maternidade, mas sim, vejo o mundo através dela. Não sei se conseguiria dizer minimamente o que sinto com relação à maternidade. Não poderia, por exemplo, adotar um discurso apresentado recentemente por mulheres que como eu, não se furtam em falar sobre a maternidade em sua plenitude, inclusive sobre aquilo que ela traz de doído, pesado, cruel e perverso. O discurso de que falo é um que diz “amo meu filho, mas odeio ser mãe”. Como disse, não poderia lançar mão de tal discurso. Pode parecer complexo, irônico, talvez, mas hoje, no auge dos meus trinta e dois anos, digo: eu amo minha filha e amo a maternidade.

Eu amo ser mãe. A maternidade em muito, mas não em tudo, me define. Ela me explica ao mundo e explica o mundo a mim. Fui mãe por escolha. Digo hoje com toda a certeza que foi uma escolha consciente. Eu sempre soube que seria difícil e cansativo. Em contrapartida, sempre soube que seria o maior aprendizado que eu teria em Terra.

Soube dia desses, numa consulta com minha psicóloga, que tenho certa atração pelo aprendizado. É a possibilidade de aprender que determina as minhas associações e relações, sejam elas íntimas ou não, afetivas ou socialmente burocratizadas. Não seria diferente com a maternidade. Esta tem sido a maior sala de aula de todos os tempos para mim. Os seus ensinamentos me sacodem diariamente, transbordam as experiências da vida privada e das atuações que tenho fora dela. Seus ensinamentos me conduzem a um processo de inconformação, de questionamento, resistência e luta.

Por fim, a maternidade me conduz à politização. E, até o presente momento, posso dizer que minhas perspectivas vêm se confirmando. A vivência da maternidade tem sido difícil, cansativa física e emocionalmente, mas tem sido ainda uma escola com um riquíssimo nível de ensinamentos. A maternidade é linda, mas não é romântica. É uma beleza que te assola, incompleta, atropela e corrói. Machuca, desequilibra, espreme e, assim, justamente por isso, te convida à expansão, ao sacudimento, a uma busca de si mesmo.

A maternidade, para mim, tornou o mundo pelo qual transito um enorme ringue, mas nem por isso perdeu a beleza de ser vivida. O amor que venho construindo com minha filha é inexplicável. Sensação de reencontro, de missão planejada por nós no plano espiritual. É um amor que transborda pelos olhos e salta pelos poros.

Para mim, a maternidade bate na aorta. Fere, mas é um ferimento que vicia e que quero ver sempre latejando porque é assim que me oferece a maior de todas as motivações

para sair do lugar-comum preparado para nós mulheres. Me motiva a caminhar. É justamente porque a maternidade me empurra ao caminhar que eu pude perceber o quanto de dificuldades se estabelece nesse passo-a-passo. Daí a necessidade de querer discutir, refletir e problematizar tais dificuldades. A maternidade me levou a olhar com mais atenção para a condição das mulheres ao meu redor. Tem me ensinado o significado de empatia e acolhimento. Vi que compartilhávamos muitas dificuldades. Vi que os cerceamentos se impõem a todas. Por isso, trabalho a partir do pensamento de que a maternidade tem sido sim um espaço eficiente de opressão da mulher pelo homem.

Não tenho a pretensão de reduzir a discussão numa polarização entre ser mãe ou não ser mãe, mas sim, ampliá-la para algo que comporte a ideia de que “somos mães, e agora? O que fazemos? O que podemos? Precisa realmente ser assim? Há alternativas para nós, além da negação da maternidade?”. E, como dizem, não há luz sem escuridão. Se não fosse a maternidade uma forma bastante poderosa de opressão contra a mulher, logo não se estabeleceria como um rico espaço político.

Quando converso com mulheres sobre a maternidade que exercem, percebo o quanto todas, cada qual ao seu modo, estão se posicionando política e eticamente diante do mundo e suas questões. Elas se movimentam ou, simplesmente resistem, às construções machistas e à rígida dicotomia dos papéis de gênero constituídos com base no patriarcado, muito frequentemente sem ter consciência de que assim o fazem.

Menos consciência têm, ainda, de que tais posicionamentos são políticos e assim devem ser considerados. Pude observar que a maternidade é sim cerceadora, encarceradora, porém, ela tem sido exercida por mulheres que não mais permitem docilmente que desta forma assim seja.

Uma discussão ainda muito forte que tenho encontrado entre as mulheres com as quais dialogo, é sobre o não desejo da maternidade. Compreendo, respeito e acredito até mesmo ser esta a melhor opção para uma mulher nos dias de hoje, se considerarmos o que sobrevém a elas com a chegada de um filho.

É perfeitamente compreensível a mim, que uma mulher não deseje viver a experiência da maternidade que, ao contrário do que dizem, tenho percebido, não é um romance só. Entretanto, penso que precisamos discutir e agir para que mudanças sejam feitas em nossa sociedade no que diz respeito à construção que temos sobre o ser mulher e a maternidade. A mim, hoje, a partir das mulheres com as quais dialogo e que não desejam a maternidade, fica explícito que a escolha se dá muito mais com a finalidade delas de desviarem de um amontoado de impossibilidades que é imputado àquelas que são mães que pelo fato de ter ou

não um filho seu, alguém com o qual terão responsabilidades concretas. Elas não temem a responsabilidade de educar um indivíduo e com ele compartilhar parte de suas vidas. Elas temem, em sua maioria, tudo que sutilmente não permitirão que elas façam a partir da chegada de um filho.

As mulheres que encontro, as que são mães e também aquelas que não são e/ou não serão, parecem a princípio estarem em crise com a maternidade, mas ao passo que se desnudam, observando com mais minúcia e ouvindo o que elas têm a dizer, tenho a impressão que a crise não é com a maternidade diretamente, mas sim com a estruturação do machismo em nossa sociedade e aquilo que fazem a nós mulheres a partir da maternidade. Tal estruturação faz da maternidade uma eficiente ferramenta de opressão e cerceamento das mulheres.

Como já dito antes, tenho ouvido cada vez mais, discursos de negação da maternidade que me parecem muito coerentes e merecedores de apoio. Tais discursos se constituem a partir daquilo que não se quer sofrer, daquilo do qual as mulheres não desejam abrir mão. Temos aí uma geração de mulheres, que cada vez mais tem consciência das impossibilidades que lhes serão imputadas caso se tornem mães.

Tem-me parecido muito mais uma escolha pelo não ser ainda mais marginalizada do que uma indisposição para lidar com a formação de outro ser. Caso o posicionamento se dê da forma citada anteriormente, suspeito que não haja uma escolha legítima, mas sim a coerção de forças exteriores que nos submete e faz “optar” por caminhos de vida que pareçam um pouco menos opressores.

O QUE PODE UMA MÃE?

As muitas situações que temos a partir do instante que nos tornamos mães, têm sido por mim percebidas em muito como exteriores, coercitivas e generalizadas, como o fato social apresentado por Durkheim⁶. Se assim são, não podemos reduzi-las a uma epidemia de incapacidade feminina para associar de forma coerente a maternidade com o resto do mundo.

O que intensifica as tensões entre mulheres mães e o machismo estruturado na sociedade em que vivem, são ainda as escolhas destas sobre ocupar lugares outros no mundo. Há um comportamento sutil e silencioso que nos afasta do mercado de trabalho, do

⁶ Cf. DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. 17. ed. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

investimento na formação profissional e/ou acadêmica, nos afasta da convivência social prazerosa a nós mesmas, nos afasta das possibilidades de participação em lutas políticas, dos espaços de intelectualização e nos afasta até mesmo do prazer a partir de nossos corpos.

Parece que nos é permitido ser tudo ou, ao menos, vislumbrar sê-lo, desde que não assumamos o papel de mãe. A maternidade vem e nos impõe, automaticamente, um sistema de exclusão, entramos no modo 'ou': 'ou' o mundo 'ou' a maternidade. Como se combinações não fossem possíveis e a responsabilidade pelos filhos fosse exclusivamente da mulher.

Fazendo uso de uma reflexão que a mim, muito forte pareceu, apresentada pela escritora nigeriana Chimamanda Adchie, corroboro aqui o que tenho observado nos ambientes de formação acadêmica por onde tenho transitado. Chimamanda diz que mulheres, devido ao treinamento social que recebem, fazem do fingimento uma arte⁷. A escritora faz referência à atuação da sociedade sobre a formação de indivíduos do sexo feminino, porém, enquadrando o pensamento ao qual faço coro, com a questão que trago neste trabalho, percebo o quanto somos praticantes da arte do fingimento, principalmente se somos mães e desejamos/precisamos estar nos espaços de formação e no mercado de trabalho.

Quando ousamos nos imbricar e nos manter na esfera pública da sociedade em que vivemos, automaticamente, mesmo que nada nos seja dito, convidadas a atuar como se não fossemos mães. Exigem de nós uma capacidade produtiva, em termos de dedicação exclusiva, como se não houvesse outro ser no mundo que dependesse da minha presença.

Quando não fingimos que não temos responsabilidades com a formação de outro ser, simplesmente, fingimos que não vivemos numa sociedade que imputa sobre as mulheres cem por cento das responsabilidades sobre a formação deste filho. Então, muitas vezes, por necessidade, mulheres se mantêm na esfera pública da vida fingindo dar conta das responsabilidades, quase nunca compartilhadas com terceiros, sobre seus filhos, na esfera privada de suas vidas.

É comum em entrevistas de emprego, mulheres serem questionadas sobre sua vida pessoal e afetiva. Há uma preocupação em saber se são casadas e se têm ou pretendem ter filhos. Depois, desejam saber como essas mulheres farão com seus filhos para dar conta do trabalho. O mesmo tipo de preocupação é bastante comum nas universidades, no que tange o acesso às vagas nos cursos de formação acadêmica, mestrado e doutorado.

⁷ ADCHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. p, 36.

O que há por trás desses discursos, dessas preocupações e questionamentos? Ora, não deveriam orientar o processo de entrevista somente com base nas atribuições da mulher que concernem à vaga almejada, seja no mercado de trabalho ou na vida acadêmica? De modo geral, nós mulheres engravidamos a partir do contato sexual com um homem, assim como, por vezes, estabelecemos comunhão afetiva com eles. É claro, não ignoro outras formas para engravidar e constituir laços de comunhão afetiva, mas como disse, falo no que vemos mais comumente: mulheres e homens procriam.

Urge interrogar as razões para que não haja o mesmo interesse e preocupação em questionar os homens sobre sua vida particular, afetiva e sobre as responsabilidades que eles têm, ou deveriam ter, com os possíveis filhos. Fica posto, creio, a afirmação e a reprodução da naturalização total da responsabilização das mulheres sobre os filhos e a vida doméstica tal como os ‘transtornos’ possíveis que causarão, caso saiam deste ambiente para os demais.

Cada vez mais, vemos mulheres que não se conformam nas determinações sociais estabelecidas para suas vidas e, quando são elas, aquelas que não aceitam este tal mecanismo de opção sem opções, logo são imersas em dificuldades infindas, a começar por não encontrarem, muitas vezes, permissão para ser, fora da maternidade.

A mulher que busca vida além da maternidade acaba sendo, de alguma forma, mal vista e com muita facilidade negativamente apontada, tanto quanto aquela que se dedica exclusivamente aos cuidados dos filhos. Nunca nos encontramos livres dos apontamentos desagradáveis sobre nossas condutas. Não nos é dada rota de fuga, pois o que fica posto é que a maternidade nos vem como uma escolha por abdições e é o cumprimento máximo da finalidade da existência feminina e não se deve lutar contra isso. Caso o façamos, logo há formas para nos penalizar, colocando-nos em dificuldades que sutilmente surgem de todos os lados para nos fazer desistir e nos colocar em estado de conformação.

Estando eu convidando à problematização de tais contextos, o caminho que vejo hoje, é convocar às mulheres mães, a perceber que a maternidade pode e deve ser convertida num grande espaço de luta política contra o machismo estruturado em nossa sociedade.

Creio ainda que o contrário da luta é a negação de possibilidades outras de sermos mulheres atuantes na esfera pública da vida. É a aceitação e fomentação da continuidade às opressões sofridas. Aí sim, o mecanismo de exclusão de alternativas faz todo o sentido, pois: se é mãe, ou luta e resiste ou soterra todas as possibilidades de ser sob o papel de mãe.

A CULPA É DA MÃE?

Com o nascimento de minha filha, a maternidade passou a ser uma realidade prática. Embora olhe para trás hoje e tenha a certeza de não ter idealizado uma maternidade romantizada – baseada na crença que nos incute a sociedade sobre o esplendor e a redenção de ser a mulher, portadora do privilégio de gerar, parir e educar filhos – como comumente se faz, ainda assim, exercer meus demais papéis atravessados pela responsabilidade de ser mãe, tem sido bastante difícil.

Para que eu possa indagar sobre o que é ser uma mulher que é mãe na sociedade em que vivemos hoje, me apoio na construção de uma consciência que esclareça ser tudo aquilo que faz da maternidade um território de opressão às mulheres não algo inerente à sua natureza⁸, mas sim uma construção que permita se usada como uma ferramenta eficaz de opressão e que tem a finalidade de imputar um treinamento social às mulheres, para o cuidado com o outro⁹, levando-as assim, a posturas de domesticidade que as mantenham fora das esferas públicas da vida.

Se não bastasse o encarceramento social e a marginalização aos quais nos lançam impiedosamente a partir da maternidade, ainda precisamos ter estrutura física, psíquica e emocional para lidar com a responsabilização total sobre os seres humanos que nossos filhos se tornarão ou não. Tenho a impressão de estar em meio a uma multidão que faz vigília à espera de qualquer comportamento considerado inapropriado, dos filhos da mãe, para que a elas seja dado o lugar do mordomo. Digo isso, porque cresci ouvindo as pessoas dizendo que, na dramaturgia, a culpa é sempre do mordomo. Porém, quando o palco do espetáculo é a maternidade, sem muito esforço, tenho percebido que a culpa (ideia negativada de responsabilidade) é sempre da mãe. Aos homens, a responsabilidade. Às mulheres, a culpa.

Essa relação íntima com a culpa é uma espécie de acessório básico à vida daquelas que atuam na maternidade. Não conheço mulher mãe que não tivesse experimentado o sabor da culpa, mesmo sabendo que, nem sempre, esta lhe pertence.

A culpa maternal é um processo que, a meu ver, advém de dois pontos, o externo e o interno. O estabelecimento da culpa vem da sociedade que reproduz as construções machistas acerca da maternidade e da criação dos filhos. Ela vem também de dentro, do interior da

⁸ Beauvoir inicia o capítulo A Mãe, do livro *O Segundo Sexo*, apontando que a humanidade nunca é abandonada à natureza para, então, afirmar que há algum tempo, a maternidade deixou de ser comandada pelo acaso biológico e submeteu-se à vontade da mulher. p, 645.

⁹ MIGUEL, L, F. *Feminismo e Política*. p, 57.

própria mulher, porque somos educadas a nos sentir responsáveis máximas, senão únicas, por nossos filhos. Assim, a culpa se torna um assunto indissociável daquelas que vivem a experiência da maternidade.

Clara se sente culpada por todas as vezes que se exalta com a filha.

Paula já se sentiu culpada porque seu filho estuda numa escola que está longe do que concebe como uma prática educacional libertadora. Culpa-se ainda, embora lute contra isso, todas as noites que precisa sair de casa para atender suas clientes e deixa seus filhos dormindo. Culpa-se pelo excesso de trabalho que lhe ocupa muito tempo fora de casa.

Valéria se culpou quando decidiu não abdicar do seu mestrado em outra região do país e, assim, não tendo o que fazer, sem o apoio do companheiro, levou consigo os seus filhos. Lá chegando os viu chorar pela precariedade das condições da casa em que morariam durante o tempo do curso.

Passou todo um semestre se culpando porque seus filhos ficavam trancados em casa o tempo todo enquanto ela estudava, pois tomava a reclusão em seu domicílio como a medida de segurança mais acertada naquele momento para eles. Sucumbiu ao perceber a tristeza dos filhos. Passou a levá-los para a universidade e lá passavam o dia. Culpou-se por isso também. Desistiu de mantê-los consigo.

Entre um semestre e outro resolveu retornar com eles para casa e os deixou sob os cuidados de sua mãe e irmãos. Voltou ao mestrado sem os filhos, em outra região do país. Certa de que fez a melhor escolha para eles, mas ainda assim se culpou pela saudade que se estabeleceu.

Rosa se culpa por ter trabalhado toda a vida e ainda assim não ter construído patrimônio material para os filhos. Por alguma razão, talvez por ter vivido uma história de grande pobreza, ela considera isso mais importante que o tempo que deixou de viver com eles.

Brenda se culpa por retornar ao trabalho e deixar sua filha de meses sem o aconchego de seu seio. Entende que sua renda é determinante para a família e, por esta razão, passou toda a sua licença maternidade cogitando possibilidades de não precisar retornar, mas também não precisar abster a si e sua família da sua renda. Voltou ao trabalho, não teve opção. Sofreu.

Tati, assim como Brenda e Paula, culpava-se toda vez que percebia extensa a sua rotina de trabalho. Sua pequena passava tanto tempo com a avó que a chamava de mãe e a ela, a mãe, chamava pelo nome. Doía. Era algo que fazia parecer ter pedras na garganta toda vez que ouvia seu nome saindo da boca de sua filha. Na busca de contornar a situação, mudou de emprego uma, duas, três e quatro vezes. Até que parou de se cobrar. Era arrimo de família.

Sua filha, assim como sua mãe, dependia do retorno material do seu trabalho. Desencanou. Construiu os laços com sua filha, da melhor forma que pôde.

Ana sentia-se culpada ao ver dos seus seios, vazando leite enquanto transitava pelos corredores da universidade. Seu filho tinha apenas trinta dias de nascido quando o semestre iniciou. Ela já havia sido reprovada em uma disciplina no semestre anterior, devido a uma dificuldade para conseguir a licença maternidade que era de direito seu. Não queria mais problemas. Voltou. Não teve licença, como deveria. O seio doía. Doía muito. Vazava. E, ao chegar em casa, ouvia de sua sogra o quanto o bebê havia chorado. Chorava de novo. Culpa. Dúvida. Mas a vida seguiu.

Márcia se culpa porque não tem tempo de lazer com seu filho. Apesar de estar com ele todos os dias, está sempre presa ao cumprimento de tarefas que não lhes permite uma convivência mais leve e divertida. Quando não está trabalhando e seu filho na creche, estão em casa, ela sempre a organizar as tarefas domésticas para que no dia seguinte a vida esteja minimamente ordenada para ir ao trabalho e seu pequeno para a creche. Cobra-se por isso. Repete para si mesma que precisa de tempo de ócio junto ao seu filho, mas não sabe como fazer isso. Aos finais de semana e feriados, a criança está com o pai para que ela possa frequentar um curso de línguas necessário ao mercado de trabalho no qual atua.

Carla se culpa por não ter investido numa carreira antes da chegada de seu filho. Hoje, sente a necessidade de dar continuidade a sua formação para alcançar melhor colocação no mercado de trabalho, mas se vê impossibilitada. Sendo ela a única responsável financeira pelo filho de oito anos, não vê forma de reduzir sua carga de trabalho para voltar a estudar. Mantém-se na corda bamba em busca do equilíbrio. Está sempre entre a culpa e o acolhimento de si e de sua condição real de vida que não permite fazer mais do que consegue hoje.

E eu, enquanto mãe? Eu me culpo por tantas coisas que não poderia dizê-las senão diante de uma terapeuta, mas, creio que não seja justo não me colocar nesse exercício de reflexão e autoavaliação. Sim, me culpo. Me culpo, assim como Paula, porque minha filha está numa escola que esmaga os sujeitos para colocá-los dentro de caixas padronizadas, principalmente, porque ela lá está para atender às minhas necessidades de dedicação à construção de minha carreira.

Me culpo, assim como Clara, porque às vezes estou impaciente com minha filha e acho que isso é muito mais que uma dificuldade minha que mau comportamento dela.

Me culpo, assim como Valéria, porque não abro mão da minha carreira acadêmica e, assim sendo, vivendo unicamente com minha filha e sendo por ela responsável, quase sempre

preciso levá-la comigo à universidade afim de conseguir cumprir meus compromissos, algo que não parece agradável a uma criança de apenas três anos.

De antemão, me culpo, assim como Rosa, por não saber se toda essa luta que hoje travo será suficiente para nos proporcionar uma vida material razoavelmente confortável no futuro. Há em mim uma grande dúvida sobre valer ou não à pena abdicar de uma convivência mais tranquila e dedicada à minha filha em vez de nos lançar num ritmo frenético de vida só para dar conta de um eterno porvir.

Como Brenda, me culpei por ter retornado ao trabalho ao término da minha licença maternidade. Diferente dela, não consegui administrar a situação, mesmo estando num momento em que financeiramente era a minha renda que segurava a vida familiar. Saí do trabalho.

Me afastei da profissão. Depois de um tempo retornei e, mais uma vez, me culpei por isso também. Não sabia se valia à pena. Nunca sabemos se valerá. Voltei porque, apesar de ter ficado inteiramente dedicada à minha filha, o que eu julgava o correto e mais justo com ela, com o tempo, não me pareceu o mais correto e nem o mais justo comigo.

Assim, a partir de outras, vejo o meu reflexo, um bocado de mim em cada uma delas. Cada vez mais tenho percebido que a maternidade é uma eterna e tensa disputa entre o ideal e o real possível. E isso, esse sentimento que oscila entre o que a mulher considera correto e justo consigo, correto e justo com seus filhos, se faz bastante comum que de maneira bastante sutil, quase imperceptível, se lance num poço profundo de culpas infundas, que a sociedade preparou para nós.

Todas nós, essas mulheres com as quais dialoguei ao longo da pesquisa e eu, temos em comum, além da culpa, a superação desta. Todas nós, apesar de termos em determinados momentos nos sentido culpadas, com o tempo, contornamos tal sentimento e trabalhamos com as possibilidades reais do contexto de vida de cada uma. Considerar o melhor possível dentro de nossa realidade de vida é um exercício fundamental para aprendermos a desconstruir a culpa, revalidando as ações e decisões tomadas com base em nossas intenções de acerto e de não conformação com as opressões que nos sobrevém.

Aprender a lidar com a culpa maternal, parece que tem sido algo primordial para a organização e resistências das mulheres em seu caminhar pelos trajetos que levam ao autorreconhecimento e posicionamentos políticos diante da sociedade em que vivemos. Tudo se torna mais leve quando consideramos nossas ações como um “fazer possível” para cada situação que se apresenta.

TODA MÃE É MARIA ALGUÉM

Em época de grande avanço nas tecnologias de comunicação, as redes sociais e canais de contato estão aí para facilitar a vida. É comum que se formem grupos no WhatsApp com a intenção de facilitar a comunicação. Isso acontece inclusive, nas escolas de nossos filhos. Sempre tem alguém disposto a unir os responsáveis da turma do filho num grupo a fim de compartilhar informações consideradas relevantes sobre as atividades escolares. Neste contexto, observamos algo que não é novidade, mas sim uma prática consolidada em nossa sociedade e que se reproduz em múltiplas formas e espaços de interação.

Primeiramente, é bastante comum que a escola e a sociedade de modo geral, considerem a mulher a responsável primeira, senão única, pela vida escolar dos filhos. Normalmente, na educação infantil, os recados enviados pelas instituições de ensino, são a ela direcionados. É com a presença dela que contam nas reuniões de “pais e mestres”. E, comumente, é para ela que telefonam quando algo acomete à criança durante o horário escolar.

Além dessa responsabilização unilateral da mulher com relação aos filhos, nos deparamos ainda com a construção de uma personagem que serve para submetê-la ao seu ‘devido lugar’ na organização da sociedade em que vivemos. A personagem a que me refiro é a ‘mãezinha’ ou ‘mãe da (o) fulana (o)’. E, confesso me policiar bastante para não adoçar essa prática tão comum e que retira das mulheres sua identidade, mas, não raramente, me pego cometendo esta reprodução.

A construção da mãezinha vem desde o momento em que a mulher e os outros tomam consciência da gestação. Já nas instituições de saúde, ao longo do acompanhamento gestacional, passa a ser tratada por mãe ou mãezinha. A reflexão que faço é que por trás da fala carinhosa podemos perceber uma forma bastante sutil de soterramento da identidade de cada mulher enquanto ser que é, foi e continuará a ser.

A referida personagem dá vida a expressões corriqueiras que permitem a manutenção da ideia da mãe ideal que não se incomoda com os sacrifícios que deve fazer ‘naturalmente’ pelos filhos, pois, tal postura de resignação deve vir acompanhada de muita felicidade e beleza, já que é algo feito com muito amor e dedicação.

Funciona como uma licença para ter apreendido o documento de identidade civil, deixando de ser a pessoa X para ser a mãe de alguém. Ser mulher é difícil, mas ser mulher e mãe pode ser cruel. Quando mãe, os caminhos tornam-se um gigantesco labirinto onde é

muito fácil nos perdermos ou desistirmos. Deixar de ser a pessoa X, que é por si e para si, para ser a mãe de alguém por quem deve abrir mão de si e do para si, para ser somente para ele e por ele.

Penso que ao sermos construídas desde o nascimento até a vida adulta para crer em tais ideias que fomentam o ser mulher numa sociedade que prepara e guarda para nós lugares subalternizados e isolados no espaço privado, fica bem mais fácil sucumbir diante do sistema de opressão machista de nossa sociedade que age sem pausa sobre nós. É aí que se consolidam os pensamentos de que a maternidade é entrega total, é abstenção, é cerceamento e que devemos nos conformar porque isso é algo que logo passará e, assim sendo, devemos com muita resignação aguardar o nosso momento de voltar a ser pra si e por si.

Que mulher que é mãe nunca ouviu tantos apontamentos sobre o que é ser mãe e sobre o que não se pode fazer por assim ser? Mãe não come; mãe não dorme; mãe não tem vida sexual; mãe não se diverte com outros adultos, sem os filhos; quem vai ficar com seu filho para você trabalhar/estudar? Quem? Quem? A sociedade se refere aos filhos como se nós mulheres, ‘as mães’ fôssemos as únicas responsáveis por eles, as únicas a dever abdicação para que eles se tornem, sejam.

Escuto de muitas mulheres que vivem só com seus filhos, sobre o quanto são cobradas por amigos e familiares até mesmo quando seus filhos passam tempo com os pais, com os homens. É comum que ao informar a alguém que pergunte, ao vê-las sem os filhos, por onde andam estes, que estão com o pai, imediatamente surjam indagações sobre como têm a capacidade de confiar que homens cuidem de seus filhos? Dizem isso para emendar falas que trazem cenários trágicos de desgraças que homens cometeram contra os filhos. Quando tais falas vêm de outras mulheres, geralmente uma familiar bem próxima, mãe, avó ou tia, elas emendam exaltando a medalha de honra que supõem ter no peito dizendo: “eu nunca deixei meus filhos sozinhos com o pai. Nunca. Não confio. Homem não sabe cuidar direito de criança”. E, assim, mais uma vez, reforçam o mito da predestinação feminina e de seu instinto maternal. E, por vezes ainda, dependendo do nível de autorreconhecimento dessa mulher que é mãe e que compartilha sim os cuidados dos filhos com o homem que é o pai, elas caem num novo ciclo de preocupação que leva à velha e já conhecida culpa.

OS MEUS OUTROS E EU

Falo aqui, com mulheres que se depararam, a partir da maternidade, com determinados embates e tensões que somente se apresentaram a partir do encontro delas com esse outro específico que é o filho. Para me fazer entender, esclareço a relevância com o qual compreendo a relação eu-outro como base teórica para o desenvolvimento desta pesquisa. Tal compreensão se faz importante pelo fato de eu tomar como perspectiva o dialogismo de Bakhtin, que se estabelece num processo de interlocução.

O outro é aquele que generosamente me emprestará sua visão sobre mim e sobre o mundo, permitindo que eu alcance os meios para a construção de sentidos. É como se eu não me bastasse a mim mesma, por ser incapaz de me enxergar por completo. Olho-me e só vejo partes, nunca o todo sob um acabamento. Tal acabamento não virá de mim, mas sim do outro, de um olhar exterior e diferenciado do meu. O outro, este sim, me verá por completo (AMORIM, 2006).

Partindo das ideias de Bakhtin, sobre a referida teoria do dialogismo que se estabelece na relação eu-outro, os sujeitos são considerados indissociáveis, já que aponta uma relação de coexistência entre eles.

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. (BAKHTIN, 2011. p 374)

O outro é o mais importante da relação, pois é somente através deste que se torna possível a constituição do eu. O dialogismo traz em si o diálogo como objetivo primeiro e, para que o mesmo seja estabelecido, faz-se necessário compreender que este é, primeiramente, um ato e é um ato bilateral, no mínimo. Entendemos o diálogo como ato no sentido mais objetivo do termo “ação”, pois, em Bakhtin, ambos os sujeitos envolvidos no diálogo estão em posição ativa. Há aí o ‘eu’ e o ‘tu’. O eu, mesmo quando acredita iniciar um diálogo, sempre o faz num movimento que pretende uma resposta ao tu, mesmo que não haja consciência desta pretensão. Enunciar em direção ao tu quer dizer tomar um posicionamento

ativo e responsivo diante dele. É nesta intenção que está focado o discurso do eu falante. Partindo deste pensamento, afirmamos que todo enunciado é direcionado a um 'tu'.

O tu é esse outro que tem importância singular na constituição do eu, assim, é se inclinando totalmente a ele que o eu pensa, produz e enuncia em resposta ao outro, os discursos que são uma tentativa de compreender os sentidos de vida deste outro e, ainda, expressar os seus próprios sentidos. No limiar dessa relação entre o eu e o outro, delinea-se uma arena de enfrentamentos onde tensões são produzidas. Estabelece-se ali, naquela zona, confrontos que acabam por determinar os enunciados daquele que fala, o eu (BAKHTIN, 2016, p. 115).

Ao longo dos diálogos estabelecidos, segundo o dialogismo de Bakhtin, há a alternância dos lugares ocupados pelo eu e pelo outro. As posições de falante e ouvinte não são fixas, mas sim, determinadas pela noção de espaço-tempo, ou seja, o que determina o sujeito que fala e o sujeito que ouve é o aqui-agora. Daí reforçarmos a ideia de que ambos envolvidos num diálogo são, e sempre serão, ativos, visto que um diálogo pressupõe a expectativa de contraponto, de resposta, de continuidade. Podemos verificar que ao término de um discurso – o discurso do eu –, espera-se que aquele – que enquanto ouvinte se posicionava como o outro –, tome para si o lugar de fala, deslocando-se desta forma do lugar do outro para o lugar do eu, aquele que enuncia no espaço-tempo aqui e agora, em resposta ao seu interlocutor.

A ideia de espaço-tempo nos convoca a contextualizar os discursos apresentados por seus sujeitos, em seu tempo histórico e lugar social. Aliás, Bakhtin reforça que a língua é por natureza dialógica. Sendo dialógica, a língua permite a construção e a enunciação de discursos que são lançados aos outros e, assim, acabam sendo parte de um processo de trocas, que tece sentidos e ressignificações, caracterizando-os como uma construção social (BAKHTIN, 2016, p. 118). O que torna a língua – e sua transfiguração em fala, o enunciado –, em dialógica, logo, social, é o trânsito e a fusão de ideias que ocorre dentro deste processo. A troca produz o social.

A pesquisa proposta teve como objeto de discussão¹⁰ as maternidades e as vivências por elas atravessadas. Logo, mulheres que têm sua atuação no mundo atravessada pela experiência da maternidade, e isso inclui a mim (indivíduo) e minhas experiências também, se constituíram como sujeitas desta pesquisa, como interlocutoras que dialogaram comigo

¹⁰ Propus uma pesquisa que desejou discutir com mulheres, a maternidade, em lugar de analisá-la. Abri mão de uma ideia de análise, visto que entendo que tal processo busca duas situações que não posso almejar tendo como base o dialogismo de Bakhtin, a exatidão e o estabelecimento de uma verdade. Assim sendo, discuti, mas não analisei no sentido de dar uma conclusão que pudesse por fim à discussão.

(pesquisadora) sobre o objeto maternidade. Deste modo, as reflexões aqui apresentadas, partiram dos discursos que encontrei sobre a condição da mulher e suas vivências a partir da maternidade, considerando única a experiência de cada uma dessas mulheres.

Para Bakhtin, a relação que se tem com as palavras do outro acerca de um determinado objeto de discussão é algo de extrema relevância e que vai determinar não somente o discurso do eu no processo dialógico, mas ainda seu posicionamento responsivo e responsável diante do mundo. Compreender tal relação é alcançar a possibilidade de compreender as respostas outras que se apresentarão nesta cadeia dialógica de enunciados.

Ao esclarecer anteriormente que esta pesquisa se deu tendo a maternidade como objeto e mulheres como interlocutoras que me ofereceram a possibilidade de dialogar sobre esse objeto, estou apontando que a opção feita por mim, foi por uma metodologia de pesquisa que se deu “com” o outro e não sobre este. Desta forma, Bakhtin afirma que em se tratando da pesquisa em ciências humanas, inevitavelmente o contato com o outro acontece e, este outro é de fato um ser dotado de capacidade expressiva e de fala. Assim, ocorre o encontro entre partes igualmente pensantes, ativas e expressivas, o que gera a constituição do pensamento dialógico que se forma na zona de confrontos entre o eu e o outro.

A indissociabilidade entre mim e o outro se configura quando compreendo que é este outro que me confere existência e não o contrário. A ideia que Bakhtin traz é de que eu nunca inicio um diálogo, pois este sempre será a tentativa de responder ao outro que me interroga. Daí entendermos que a palavra se dirige. Sempre. Não há discurso que não objetive responder a algo ou a alguém e, por esta razão, inevitavelmente, meus enunciados serão produzidos de maneira direcionada.

Ao olhar para tantas mulheres que, como eu, viveram e vivem o desembocar da maternidade em suas demais atuações sociais, vislumbro que esteja posicionada diante de um espelho que me possibilita uma percepção melhor sobre o que eu sou em meio às minhas próprias vivências. Por vezes, o que vejo, me causa espanto, pois são visões que eu sutilmente ignoro ter sobre mim mesma. Assim, os meus outros, me levam, em muitos casos, a um choque de realidade que insisto em fazer de conta não ver. Para o eu, seria confortável que continuasse a se imaginar pleno, inteiro e acabado e, se assim fosse, ele se acomodaria pretensiosamente nas verdades que teima em construir sobre si próprio.

Sem as minhas outras nesta pesquisa, talvez, me posicionasse de forma a optar pelo silêncio. Silêncio este que fora constituído, como dito antes, a partir do meu encarceramento em mim mesmo e que forjava a ideia inicial de que as dificuldades advindas com a maternidade, eram particulares e nada além disso.

Lá estava o meu eu, sentindo-se adequado em mim mesmo, até que, involuntariamente, me percebi invadida, rompida, desestruturada e atravessada pelas outras que me cercavam e suas vivências. Elas chegaram e me obrigaram a embaralhar as peças do quebra-cabeça ao qual havia me dedicado tanto para montar. Vieram contra o meu eu, impulsionando a expansão de todas.

O que compreendi, então, foi que o meu eu estava incompleto. Elas me informaram sobre a necessidade de responder à vida e às questões que nos esmagavam a todas, de maneira ética e responsável. Após este processo de identificação alteritária, tomei para mim suas vivências, percebendo que estas não eram novidade desta geração de mulheres e, muito menos, algo que devesse ser mantido em sigilo a fim de evitar expor algo passível de denunciar ao mundo uma falsa ideia de incapacidade individual. Do contrário, era algo que há muito vociferava sob a esperança de que, urgentemente, houvesse ouvidos capazes de ouvir e compreender como algo que diz respeito a toda a sociedade e não somente a nós, que do interior da maternidade lutamos e resistimos em busca de espaços outros.

VAI CAMINHANTE...

OS DESCAMINHOS DA PESQUISA

Desenvolver uma pesquisa é algo que, necessariamente, deve ser planejado, porém, não podemos cometer a prepotência e, talvez, grosseria intelectual de crer que tal processo se dará sob meu controle em toda sua plenitude. Pesquisa é questionamento e, neste caso, alguns serão respondidos e outros não, alguns serão plausíveis e sustentáveis e outros não, alguns serão necessários e outros nem tanto. Portanto, pesquisar é planejar, porém, tendo em mente que muitos caminhos e muitas possibilidades se apresentarão no decorrer do processo e será determinante para a continuação e qualidade do trabalho que a pessoa pesquisadora esteja pronta para enfrentar momentos de decisão e de tomada de responsabilidade sobre para onde e como conduzir a pesquisa, atendendo às convocações de mudança, mas, nunca abrindo mão da responsabilidade que lhe cabe assinar pelas suas escolhas, verdades e perspectivas. É a partir de tal assinatura que delineamos o nosso espaço no mundo.

Muitas vezes, faz-se necessária a construção da capacidade de abrir mão de decisões feitas e tomadas como definitivas, anteriormente. Faz-se necessário que estejamos aptos a nos posicionar e reconhecer nossa responsabilidade com o trajeto tomado na pesquisa, a partir de nossas escolhas. Fazer pesquisa, não é fácil, muito menos simples, porém, é um trabalho que, se feito com a seriedade e comprometimento justos, pode nos conduzir, para além do cansaço, dos percalços e desânimos, ao êxtase e ao êxito.

Desenvolver uma pesquisa, creio, seja ao menos em parte, parecido com o ato de criar um filho que foi desejado, pois, será a realização do pesquisador com relação à pesquisa, assim como da mãe com relação ao filho, convencer-se que fez o melhor que podia, para obter o resultado que se apresentará e que, apesar de todas as dificuldades passadas e superadas, foi possível ser feliz diariamente, ao menos uma vez ao dia, enquanto sabia que fazia sua parte.

Ao final de tudo, espera-se que todas as dificuldades sejam convertidas em experiência, pois é quando se torna possível contemplar aquilo que está carregando em si, o que acreditei ser, em dado momento, o melhor de mim, me perdoado por todas as incapacidades e limitações.

Pesquisar é construir um caminho e, para tanto, o estabelecimento de metas e objetivos a serem alcançados ao final deste, é a melhor forma de conduzir o processo. É a partir daí, dos objetivos traçados, que será possível definir quais passos me serão pertinentes, para que eu construa e percorra o tal caminho da pesquisa a ser desenvolvida.

Inicialmente, eu me dispus a trabalhar com a temática Maternidade e Negritude, tendo como base para discuti-la, questões que permeassem a relação mãe-filho no contexto racial estruturado historicamente na sociedade brasileira. A intenção era trabalhar com mães de sujeitos negros, através do estabelecimento de um diálogo, onde buscava narrativas acerca de: “o que é ser mãe?”, “o que é ser mãe de sujeitos negros num contexto racial como o nosso?”, “percebe a maternidade como uma forma para trabalhar questões ligadas à raça, racismo, pertencimento étnico-racial e/ou preconceitos?”, “que inquietações carrega com relação aos filhos, diante do nosso contexto racial, há alguma inquietação de fato, já pensou sobre?”, entre outras questões que naturalmente surgiram a partir dos encontros entre mim e meus outros.

Não demorou muito para que “as outras questões” surgissem e se apresentassem como guia chefe, dando ordenamento para este trabalho e apontando para as direções a serem rumadas. Após conversar com a minha primeira sujeita de pesquisa, mãe de sujeito negro, percebi que me ater à questão étnico-racial somente, não seria possível.

Ao passo que consegui viver com Paula, o primeiro encontro destinado à questão inicialmente proposta para a minha pesquisa, notei o quanto de esforço necessitei fazer para colocar em pauta a relação da mãe ali presente com a negritude de seu filho. Durante todo o tempo em que conversamos sobre o que seria ser mãe de um indivíduo negro em nosso contexto racial, fomos atravessadas, atropeladas, talvez, pelas nossas maternidades. O fato se deveu à impossibilidade que tivemos ambas em fazer tal encontro com a tranquilidade exigida a uma pesquisadora e sua interlocutora, pois, não tivemos, durante mais de dois meses, a chance de encontrar alguém que nos auxiliasse com nossos filhos para que a conversa acontecesse. Sem opção, nos encontramos em presença das nossas crianças, o que tornou o trabalho bastante difícil.

Paula e eu, nos movimentando o tempo todo para mediar as tensões entre nossos filhos, ao passo que nos esforçávamos imensamente para não perder o fio condutor das últimas reflexões que tínhamos feito naqueles minutos que antecediam às pausas. Foi impossível levarmos para aquele dia somente a pesquisadora e a interlocutora, de alguma forma, sem que pudéssemos fazer escolhas, precisamos levar junto as mães que somos.

Havia ali, da minha parte, um esforço imenso para ouvir de Paula o que pensava sobre a negritude de seu filho. Mas dela, só ouvia falas e via expressões sobre as dificuldades de ter

um filho e ‘dar conta’ de todo o resto. Era a dificuldade de nos encontrarmos, a dificuldade de ter quem buscasse o filho na escola, a dificuldade para estar no trabalho, a dificuldade de cumprir compromissos, dificuldade de ter lazer, dificuldade para aprimorar sua formação e sair daquele amontoado de impossibilidades. Todas as dificuldades apontadas se relacionavam ao fato de não ter o que fazer com o filho para que pudesse estar em espaços atuando de formas diversas ao papel de mãe.

De alguma forma, as dificuldades que Paula apontava se pareciam com as minhas e de muitas outras mulheres ao meu redor. Comecei a perceber uma geração de mulheres extremamente cansadas, porém resistentes que não abriam mão da maternidade, mas também não desejavam que esta fosse o centro de suas vidas. Percebi o meu redor um mundo de mulheres que já tinham a sua presença naturalizada no mercado de trabalho, nos espaços de formação, nos locais de lazer da cidade, mas que não tinham com esta naturalização o acolhimento necessário para ali estarem saudavelmente. Comecei a pensar a que custo, uma mulher que é mãe, consegue adentrar e se manter mundo afora do seu espaço privado. Ei aí, neste momento, o surgimento de um novo desejo, de uma nova pesquisa.

Como o dialogismo de Bakhtin é a teoria que nos aponta a interação entre os sujeitos, logo, a vida é naturalmente dialógica. Desta forma, entendo que assim é, até mesmo quando se dá a partir dos silenciamentos. É na relação do eu com os outros que os pensamentos e as vivências se fundem e produzem sentidos. Não há o eu sem que haja o outro, suas existências são diretamente proporcionais.

Pautando-me neste olhar de Bakhtin, compreendi o quanto o outro encarnado nas vivências de Paula me oferecia ali, uma possibilidade outra de pesquisa. Precisei abrir mão de mim, da sensação de poder e controle do meu eu sobre a pesquisa, para me lançar a um desafio outro. O primeiro encontro voltado para a pesquisa inicialmente proposta foi extremamente relevante para o trabalho apresentado aqui. Isso se deveu a uma opção metodológica que visa praticar uma pesquisa onde se trabalha com o outro e não sobre este. Paula foi então, sujeita ativa, falante e expressiva, detentora de vivências únicas capazes de colaborar para a compreensão de sentidos que envolvem uma determinada coletividade, as mulheres que são mães e desejam ter vida com qualidade sem abrir mão de si e de suas múltiplas possibilidades de atuação nas esferas públicas da vida.

Não vejo a pesquisa como possibilidade de subir degraus e me posicionar acima do outro e, assim, me pôr a observá-lo, como se o eu estivesse no auge da sua vivência ativa e ele, o outro, no auge da sua sobrevivência passiva. O eu construindo inferências sobre o outro

e sem qualquer interferência deste. Seria como se a existência do eu, estivesse garantida a partir de mim, somente. Seria o conhecimento do indivíduo sobre a “coisa”.

Esta forma de pesquisar não cabe em mim e creio, não deveria caber em nenhuma pesquisa em Ciências ditas Humanas, pois, segundo Bakhtin, “as ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural” (2011, p. 312). Seria uma forma de ignorá-lo, pois, creio, quando coisificamos sujeitos, não os emudecemos. Na verdade, tapamos nossos ouvidos, nos posicionamos de forma a não considerar suas experiências e suas narrativas compostas por estas. Os sujeitos, mesmo coisificados pelo pesquisador, não se calam. Nunca. Mesmo em silêncio, produzem sentidos, pois não estão deixando de se posicionar, de forma alguma. Se estou diante de sujeitos, que são por natureza dialógicos e que não emudecem nunca, mas sempre estão a responder à vida, não há outro tipo de conhecimento a ser construído entre pesquisador e pesquisado, que não seja o dialógico.

Estou certa do quanto é indispensável que em minha pesquisa haja o encontro entre mim e minhas sujeitas, não há outra forma de nos (re)conhecermos que não a partir de um movimento de troca entre nós. O encontro é isso, é a via de produção deste (re)conhecimento que se quer dialógico. Meus interlocutores são minhas sujeitas de pesquisa e não meu objeto, pois, segundo Bakhtin, “reduzir o outro a um objeto é ignorar-lhe a característica principal: a saber, que é justamente um sujeito, ou seja, alguém que fala – exatamente como estou fazendo ao dissertar sobre ele.” (2011). Além disso, como eu disse, minhas interlocutoras são sujeitas e não a-sujeitadas. Trazem consigo, assim como eu, discursos e vivências outras.

Para manter esta interação, as vozes que falamos, não necessariamente se fundem num todo inteiriço, pois isto, talvez, soterrasse as mesmas. Então, prezando pelo encontro entre mim e minhas sujeitas e pela problematização do produto confeccionado por nós, não me coube impor limites às falas e questões que ali se estabeleciam. Num momento em que um sujeito fala com outro sujeito que fala, parte-se para a troca e a incompletude, logo, cercear as enunciações seria um crime ao teórico base deste trabalho e ainda à minha concepção de reconhecimento e respeito ao outro.

Inicialmente – a saber, com as duas primeiras mulheres com as quais conversei – optei por viver encontros agendados e organizados unicamente com o objetivo de atender à pesquisa que trago. Para que fosse possível encontrar com Paula e Valéria, entramos em contato, agendamos um dia e um horário possível para nos encontrarmos e determinamos que conversaríamos sobre a questão de pesquisa que eu trazia. Eu claramente as convidava ao diálogo como sujeitas pertinentes à pesquisa.

Paula e eu nos encontramos em minha residência. Já com Valéria, o encontro se deu num bar. Em ambas as ocasiões, eu estava devidamente intencionada em falar especificamente sobre a maternidade e a formação dos sujeitos negros. Elas também já foram cientes do assunto. Fui devidamente munida de meu material, um caderno e um lápis. Optei por não gravar as conversas porque quis, desde o início, trabalhar a partir da minha memória e suas construções acerca dos diálogos. O caderno serviu para fazer anotações objetivas como nome das mulheres, formação, nome dos filhos, profissão, local de trabalho, essas coisas. Não fico à vontade em dizer que trabalhei com um caderno de campo, pois, por fim, este não existiu. O que tenho, aí sim, posso afirmar, é memória de campo e foi esta uma opção minha para a condução deste trabalho, pois acredito que a memória só guarda o que considera relevante.

As demais mulheres com as quais tive contato para a construção desta pesquisa, o tive de maneira bastante despreziosa. Já não havia mais os agendamentos, os dias e horários marcados e locais específicos. Menos ainda, havia a consciência, delas e minha também, de que dialogaríamos de forma a atender à pesquisa. Me dei conta que o mundo está repleto de mulheres que são mães. Elas estão na universidade, no mercado de trabalho, no supermercado, na fila do pão, na fila do banco, nas lojas de roupa, nos sex shops, nos barzinhos, nas baladas, nos encontros, congressos, movimentos políticos, porta de escolas, no ônibus, no trem e no metrô, na casa dos vizinhos, na família, nos salões de beleza, nos terreiros de umbanda e candomblé, nas igrejas católicas e protestantes, na arte, na esquerda e na direita do país e em todo o resto do mundo. Há mães em todos os lugares, de todos os tipos, das mais variadas formas, com as mais diversas visões de mundo. Eu percebi que vivia e vivo, eternamente, no campo necessário a esta pesquisa. O que eu precisei fazer foi parar de procurar e, somente, encontrar as experiências de maternidade que me cercavam o tempo todo.

Um dia, eu estava no corredor da universidade e lá encontrei uma história de maternidade. No outro, estava no banheiro e em outro, no grupo de pesquisa. Encontrei histórias lá também. Às vezes, alunas. Às vezes, professoras. As histórias vinham até mim. Certo dia, encontrei uma experiência de maternidade exposta no balcão da padaria da esquina da minha casa. Encontrei histórias no sofá da minha casa e num desabafo feito via mensagens. Ganhei histórias dentro da minha turma de mestrado e em muitos outros lugares. Tenho histórias para muitas vidas, mas nem todas estarão presentes aqui.

A partir do momento em que passei a considerar o mundo o meu campo de pesquisa, passei a construir histórias baseadas nas experiências reais daquelas que traziam tais vivências

até mim. Aquelas mulheres se tornavam personagens de vidas que em muito se pareciam com a minha. A minha vida, em muitas formas, se parecia com as histórias delas. Confundimo-nos. Tornamo-nos espelhos. Elas, em maioria, se diziam cansadas, mas otimistas com a ideia de que tudo passaria em breve.

Eu, daqui, dizia a elas que aquelas vivências não eram tão particulares assim e que haveria, ou deveria haver, formas para que não nos pesassem tanto como pesavam. Elas falavam de suas vidas privadas. Eu, do lado de fora, dizia que aquilo tudo era parte de uma estrutura devidamente construída e que não mais deveríamos aceitar que fosse assim. Estive e estou o tempo todo a afirmar que há chances da maternidade ter para nós um peso diferente e que eu faria um grande esforço para convocar à reflexão, através das histórias delas, sobre como as mudanças necessárias podem ser pensadas e praticadas.

Pela forma com que os diálogos foram estabelecidos, diferenciadamente depois da segunda experiência vivida nesta pesquisa, as narrativas são apresentadas em estilos diferentes neste texto. Tal diferença fica bastante evidente quando as histórias são lidas, todas como narrativas, porém, as que concernem à Paula e à Valéria, se apresentam por uma descrição cronotópica bastante minuciosa, já que foram eventos, encontros em que eu estive participando diretamente, pelo lado de dentro, junto à Paula e Valéria. Já as demais histórias se deram a partir de fragmentos de diálogos rápidos, em espaços vários onde situações outras, que não ligadas a mim, a elas e à pesquisa, ocorriam. Desta forma, para a constituição das histórias aqui apresentadas, lancei mão da pouca criatividade de escrita que tenho. Frisando bem que, apesar de haver uma construção fictícia em torno da apresentação das histórias, todas elas trazem situações reais apresentadas a mim, diretamente por aquelas que viveram tal situação. A ficção de que falo, se deu no que diz respeito à arte, ao acabamento estético de cada história aqui apresentada.

A forma de apresentação dos resultados parece-me algo estético e, como tal, não deveria ser utilizada como ferramenta para desqualificar um trabalho feito atendendo aos critérios acadêmicos de desenvolvimento. Portanto, a partir de Bakhtin, creio que “todo texto verdadeiramente criador é sempre, em certa medida, uma revelação do indivíduo livre, e não predeterminada pela necessidade empírica” (BAKHTIN, 2011, p. 311).

Outra informação de suma importância é que optei por modificar os nomes de todas as mulheres com as quais dialoguei, no ato da construção das histórias, devido a uma busca minha em sentir maior conforto e liberdade no ato de criação do texto de cada história.

O diálogo com Paula, estabelecido a partir da questão “o que é ser mãe?”, me mostrou que esta primeira pergunta estava, naquele momento, para aquela mulher, mais forte que a

última questão “o que é ser mãe de sujeitos negros num contexto racial como o nosso?”. Ficou claro também que para ela, as questões relativas às construções conservadoras de gênero são as que mais incomodam na formação que vislumbra para seus filhos e isso esbarra na relação que tem estabelecida com seu companheiro, pai dos meninos. A questão de gênero pesa para Paula, justamente porque ela se posiciona politicamente sobre tais questões, em sua casa, no seu casamento.

Valéria, por sua vez, acabou falando muito pouco da relação que estabelece com seus filhos negros, um casal. Nosso diálogo acabou sempre apontando mais fortemente para as dificuldades que ela, enquanto mulher e mãe, enfrenta para ser quem é e estar onde está: mulher, mãe de filhos de pais diferentes, há consideráveis anos numa relação afetiva, atualmente, mestranda em outra região do país. Ela reconheceu e apontou diversas vezes em suas falas, os embates implícitos que estabelece com seu companheiro, para conseguir ser.

Ambas as mulheres com as quais dialoguei inicialmente, me empurraram a um lugar de pesquisa onde fosse possível gritar para o mundo, solicitando atenção, sobre o estabelecimento de um preço altíssimo que vem sendo perversamente cobrado àquelas que são mães e não abriam mão de ocupar tantos outros papéis sociais. Tudo que encontrei até agora, tem me levado a problematizar a maternidade como um campo de batalha onde se desenrolam lutas políticas que afetam totalmente as estruturas sociais que conhecemos até o momento.

Apresentarei as narrativas oferecidas pelas vivências das mulheres com as quais dialoguei, sob uma ótica que se pretende feminista. Quando falo de ótica feminista, não necessariamente estou apontando para o feminismo como teoria, mas como vivência pessoal de resistência que permite ser reconhecida como um movimento de quem é feminista. Almejando com isso, que este trabalho possa promover um espaço de debates e reflexões mais amplas e críticas sobre a necessidade de construirmos novas formas de concepção sobre o que envolve ser uma mulher que exerce a maternidade sem se conformar: 1) à manutenção do *status quo*, dado com bases numa estrutura social machista construída a partir do patriarcado e 2) Em abrir mão de todos os demais papéis sociais e posicionamentos políticos que lhes são de interesse.

O COTIDIANO DE MUITAS MATERNIDADES: PARA QUE REPENSEMOS OS LUGARES PERMITIDOS ÀQUELAS QUE SÃO MÃES

Terça-feira, doze de Janeiro de 2016. Já era noite, mas, devido ao nosso horário de verão, mais parecia um período da tarde. Havia ainda muita claridade e cheiro de café e pão frescos pelos corredores do prédio em que resido. Tive a impressão que por cada apartamento que eu passava, havia conversa em torno da mesa, embalada pelo cansaço sutil de fim de dia.

Eu caminhava ao encontro de Paula e João, seu primogênito, que acabavam de chegar. Fui recebê-los no portão. Desci e não os vi, rapidamente me questionei se não haviam chegado ao endereço errado e não no meu, como sinalizou Paula por uma mensagem dizia: “Cheguei!”. Registrava-se neste instante, seis horas e trinta e oito minutos, da noite.

Logo que me interroguei mentalmente se Paula estaria no endereço correto, deparei com o pequeno João saindo do bloco de apartamentos anterior ao meu. Lindo! Como sempre, rostinho emburrado, não por estar zangado ou sensível a alguma atribulação, mas pelo simples fato de ter consigo uma expressãozinha sempre bem forte e séria, o que não anula o fato de ser uma criança sorridente, de afortunada imaginação e fácil socialização com o mundo. Deparei-me com João e, em sequência, Paula, sua mãe, saindo do mesmo bloco de prédios. Ela chamava pelo menino, pedindo que esperasse.

Paula, por definição própria, é uma mulher negra, baixinha, de óculos, cheia de indagações e que tem se desdobrado em vários papéis na tentativa de dar conta do cotidiano que dela tanto exige. O que Paula não vociferou, mas eu faço questão de lhes contar em segredo, é que carrega em seu ventre, mais um fruto. Encontrava-se então, às vinte semanas de uma nova gestação. Paula mais uma vez está gerando vida, fabricando a sua própria gente ou ainda, como ela mesma diz, colocando homem de qualidade no mundo. O novo bebê é um menino e atenderá pelo nome de Luiz Fernando. Verdade seja dita, eu não perguntei se o Luiz será com Z ou com S, mas, por alguma razão, minha mente me convidou a escrever com Z e que Paula perdoe esse meu abuso caso o Luis do seu segundo filho, se escreva com S.

Após encontrar Paula e João saindo do bloco errado, os conduzi até o meu apartamento. Ao entrarmos, O pequeno João, imediatamente, pediu que lhe retirasse as roupas, fazia calor, e ficou somente de cueca. A minha pequena Joana já se encontrava somente vestida de calcinha. Assim, bem à vontade, se puseram a brincar, a explorar o

ambiente que era apresentado a João, pela Jo. Os brinquedos rapidamente foram espalhados por todos os cômodos do modesto apartamento alugado, de um único quarto, onde moramos.

Ao chegar, João já encontrou um ambiente um pouco convidativo à diversão, pois Jo havia espalhado massinha de modelar por toda a sala, principalmente em nosso pequeno rack e pelo tapete. Havia ainda, um pratinho de plástico e algumas colheres pequenas e, ainda, uma espátula para manteiga. Jojo utilizava os utensílios da minha cozinha, para se divertir com as massinhas de modelar. E assim, começaram a interagir. Sempre com muita euforia, João com sua expressão mais séria que Jo, mas muito afetuoso, se interessando, principalmente, pelas bonecas e livros disponíveis no ambiente.

Enquanto os pequenos dominavam o apartamento com suas brincadeiras, Paula e eu nos pusemos à mesa e tomamos um café enquanto colocávamos em dia os assuntos que tínhamos em comum, afinal, temos uma amizade que se deu a partir da nossa experiência com a maternidade e se fez crescer e fortalecer com o passar dos anos.

Paula não é uma desconhecida ou uma mulher para quem solicitei colaboração na pesquisa, por acaso. Somos amigas há pouco mais de três anos. Conheci Paula no dia em que João completava um mês de nascido. Eu contava então, com vinte semanas ou um pouco mais, da gestação da Jo. Como nos conhecemos? Nosso primeiro encontro se deu num grupo de apoio ao parto natural, que oferece informações de qualidade para mulheres que desejam uma gestação consciente e um parto humanizado. O referido grupo se chama Ishtar e cresce cada vez mais pelo país. À época que conheci Paula, nos encontramos, numa reunião que ocorria no bairro de Copacabana, RJ. Os encontros aconteciam aos domingos, de quinze em quinze dias, no mesmo local, zona sul do RJ, às dez horas da manhã.

Paula, moradora da Baixada Fluminense, assim como eu, se levantava bem cedo para conseguir chegar às reuniões, às 10h. O trajeto era longo e cansativo, afinal, gestantes e que haviam mantido a atuação profissional que tomava nosso tempo e energia durante os dias úteis da semana, acordar cedo num domingo requeria de nós muita força de vontade.

À época, o Ishtar, que existe por todo o país, no Rio de Janeiro contava ainda com somente a célula de Copacabana, mas, com o crescimento do número de mulheres em busca de espaços de discussão e aprendizado sobre a gestação e o parto, outras células se formaram. Hoje, inclusive, há uma célula estabelecida há dois anos, na Baixada Fluminense e, aquela mulher, Paula, que conheci há pouco mais de três anos, com sua cria de apenas um mês nos braços e que chegava para dar o seu relato de parto naquela reunião específica em Copacabana, é a mesma que após muita luta e muita correria, conseguiu estabelecer e estar à frente do grupo instaurado aqui na Baixada Fluminense.

Assim se deu nosso encontro primeiro, numa reunião do Ishtar em Copacabana e Paula adentrava o recinto transbordando alegria, com João nos braços, que completava um mês de nascido naquele mesmo dia. Ela trazia para nós, o relato do nascimento de seu pequeno. Eu estava pela primeira vez naquele grupo e, sinceramente, não fazia ideia de tudo que os contatos ali estabelecidos suscitariam em minha vida.

A partir daquele dia, Paula e eu passamos a manter contato, sempre em torno do movimento pela humanização do parto e pelo incentivo à amamentação. Por fim, não sei precisar quando e nem como, a atuação trazida pela maternidade para nós, formou uma amizade que se mantém saudável e nos permite sempre que possível, compartilhar vida.

No que se refere ao encontro feito exclusivamente para atender a minha solicitação de colaboração da Paula, em relação a esta pesquisa, nos sentamos à mesa, tomamos um lanche e falamos sobre intimidades. Enquanto isso, as tensões que são comuns entre as crianças, começaram a permear aquele momento de interação entre João e Joana. Ambos na mesma faixa etária (3a6m e 3a1m respectivamente), se encontravam num período de desenvolvimento que muitas vezes deixa a nós sem saber como agir para frear determinados impulsos. As disputas começaram e se acirraram com tanta rapidez que parecia fogo em palha, incentivado pelo vento, entendem?

Eu havia deixado o som ligado e tocava um cd instrumental que na minha mente limitada e até ingênua, poderia acalmar as crianças e ajudar a manter o equilíbrio e harmonia entre elas, para que não fosse tão difícil desenvolver o meu trabalho de pesquisadora com a Paula. Entretanto, pareceu não funcionar, pelo menos não com tamanha intensidade que minha expectativa imaginava.

De repente, o som foi às alturas. João aumentou de uma só mão, o volume do aparelho, o que cortou a interação e o diálogo que se estabelecia entre mim e Paula. Imediatamente, corri e abaixei o volume do aparelho e Paula foi em direção ao João, dizendo que não mexesse no som porque aquilo não era brinquedo e que poderia causar algum estrago. Jo se manteve como estava, como se nada tivesse percebendo. João acatou a repreensão de Paula e voltou a brincar. Neste momento, voltamos a conversar e resolvemos começar a falar sobre o assunto que permeava o encontro, as indagações acerca da maternidade, o que norteava a minha pesquisa.

Paula se apresentou, deu nome, endereço e CPF. Brincadeiras à parte, falou sobre como se enxerga, sobre sua formação e profissões. Tudo muito rápido e objetivo. A apresentação pessoal, já explicitarei aqui anteriormente. Sobre sua formação, esclareceu ter cursado o ensino superior tecnológico em processamento de dados e pós-graduação em gestão

na área de Saúde. Hoje, Paula é funcionária da prefeitura de Belford Roxo e atua ainda como doula, profissão esta sobre a qual falarei mais adiante.

Paula se definiu, entre outras coisas, como uma pessoa que se desdobra em vários papéis. Eu quis saber a quais papéis se referia e, logo, apontou que os principais deles ou os que mais exigem dela são os de: mãe, em primeiro lugar; profissional, nas duas áreas de atuação e mulher. Para este último, disse sentir que nele está contido uma série de outros papéis: amiga, mãe, esposa – palavra que ela disse não gostar – e, assim, percebeu que na verdade, todos os papéis que desempenha estão dentro do maior de todos que é o de ser mulher.

Nossa conversa foi mais uma vez interrompida, pois João precisava fazer xixi. Jo, logo quis se juntar ao amiguinho e solicitou fazer o mesmo. Paramos a conversa e eu corri para o banheiro com os dois pequenos. Pus João no sanitário primeiro, era o mais rápido e prático: levantei a tampa e ele fez o xixi. Em seguida, Coloquei o redutor de assento no vaso e sentei Jo que logo fez o seu xixi e saiu do vaso. Lavei as mãozinhas dos pequenos que correram em disparada para a sala. Logo voltei à mesa e tentei retomar o raciocínio e o diálogo rasgado pelas necessidades das crianças. Difícil.

Revi algumas anotações que havia feito e pedi à Paula que me falasse um pouco da sua vivência materna. E mal começamos a retomar a sintonia, algo acontece para estremecer a harmonia das crianças. Sem entender muito bem o que acontecia, Paula e eu nos voltamos para tentar compreender os gritos. Jo correu de súbito para debaixo da mesa e João gritava desconsolado se pondo a chorar e indo em direção da Jo que, ao se enfiar debaixo da mesa em que eu dialogava com Paula, ralou o joelho que começou a sangrar um pouco. Pronto! Agora eram duas acrianças aos gritos, chorando.

Logo entendemos, a partir das explicações deles, o que ocorrera. João queria brincar com uma colherinha que estava com Jo, que rapidamente, ao perceber o interesse de João, correu com o objeto em mãos, para se esconder. Eu, de um lado, conversava com Jo, enquanto limpava seu joelho machucado, dizia que seria bacana da parte dela que compartilhasse seus brinquedos com João, pois se viam tão pouco e o coleguinha logo partiria, sem deixar prejuízos para ela. Paula, de outro lado, conversava com João, oferecendo outras possibilidades de diversão, outros brinquedos e objetos, dizendo ao pequeno que respeitasse a vontade de Jo, pois os utensílios eram dela e, desta forma, ele deveria esperar que ela fizesse o empréstimo. Enfim, conseguimos acalmar as crianças e o ambiente. Eles se entenderam e, sinceramente, me falta a memória sobre como se resolveram com relação ao tal objeto, mas,

por fim, lembro bem que voltaram a brincar e Paula e eu, a dialogar. Mais uma vez, dificuldade enorme em retomar o raciocínio sobre o que falávamos.

Paula é sempre muito objetiva e me disse que maternidade para ela, em primeiro lugar e de maior importância, está ligada à responsabilidade. Segundo ela, a noção de responsabilidade que lhe foi trazida pela maternidade foi bem primária, algo que envolvia o fato de ter se visto como a responsável por manter aquele organismo vivo em perfeito funcionamento. Desespero. Disse que se lembra de olhar o pequeno João, assim que nasceu, e pensar que precisava mantê-lo respirando e alimentado.

Em meio às mudanças trazidas pela chegada de João, Paula relatou ter tido acreditado que não daria conta de cuidar daquele ser e preocupou-se. Apontou com muita clareza que o medo que lhe acometera fez com que visse cair por terra a ideia do amor imediato entre mãe e filho. Viu-se tão atordoada por não saber se seria capaz de manter o sopro de vida do João que, simplesmente, não conseguiu encontrar em si o tão falado amor incondicional. Paula se refere hoje, ao Amor imediato e incondicional, como um mito que, para ela, foi destruído quando teve João em seus braços pela primeira vez. O Amor veio, mas não de maneira avassaladora como as águas de um rio agitado que tudo arrasta. Veio como brisa, tão suave que era quase imperceptível. Paula disse não poder precisar com quanto tempo esse amor incondicional se estabeleceu, mas disse que ao falar sobre o assunto, percebe com clareza que o Amor se fez perceptível no momento em que ela viu que era capaz de manter o João vivo. O amor foi identificado, quando a segurança no manejo com aquele ser que dependia dela para respirar, se alimentar e estar limpo, veio. Mas, se isso se deu em três ou dez dias, uma semana ou um mês, Paula não soube dizer.

Estávamos ali, eu, como pesquisadora, no campo de pesquisa, diante de uma interlocutora. Paula, cheia de boa vontade de colaborar com meu trabalho. Entretanto, os conflitos entre João e Jo, se multiplicavam. A gente interrompia o diálogo num curto espaço de minutos. Eles disputavam brinquedos, todos que João encontrava e Jo tinha dificuldade para se sentir solidária e compartilhar. Jo não tinha mãos para pegar tudo que João queria e se irritava por essa incapacidade de proteger seu egocentrismo. João, numa fase mais tranqüila, pulava de um brinquedo a outro, na tentativa de se divertir, mas Jo sempre chegava para afirmar sua posse sobre seus objetos e espaços. Por vezes, iam para o quarto e ficavam relativamente em harmonia, por alguns minutos, pulando sobre a cama.

Paula e eu, da sala, conversávamos, mas com a atenção voltada para os pequenos que estavam em outro cômodo. Paula com preocupação maior, pois eu moro no quarto andar e não

tenho proteção nas janelas, e João é dado a aventuras. Paramos a conversa e ela foi fechar a janela do quarto, assim, pudemos ficar em paz.

Em momentos aleatórios, as crianças apareciam na sala e João, muito musical, ia até o aparelho de som, mexia em alguns botões e dançava. Em meio a toda essa atividade das crianças, elas, desordenadamente, pediam açaí e/ou sorvete que eu havia preparado na intenção de refrescá-los – ocupá-los também – e agradar o paladar, mas logo percebi que não foi uma boa ideia. Elas queriam tomar os preparados de maneira alternada e acabavam por largar sobre a mesa, chegando ao ponto de esbarrar, nem sei quem exatamente, num copo e entornar o conteúdo sobre alguns livros, nada devastador, mas que requereu uma pausa para que eu pudesse limpar a sujeira. Por fim, acho que fiz uma boa escolha em não gravar a conversa com Paula, pois teria sido inviável a audição, por conta do barulho das crianças.

Meu trabalho com Paula seguiu. Perguntei a ela que espaço ocupava a ideia de responsabilidade em sua maternidade hoje. Eu disse que imaginava que a noção de responsabilidade era algo que atravessava a maternidade o tempo todo, isso, partindo da minha experiência com Jo, que é ainda tão curta. O que me levou a tal questão foi o fato dela ter dito que atrelava a ideia de responsabilidade, inicialmente, à manutenção da vida do filho. Paula fez uma pausa, como quem se põe a refletir. Mais que isso, me pareceu que ela ainda não havia parado para se interrogar sobre isso, talvez, por falta de tempo, mas, certamente, não por falta de preocupação. Após uma pausa, as palavras começavam a ser apresentadas sem muita organização, sem muita definição de ideia.

Paula organizou seus pensamentos a partir de uma fala um pouco embaralhada e disse, mais uma vez, tentando ser prática, que sua maior preocupação era com a educação e a alimentação do filho. Explicou que, ao falar que se preocupava com a educação do filho, o fazia no sentido mais básico e restrito (palavras dela) mesmo, no sentido de escolarização, de se preocupar em ter recurso financeiro para arcar com as despesas relativas à escola e alimentação. Emendou ainda, dizendo, de forma bem enfática e bastante centrada em minha face, que não tem preocupação com a formação moral do filho e ponto. Disse que não, não pensa nisso. Eu, enquanto pesquisadora, que talvez já soubesse o que queria encontrar no campo, confesso ter me encontrado neste instante, numa encruzilhada, perdida, sem saber o que fazer exatamente. Pensei que, talvez, nosso encontro pudesse ser finalizado ali. Como eu optei por trabalhar com uma metodologia onde o produto proveniente dos diálogos estabelecidos, seria o material para as problematizações deste trabalho, não pude programar um roteiro, o que normalmente se faz, para pesquisas com entrevistas. Então, por não ter um roteiro, as questões levantadas, acabaram surgindo do diálogo e, desta forma, não houve a

possibilidade de previsão, pois entendo que se eu sou um sujeito que fala com outro sujeito que fala, não há previsibilidade nos diálogos, portanto, não seria proveitoso que eu estabelecesse uma rota para o diálogo que esperava ser construído durante o encontro, entre mim e o meu outro.

Retomando, me senti perdida. Nesta hora, as tensões e demandas das crianças nossas, ali presentes, foram uma benção que me permitiram, num lampejo, organizar tudo que eu já havia escutado até aquele momento e pensar num norte para a nossa conversa. Retomei o diálogo numa tentativa de norteá-lo, toquei num ponto sobre a vida de Paula, que eu conhecia, sua atuação no Movimento Negro Unificado há uns anos. Pedi que me falasse um pouco sobre essa experiência e ela foi sucinta. Paula atuou no MNU e no Movimento Estudantil e, através desta experiência, coordenou um curso pré-vestibular para negros e carentes, entre os anos de 1994 e 1998.

Entrando na temática de sua atuação no movimento negro, interroguei o que Paula pensava sobre a formação do filho no que concerne à sua negritude e Paula disse que via essa questão de forma um pouco confusa, pois aposta na ideia de autodeclaração e, assim, não se sente muito à vontade de interferir ou atuar diretamente na conscientização do filho como negro. Seguiu dizendo que enxerga o filho como um sujeito negro, mas se sente confusa ao apontar que imagina João em situações em que será “amarelinho” (palavras dela) se em meio a crianças de pele mais escura que ele. E negro, de fato, se em meio de crianças de pele mais clara. Afirma que em sua compreensão, João carrega o fenótipo negro, mas, se sente alvejada por muitos “mas”. Daí, me pareceu que o embaralhamento causado pela questão suscitada, fez com que Paula se obrigasse a um questionamento íntimo sobre a sua maternidade e a negritude de João. Mais uma vez, os pensamentos se apresentavam através de uma impossibilidade de concatenação de ideias que se contrapunham.

Paula declarou que não sabia ao certo o que fazer e que nunca tinha se cobrado muito sobre essa questão, até porque, não se lembra de João já ter passado por alguma situação de racismo devido a sua negritude. Ela disse que é tudo muito complexo, pois é a favor da autodeclaração, mas se questionava naquele instante sobre como agir, sobre como trabalharia a educação do João visando à conscientização do mesmo como um sujeito negro, pois se assim fizesse, se sentiria já dizendo a ele que ele é negro, ignorando a ideia da autodeclaração. Neste momento do encontro, percebi que poderia ter causado ainda mais confusão àquela mulher, do que ela já carregava. Este pareceu um momento muito importante para o nosso diálogo, pois convocou Paula ao autoquestionamento.

Mais uma vez, João e Joana entraram em embate, a razão agora eram três bonecos com os quais João brincava com muita delicadeza e afeto. João dispunha os três bonecos sobre o sofá e conversava amorosamente com eles, oferecendo o seio e colocando-os para dormir. Dizia que eram os seus nenéns. Jo queria participar, mas João monopolizava os cuidados com seus nenéns. O choro de Jo ecoava pelo ambiente. Lá fomos nós, mais uma vez, argumentar com as crianças, na tentativa de entendimento e compartilhamento entre as mesmas.

João se negava a entregar um de seus filhos para Jo, e Paula explicava que os bonecos pertenciam à Jo e que, para além disso, João estava com três e poderia muito bem ceder um para Joana. João estava irredutível, fazendo uma barreira com os braços, protegendo os bonecos, como um pássaro que abre as asas em acolhimento aos seus filhotes.

Eu conversava com Jo, para acalmar o choro quando ouvi Paula dizer a João: “filho, deixa a Joana ajudar a cuidar.....”. Paula, interrompeu a fala e, imediatamente, sem perceber, fez a mudança: “ajudar não, compartilhar! João, deixa a Joana compartilhar os cuidados com os nenéns”. Eu nada disse naquele momento, mas a minha mente, por alguma razão, fez a anotação do que meus ouvidos captavam. João se aborreceu e entregou os três bonecos para Jo e se foi em busca de outra distração. Voltamos, Paula e eu, ao diálogo sobre a maternidade que ela exercia.

Após mais uma interrupção das crianças, voltamos ao assunto da negritude de João. Percebendo que Paula estava num momento de reunir indagações para serem respondidas pelo seu íntimo, citei alguns casos recentes, de crimes cometidos em nossa sociedade e que são considerados crimes atrelados ao racismo estruturado historicamente no Brasil. Falamos sobre assassinatos de jovens negros. Expus o quanto determinadas situações me doem no estômago, principalmente quando olho de dentro da maternidade. Citei o caso do menino indígena de dois anos, degolado quando se encontrava no aconchego do seio de sua mãe. Relembrar esse caso, me deu um mal estar emocional tão grande que maltratava o meu corpo físico, era uma sensação que até hoje não sei descrever.

A conversa seguiu e Paula foi cada vez mais, guardando indagações. Perguntei se já havia pensado sobre qual o lugar da maternidade em sua vida. Ela calou por uns segundos e disse que a partir de tudo que conversamos até aquele momento, parecia-lhe que a maternidade atravessava tudo em sua vida, a partir do instante em que se viu grávida do João. E, fazendo uma breve retrospectiva sobre sua maternidade, Paula percebia que há pouco mais de três anos, ela ocupava o centro da sua existência, não somente por uma questão de laços afetivos, mas por razões outras que colocavam em seu cotidiano todas, ou quase todas, as

responsabilidades relacionadas ao filho, sem que pudesse perceber. O mundo a fazia crer que aquela ocupação quase total de sua vida era devida. Após muito conversarmos, concordamos que há muito mais de político envolvido nisso tudo que foi trazido para a vida da Paula, e minha também, através da maternidade.

Sutilmente, nossa conversa ia sendo finalizada para aquele momento, para aquele dia. Estávamos em nossos limites com as crianças e elas, certamente, também estavam nos seus. As questões ficavam no ar. O apartamento parecia uma praça de guerra, tamanha a desordem. Percebia que Paula estava saindo daquele encontro com mais indagações que quando entrara. Ela apresentava as sobrancelhas um pouco franzidas e dizia com frequência que nunca tinha parado para pensar naquilo tudo que conversamos. Nunca tinha parado para perceber o lugar da maternidade em sua vida. Ela olhava para o João com um ar de riso e dúvida, mas era uma dúvida cheia de certezas. Acho que ela ainda não tinha se olhado, pós-maternidade. Não tinha percebido as mudanças em seus pensamentos, ações e falas. Por fim, chegou a dizer que estava percebendo que militava, resistia e subvertia até enquanto dormia.

Paula pareceu começar a perceber as riquezas possibilitadas pela maternidade. Não falo daquela maternidade romantizada, que se delinea com o objetivo de alcançar a família perfeita do comercial de margarina. Mas sim das possibilidades de embate, de questionamento, de movimento. Falo da maternidade que dói, que machuca, que faz sangrar, que faz gritar e enlouquecer, aquela que te faz o tempo todo pensar que é difícil demais e que não vai ser possível dar conta. Falo da maternidade que ensina na porrada que a vida só se forja na troca, tentando, errando e consertando, lembrando e esquecendo, sorrindo e chorando e, seja como for, a maternidade pode ser um imenso palco de lutas, onde há a possibilidade de atuar com o trabalho, que demanda de nós o que nem sabemos se temos para oferecer.

Estávamos ali, ambas tentando ser algo além de mães. Ela, saindo cheia de indagações e eu, vendo desmoronar a minha certeza de pesquisa. Algo novo se apresentava. Eu querendo pesquisar, ela querendo colaborar comigo. O encontro foi tenso, infernal, diria. Não pudemos nos desvencilhar da maternidade e focar somente no que pretendíamos fazer naquele período pequeno de tempo. Por que não marcamos um dia sem que as crianças estivessem presentes? Porque não havia previsão para a existência desse tão desejado e necessário dia. Havia dois meses que tentávamos nos encontrar. Dois meses de muitos agendamentos e muitos cancelamentos. Por fim, sabendo que não nos restava opção, arriscamos nos encontrar em presença de nossos filhos. Assim foi.

Entendi, a partir desta experiência primeira de pesquisadora/mãe, que este tipo de situação seria uma constante em minha vida e de muitas outras mulheres. Difícil demais, ser

mãe numa sociedade que canta como um mantra que o filho é da mãe, ter o desejo e a ousadia de querer ser outras. Eu conversava com Paula na intenção de compreender o que é ser mãe de sujeitos negros em nosso contexto racial. Ao fim desta vivência de campo, com crianças em volta, emergiu uma pesquisa outra, que problematizava a maternidade e o que fazem a partir dela a nós mulheres. Me perguntava onde cabe uma mãe? O que pode uma mãe? O que se deixava de fazer por ser mãe? E, por fim, me questionava onde estava todo o resto do mundo para que mulheres com filhos vivessem tanta solidão. Me perguntava então, se realmente, o filho é da mãe?

Quarta-feira, vinte e sete de janeiro, Baixada Fluminense. Devia fazer uns 35 graus, pois o calor era daquele tipo que sufoca, abafado, sem que nenhuma brisa pudesse aliviar os corpos suados e as faces coradas. Eu, pesquisadora, partiria da minha residência, em Nilópolis, para Nova Iguaçu, nas redondezas do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, para encontrar Valéria que vinha do seu local, Xerém, Duque de Caxias.

Valéria gastaria em média duas horas para se locomover da sua residência até o local do nosso encontro. Eu gastaria um pouco menos. Por solicitação de Valéria, marcamos, inicialmente, o encontro para às 14h, porém, por conta de imprevistos, a mesma entrou em contato comigo para indicar um possível atraso e remarcando o horário para às 15h. Esse horário explica um pouco do calor inconveniente, pois com o nosso horário de verão, na verdade, era ainda uma parte do dia bem próxima às 12h, quando o sol é mais quente que no resto do dia. Eu olhava a auto-pista e via ondas de calor tão bonitas e inebriantes quanto pavorosas surgindo do asfalto e, por um instante, acreditei ter podido compreender um pouco do que Belchior diz em uma de suas canções quando fala “Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem no norte e vai viver na rua”.

Já passava alguns minutos das 15h quando finalmente encontrei Valéria. Ela me esperava com uma expressão calma e tranquila, debaixo da cobertura de um ponto de ônibus, no local combinado. Como já dito, o calor era sufocante e não havia possibilidade de um ser vivo, naquele dia, ignorá-lo.

Caminhamos uns dois quarteirões, em direção ao bar de um amigo de Valéria, sugestão esta, que ela já havia dado antes de nos encontrarmos e eu achei que seria muito bom atendê-la se isso a deixasse mais à vontade durante nossa conversa. Fomos ao bar e eu não poderia simplesmente passar sem apresentar este local para vocês que me leem agora.

O nome do bar é ‘Bar do Renato’, que na verdade tem como proprietário um cara chamado Ruan. O bar é daquele tipo de beira de estrada, ambiente por muitos, considerado hostil, um enorme espaço com iluminação precária, todo no emboço, contando com uma mesa de sinuca ao fundo e algumas pixações nas paredes. Na entrada, um balcão. Tudo bem simples e com ar de local para transações clandestinas, muitos diriam. Ruan, o proprietário, é um homem de sorriso fácil e fala gentil, não aparenta o ar de malandragem que combina com esse tipo de ambiente.

Chegamos. Valéria e Ruan se cumprimentaram com a afetuosidade que a amizade deles permitia. Ele e eu fomos apresentados e, pra ser bem honesta, me senti acolhida por ele com o mesmo carinho que dispensou à Valéria, sua amiga. Tomamos um copo de água, pois no estado de calor em que estávamos, era provável que nada fluísse se não nos hidratássemos imediatamente.

Nos sentamos à mesa que se encontrava na calçada, à sombra. Me sentindo tão bem e identificada com aquele local, aproveitei e sondei Ruan acerca da possibilidade de eu comer algo, pois já era meio da tarde e eu trazia no estômago, somente o que havia comido no café da manhã.

Até conseguir chegar à Valéria, passei uma manhã de correria e estresse, nada de mais, somente o estresse cotidiano e comum a mulheres que somam aos seus múltiplos papéis sociais, o de mãe.

Com o encontro combinado, organizei minha vida para que conseguisse cumprir o meu compromisso com Valéria. Uma semana antes, solicitei ajuda a uma pessoa amiga, minha cunhada, companheira do meu irmão, para que ficasse com minha filha para que eu pudesse exercer o meu trabalho de pesquisadora. Minha cunhada se dispôs a ajudar, como já fez tantas outras vezes.

Na tentativa de facilitar o processo e diminuir o sacrifício que seria para a minha filha de apenas três anos, de caminharmos dois quarteirões até a casa da minha cunhada, num horário de sol tão quente, pedi a meu pai, que trabalha na rua em que moro, que levasse a minha filha para a minha cunhada, que mora na mesma rua que meus pais, no horário em que ele fosse almoçar, pois ele faria este trajeto de carro.

Meu pai disse que poderia sim me socorrer e pediu que minutos antes do horário que habitualmente ele vai para casa almoçar, que eu o lembrasse de buscar a minha filha para levá-la. Faltando cinco minutos para o horário do meu pai ir para casa almoçar, mandei uma mensagem que ele recebeu, mas não leu. Por precaução, peguei minha pequena, que já estava arrumada, e caminhamos até o local de trabalho do meu pai. Do meio da rua, percebi que a

loja já estava fechada e meu pai já havia partido. Pois bem, foi exatamente isso, meu pai fechou a loja, foi para casa almoçar e esqueceu de pegar a minha filha para levá-la a quem se dispôs a me auxiliar para que pudesse encontrar com Valéria e trabalhar a minha pesquisa.

Fiquei tensa. Era meio-dia, eu não havia preparado almoço, já que minha filha almoçaria na casa da minha cunhada, e eu precisava começar a me arrumar para ir ao encontro com Valéria. Fiz contato com meu pai que disse realmente ter esquecido do nosso combinado, mas informou que iria almoçar e em seguida passaria para buscar a menina e entregá-la ao destino daquela tarde.

O tempo foi correndo e eu organizando as coisas para ir até o encontro. Mais de uma hora se passou desde o telefonema para meu pai e ele ainda não havia chegado. Passando das uma e meia da tarde, retornei a ligação, já tomada por um leve desespero. Meu pai, como é característico dele, fazia tudo muito lentamente e por isso ainda demoraria a me atender. Neste momento, fui tomada por um sentimento de raiva daqueles que me faz compreender que não há nada pior no mundo que depender de terceiros.

Num calor infernal e já sem ter como contornar a situação, tomei minha filha nos braços, a bolsa com suas coisas e disparei rumo à residência da minha cunhada. Desci do prédio e encontrei meu senhorio. Aproveitei para fazer algumas indagações a ele e acabei me aborrecendo com tamanha grosseria, percebi que ele mudou radicalmente a forma de me tratar depois que me tornei uma mulher sozinha, mesmo que esta condição nunca tenha dado margem para que eu descumprisse ou sequer atrasasse o compromisso financeiro que tenho com ele.

Saí pela rua, às uma e meia da tarde, com minha filha nos braços, sem que eu tivesse conseguido ao menos tomar um banho, debaixo de um sol que machucava a pele. Fui murmurando, pensando na vida, na verdade, nas vidas, pois tenho a impressão que só aqui nesta Terra, vivo mais de uma vida, ao menos duas, aquela que eu conheço e sei bem o quanto pesa e aquela que os outros idealizam que eu vivo. Entreguei minha filha para a minha cunhada do portão mesmo e retornei correndo para casa.

Tomei um banho, me vesti, peguei a bolsa com o material que precisaria e saí um tanto quanto desnorreada por conta de toda a correria da manhã. Eu tentava me reequilibrar para que estivesse bem diante do trabalho que eu precisava fazer com Valéria, mas, sentia dificuldade de me recompor diante da sensação de angústia e solidão que sempre me faz lembrar o quanto fica impossível romantizar a maternidade e fingir não perceber o peso que ela traz a nossa vida, apesar de propiciar tanta felicidade.

Foi pela razão de todo este contexto que saí sem que tivesse sido possível me alimentar e, assim, cheguei ao bar do Renato, que pertence ao Ruan. Me deparando com a figura que é o Ruan e toda sua atenção para comigo e com sua amiga Valéria, me senti à vontade de dizer a ele que eu precisava comer alguma coisa, pois estava sem almoçar.

O universo e suas energias são tão magníficos que, para a minha sorte, Ruan me ofereceu algumas opções sobre o que eu poderia comer. Naquele dia, havia caldo verde, sopa de ervilha e mocotó, que seriam servidos em copos, como é comum em bares e botecos. Me senti agraciada, pois gosto muito dos três pratos possíveis para aquele dia e optei pelo mocotó. Aliás, quem nunca comeu um mocotó de boteco, não sabe o que está perdendo, é um agrado ao paladar de qualquer ser humano que goste do prato.

Para a minha surpresa, Ruan perguntou se eu desejaria um pouco de arroz para acompanhar o mocotó. O arroz havia sido preparado para seu próprio almoço e não para o consumo de clientes. Com a fome que eu estava, certamente, só o mocotó não me sustentaria e que não se espantem aqueles que estiverem a ler esta confissão, pois se sou do tipo que foge dos padrões impostos às mulheres em nossa sociedade, não seria diferente no momento de me alimentar. Já que é para causar desconforto àqueles que listam comportamentos a mim, que seja em tudo. Não sou delicada e nem frágil, embora sensível; não rio contidamente, prefiro gargalhar e mostrar todos os dentes, mesmo que eu acabe fazendo um som esquisito por isso; não costumo baixar a voz, a cabeça e nem o nariz; minhas pernas, abro toda vez que tenho vontade; não me furto de uns bons palavrões, quando acho necessário entre outras coisinhas que me dão status de desajustada como mulher, não seria diferente com a minha fome, não a escondo e nem reduzo em nome de uma suposta elegância.

Enfim, me servi de um farto prato de mocotó e arroz muito bem regado no azeite e fui feliz assim. Somente desta forma, depois de me alimentar e acalmar o estresse que me corroía desde a manhã, pude finalmente começar a conversar com Valéria sobre o que era de interesse pra esta pesquisa e nisso tudo, já passava das quatro e meia da tarde. Valéria foi compreensiva desde sempre. Se dispôs a aguardar que eu almoçasse para começarmos a conversar. Sempre com tanta sutileza na voz, no sorriso e no olhar, que me pareceu ser esta, uma coisa dela, só dela.

Valéria é uma mulher negra, 33 anos, alta, corpo mediano, cabelos lindamente naturais, rosto redondo, sorriso de menina e olhos apertados que se fecham quando sorri, fazendo com que eles complementem harmonicamente o movimento da boca. Ela sorri com os olhos e isso a deixa ainda mais linda e esbanjando delicadeza inexplicável, nada que tenha

ligação com fragilidade, por isso é inexplicável e não me sinto apta a tentar compreender como se dá esta delicadeza de Valéria que não é nem de longe, uma mulher fragilizada.

É formada em Letras pela UFRRJ, tem dois filhos, um casal, Vitória de doze anos e Vitor de oito. Suas crias são de pais distintos. Vitória chegou quando Valéria era ainda bem jovem, ia lá pelos seus vinte anos e não chegou a contrair união com o pai da menina. Ainda em sua primeira gestação, conheceu o seu atual marido, pai do Vitor. Casou-se e mantém a relação há treze anos. Vitória foi recebida por seu marido como filha legítima. Poucos anos depois, chegou o Vitor.

Valéria é, de alguma forma, o que eu chamo de mãe solo, aquela mulher que é responsável primeira e única pela criação dos filhos. Seu marido trabalha viajando e sempre esteve muito ausente, passa meses fora do estado e vem para casa para passar períodos bem curtos, geralmente, de poucos dias. Por acaso, no dia de nosso encontro, o marido de Valéria que estava fora de casa a trabalho, há três meses, chegou e esta foi a razão para que nosso horário fosse alterado das duas horas da tarde para as três horas.

Se minha memória não me abandona, Valéria iniciou a sua graduação em Letras, aos vinte e sete anos e associou a este momento, uma reviravolta em sua consciência política crítica acerca da sua condição de mulher, negra e moradora de uma região em que vivemos uma vulnerabilidade social e econômica.

Ela diz que não teve aquela história de se reconhecer negra, inclusive, disse que não entende muito bem quando ouve alguém dizer que “se descobriu negro”. Valéria sempre soube que era negra, mas passou por situações de preconceito que só foi compreender como tal, com o passar dos anos e a partir do momento em que passou a problematizar seus posicionamentos e papéis sociais.

Disse que na realidade, não foi exatamente o curso de graduação que fez fluir nela uma pessoa consciente e problematizadora, mas sim as possibilidades de atuação política que encontrou dentro da universidade em que se formou. Passou a atuar em programas que mobilizavam alunos da instituição e comunidade.

Em meio à rotina de estudos, era comum que permanecesse dentro da universidade num horário intensivo, saía de casa às cinco e meia da manhã, quando era ainda escuro e só conseguia retornar por volta das 23h. Nesse processo, não deixava, em momento algum, de ser mãe da Vitória e do Vitor e estava ciente do sacrifício que era para todos, estar tanto tempo fora de casa. Eu daqui, do meu lugar, me ponho a pensar o quanto é difícil atuar pelo mundo quando temos filhos. Fiquei a lembrar das dificuldades que me assolavam para me manter no curso, assim como acontecia com aquela que comigo conversava.

Parece que nos tornamos cada vez mais um bando de pessoas socialmente inadequadas, pois vivemos tempos em que não mais aceitamos guardar numa caixinha dos impedimentos nossos vários papéis sociais em nome de um suposto papel maior que dizem ser o de mãe. Há tempos, muitas de nós, não aceitamos somente ser mãe e/ou esposa em detrimento de todo o resto. Queremos tudo.

No meu caso e no da Valéria, optamos pela maternidade, ou, ao menos, a abraçamos, mas, não aceitamos que isso nos exclua de outras atividades e atuações que preenchem nossas vidas e nos permitem construir novas experiências. Querer ser, após a maternidade, tem sido algo culturalmente inviável já que, infelizmente, vivemos ainda sob o jugo do patriarcado e do machismo que despeja sobre nós mulheres a obrigação de desejarmos ser mães, naturalizando a maternidade à condição feminina. Daí, com essa questão eclodindo em nossa conversa, percebemos que quando escolhemos a maternidade ou quando simplesmente sucumbimos a ela, jogam em nós o peso de toda a responsabilidade, sem direito a buscar compartilhamentos ou sequer sentir insatisfação.

Valéria apontou que, a partir de suas experiências e de muitas outras ao seu redor, a maternidade se torna algo economicamente inviável, pois, como é cultural impor às mães a única responsabilidade pela educação dos filhos, a estas, ficam vetadas ou dificultadas, as possibilidades de acesso à construção de uma carreira profissional ou acadêmica, sólida, muitas vezes, mantendo um ciclo vicioso de dependência material de seus companheiros, o que nos impões, além de obrigações perversas, uma subalternização que fere nossa dignidade enquanto mulheres, nos frustra.

Por hora, concordamos que somos mães e ainda assim, buscamos relações afetivas, laços de amizade que requerem uma vida social com aqueles que pretendemos ter em nossos ciclos de amizade; buscamos a carreira, acadêmica e/ou profissional; buscamos espaços para discussões políticas acerca dos nossos papéis; buscamos o direito de momentos de ócio, mesmo que sejam raros; nos reservamos o direito de “ser”, ser o que der vontade de ser, sem que haja a cobrança externa e/ou interna para o enquadramento em padrões e rótulos que insistem em imprimir a nós.

Valéria fez a sua graduação por prazer e necessidade de se construir, mas, infelizmente, para que tal etapa fosse cumprida, abriu mão de estar mais próxima, por mais tempo, dos seus filhos que. Diz ter consciência que eles não pararam de crescer e se construir enquanto indivíduos, mesmo diante da sua ausência. Mas foi o possível para todos, naquele momento.

O auxílio da família foi, sem dúvidas, essencial. Valéria contou com sua mãe e irmãos para estarem com Vitória e Vitor enquanto esteve ausente e assim foi. Formou-se. Diriam muitos, os adeptos do discurso “quem pariu os seus que os embale”, que é fácil desse jeito, ter os filhos, “joga-los” para a avó e tios e ir viver, estudar, trabalhar. Chega a dar um seco na goela quando ouço este tipo de ideia lançada a uma mulher. Só quem precisa abrir mão dos filhos para trabalhar, estudar e manter-se firme diante de suas possibilidades de construção individual, entende o misto de sentimentos que isso acarreta para ambas as partes.

A conversa tomou um rumo tão intenso para nós que ficamos com os olhos rasos d’água por um instante. Falávamos a mesma língua. Sensação de estar fora do seu país, sozinho e, de repente, em meio à solidão, encontrar um irmão de terra. A gente sabe que todo e qualquer resultado negativo apresentado na vida de um indivíduo antes da fase adulta ser alcançada, recairá sobre a mãe “ausente”. Viver numa sociedade que ainda impugna à mulher toda ou a maior parte da responsabilidade da formação de um indivíduo, é viver com uma arma na cabeça, prestes a ser disparada a qualquer segundo.

Com toda correria e dificuldade para se formar na graduação, Valéria teve muitos ganhos. Acredita ter sido um divisor de águas para se reconhecer enquanto Valéria, uma mulher negra (não do tipo que não se via como negra, mas do tipo que traz à consciência o peso histórico do ser negra na sociedade brasileira), pobre e moradora da Baixada Fluminense. Não traz em si a pretensão de parar este processo de construção. Viu surgir ali, a possibilidade de investir numa carreira acadêmica. Encontrou na graduação, apoio e incentivo.

Às vezes, tudo que precisamos é de pessoas que acreditam em nossas capacidades e verbalizam isso para nós. Não é uma questão de não se sentir capacitada, mas sim, simplesmente, pelo fato de termos uma visão bem limitada sobre nós mesmos, nunca nos vendo por completo, a não ser que haja um espelho. O outro, este sim, vê tudo em mim e pode me oferecer retorno sobre o que enxerga e aí, um novo eu passa a ser considerado.

Uma professora e amiga lançou à Valéria uma semente que não teve muito trabalho para brotar. A partir dos interesses políticos relacionados à negritude e a alguns trabalhos desenvolvidos em comunidades quilombolas, a professora viu nela o perfil para fazer determinado curso de mestrado.

O tal curso, é (até o período do nosso encontro) o único existente no mundo e oferecido na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Imaginem vocês o que vêm à cabeça de uma mulher que tem dois filhos, quando uma proposta dessas é apresentada. Sair do Rio de Janeiro para o Maranhão, para fazer um curso que tem duração de dois anos, é no

mínimo conflitante e, na balança da ‘sensatez’ patriarcal, seria algo fora de cogitação. A ideia não foi descartada totalmente, mas o lado negativo da balança pesava mais. Neste lado, só tinha seus dois filhos, nada além, mas nada pesa mais que as cobranças sociais feitas às mulheres sobre as supostas obrigações imputadas a ela com relação aos seus filhos.

Diante da não rejeição total da proposta, a professora de Valéria passou a investir na insistência para que ela fosse para o estado do Maranhão fazer o mestrado em cartografia social e política da amazônia. Cada vez que a possibilidade era cogitada, o lado positivo de mudança tão radical passava a ganhar alguns gramas de consideração. Por fim, Valéria decidiu que tentaria e que encararia o processo seletivo, até porque, disse ela, nem sabia se teria a aprovação.

Começou a estudar para a prova, e preparou os documentos para a inscrição. Seu marido não gostou da ideia de ter a esposa estudando em outro estado, mesmo porque o não apoio se baseava disfarçadamente, numa preocupação única em torno do que seria feito com as crianças, já que ele, o pai, passava meses fora de casa trabalhando sem que isso lhe gerasse qualquer cobrança social ou desconforto.

A pressão e os desentendimentos foram tão desgastantes que Valéria desistiu, mas decidiu não comunicar à sua professora sobre tal decisão, que na verdade, não foi uma opção, quase nunca é, pois nos impõem os filhos de tal forma que não só nos ancoram num mundo chamado maternidade, como também apequenam este universo como se nele, nada além de cuidar diretamente dos filhos, fosse possível. Tornam a maternidade um mundo de “OU”: ou isso, ou aquilo. Um mundo de exclusão, de encruzilhadas permanentes. Assim, fecham as mulheres que são mães, dentro de um amontoado de impossibilidades revestidas de resignação e amor.

Quieta dentro da sua suposta escolha, Valéria esperou terminar o período para a inscrição no processo seletivo. No dia seguinte, acreditando que estava feito, havia aberto mão da possibilidade de cursar o mestrado no Maranhão, recebeu um email de um amigo perguntado se ela havia se inscrito. Retornou explicando que não e a razão pela qual veio à desistência. A surpresa de Valéria foi saber por seu amigo que o prazo para a inscrição havia sido prorrogado e, ali, diante daquela novidade, tomada pelas palavras de incentivo de terceiros, realizou a inscrição. Seguido a isto, precisou de auxílio financeiro para ir ao Maranhão fazer a prova. Conseguiu este auxílio com a professora amiga que apresentou a ela a possibilidade do curso.

Valéria viajou e permaneceu fora durante três semanas. Conheceu o local da prova antes da data da mesma. Fez a prova e ficou para conhecer a região em que deveria se

estabelecer caso fosse aprovada para o curso. Levou consigo pouco dinheiro, mas, foi possível permanecer no Maranhão por vinte e três dias, porque uma conhecida havia alugado um apartamento próximo a UEMA, mas precisou viajar a trabalho e o apartamento ficaria fechado por um mês, justamente, a partir do dia que Valéria chegaria ao estado. Lhe foi ofertada a possibilidade de permanecer no imóvel durante este período e Valéria aceitou.

Foram vinte três dias sem os filhos, que ficaram aos cuidados, mais uma vez, da mãe e dos irmãos de Valéria. Era uma espécie de observação e preparação para todos. O processo se deu e o resultado final foi divulgado. Valéria não só foi aprovada para o curso de mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia, como o fez em primeiro lugar. Passou com mérito, muita correria, muitas abdições e angústias. A primeira a saber de sua aprovação foi a filha Vitória. Uma mistura de felicidade e dúvidas começou a permear o lado mãe, da mulher Valéria. Aprovada! E agora? O que havia esquematizado, de deixar as crianças com sua família, já não era mais uma certeza. Não pela família de Valéria, mas por ela mesma e pelas crianças. Para quem está de fora, pode não fazer muita diferença entre permanecer o dia inteiro longe de casa, diariamente, das cinco e meia da manhã até às onze da noite e estar por meses a fio em outro estado, sem os filhos, mas há. E muita diferença. Passar o dia inteiro ausente e retornar à noite pra casa, encontrar sua cria dormindo e poder lhe dar um cheiro, é algo que nos oferece segurança, certezas, mesmo que falsamente, porque na vida real, mães nunca se sentem seguras com relação aos filhos. Aquela coisa de estar sob nossos olhos, faz uma enorme diferença.

O processo seletivo se deu no meado do ano, em julho. O curso iniciava em setembro. Havia pouco tempo para decidir o que fazer e como fazer ou desistir, porque a desistência é algo que faz parte da vida de toda mulher que tem filhos, infelizmente, é comum que seja a primeira opção em quase tudo.

O curso começou em quatorze de setembro e Valéria foi. Foi com uma coragem que não sabia ter, sem ninguém que pudesse oferecer apoio de corpo presente no local. Por fim, seu marido já demonstrava concordância com a escolha de Valéria. Será mesmo? Ou, desta vez, quem não tinha escolha era ele? A decisão foi tomada e a aprovação conquistada. Não tinha mais o que ser feito, a não ser que houvesse um desejo e uma disposição para o embate desgastante.

Valéria chegou ao Maranhão, para iniciar o seu Mestrado. A surpresa é que chegou com os dois filhos à tira-colo. Seu coração não permitiu que os deixasse, mesmo sabendo que estariam muito bem cuidados. Agarrou-se às suas crias, se encheu de uma coragem que, sinceramente, não sei se eu teria, e partiu. Alugou um imóvel modesto que contava, à época

de sua chegada, com um colchão de casal que ficava no chão, uma geladeira e um fogão com botijão.

Lembrou-se, com certa leveza, o momento em que adentrou a casa com seus filhos e Vitor, o caçula, se pôs a chorar ao ver aquele imóvel praticamente vazio. Disse que Vitória também se entristeceu, mas permaneceu recolhida. Valéria disse ter sentido um aperto no peito por aquilo tudo, pela frustração dos filhos, mas se pôs a conversar com eles e tentar fazê-los compreender que o mais importante seria estarem juntos.

Com o tempo as coisas foram se ajeitando. Um colchão de solteiro e uma tv foram comprados. A casa ganhara ainda, uma mesa que não mais servindo a alguém, foi posta na rua, como lixo e Valéria pegou para si. A mesa que já não servia para um, foi de grande utilidade para Valéria e os filhos.

As crianças foram matriculadas numa escola, mas somente um mês após a chegada no Maranhão, já em outubro. As aulas de Valéria começaram antes, em setembro. Até que a crianças pudessem ir à escola, mais uma vez, se tornaram o centro das preocupações de Valéria que muitas vezes, passava o dia inteiro no mestrado, pois havia muitos professores que vinham de outros estados pra ministrar as disciplinas do curso, daí, quando vinham, a disciplina se apresentava de forma intensiva, durante uma ou duas semanas, até que fosse encerrada.

Valéria permanecia na universidade da manhã até a noite e, para tal, deixava seus filhos sozinhos em casa, trancados, por medida de segurança. Foi um período bem doloroso para todos. As crianças sentiam falta da escola, dos amigos, dos familiares e do conforto do lar. Valéria se sentia triste por saber da condição dos filhos e, como quase toda mãe, sentia culpa. Se interrogava se teria sido esta a melhor decisão, se não teria sido melhor ter deixado as crianças com sua família, como pensado inicialmente.

Na tentativa de amenizar os sofrimentos, passou a levar os filhos para a universidade e enquanto assistia às aulas, eles ficavam na biblioteca. A rotina era cansativa demais. Moravam a uma distância considerável da universidade, mas ficava inviável arcar com os custos de passagens para todos, todos os dias, ida e volta. Então, caminhavam. Valéria tinha acesso à alimentação na instituição, mas somente para ela. Com os filhos, precisava se alimentar em outro local e isso gerava um custo que era difícil de ser mantido naquele momento.

As coisas seguiram no formato apresentado anteriormente, até o momento em que Vitória e Vitor começaram a frequentar a escola. A partir disso, pela manhã cedo, Valéria deixava as crias na escola e ia para o Mestrado. No horário do almoço, as crianças saíam da

escola e caminhavam em direção à universidade, e Valéria saía da universidade em direção à escola. Encontravam-se no meio do caminho e iam para a universidade. Lá permaneciam, Valéria na aula e as crianças na biblioteca. Para oferecer algum lazer aos filhos, sempre que possível, iam à pracinha que ficava bem perto de casa. Lá, as crianças se lembravam de que eram crianças e Valéria aproveitava para ler os textos do seu curso. Com o tempo, todos se adaptaram e a vida no Maranhão passou a ser mais prazerosa.

Sofro de um grave vício, confesso: observo mulheres. Estas estão por toda a parte.

Olho para o mundo e, fatalmente, vejo mulheres. Elas invadem ainda a minha imagem no espelho da vida. Nos confundimo-nos sem compreender o que é vivência minha ou apropriação minha das vivências delas. O fato é que por sermos mulheres, compartilhamos experiências, dores e feridas como quem compartilha segredos num sociedade secreta. Tais mulheres sofrem, cada qual, seus incômodos particulares, processos que pesam como âncoras e que, por vezes, imobilizam. Aquelas que me atraem o olhar, são especialistas em contrariar a ordem. Contrariam, muitas vezes, despreziosamente, assim, sem perceber mesmo. São trabalhadoras, estudantes, fêmeas, companheiras, amigas, vizinhas e o que mais quiserem ser.

Entre as mulheres que meus olhos veem, inclusive àquela no espelho, encontro uma interseção. Todas elas são mães. Umas, por escolha. Outras, pela falta dela. Algumas percebem o que são. Outras, não. Essas mulheres são mães tanto quanto são trabalhadoras, profissionais, estudantes, companheiras entre outras atuações. Aceitam cada vez menos recolher-se aos cuidados do lar e da família. Além de tudo, buscam prazer em naquilo que fazem. Exigem carreiras, representação política, orgasmos, drinks e diversão.

Num certo dia, aos meus ouvidos chegavam as memórias de uma mulher. Era uma memória daquelas que a gente deixa no quatinho dos fundos, aquele local onde são escondidas e falsamente esquecidas as quinquilharias que atormentam a vida e que, apesar de não servirem mais, ocupam um espaço maior que o suportável em nós.

A mulher expunha então suas quinquilharias há muito esquecidas nos quartos dos fundos. Sucedeu uma conversa longa que durara uma média de três horas. Tudo começou assim: encontrava-me sozinha em meu apartamento. Era um sábado e minha filha havia viajado com a avó. Desde a separação, era o primeiro final de semana em que me encontrava totalmente sozinha. Mantive-me dentro do meu casulo, sequer abri as janelas para que uma

brisa eventual pudesse renovar as energias do ambiente. Havia dificuldade em ser exata na contagem do tempo que vivia.

As lágrimas vinham a todo instante e se apresentavam num choro compulsivo. O corpo inteiro tremia tanto que dores me tomavam por inteiro. A cabeça, tinha a impressão que explodiria a cada vez que piscava os olhos e, o mais desesperador, uma significativa falta de ar se apresentava. Parecia uma asmática tentando respirar e nada acontecia.

Andava de um lado a outro do apartamento, sem saber o que fazer. Para leigos como eu, a ideia era de que estava passando por uma crise de ansiedade, proveniente de um estado de depressão que se alastrava. Olhava pela janela da sala e pensava que estar no quarto andar poderia não ser algo tão eficaz em caso de uma tentativa de alívio. De repente, meu telefone tocou, era a mãe de uma amiga.

Eu precisava de ajuda e tinha consciência disso, então, atendi à ligação. E, o fato de não conseguir me fazer entender com clareza, fez com que aquela mulher fosse até mim, verificar o que se passava. Aquele encontro, jamais será esquecido. Parece ter sido uma espécie de linha divisória entre o antes e o depois da minha teimosia em sobreviver à despeito da sensação de desmoronamento que assolava a minha vida.

Minha voz não saiu num primeiro momento, tinha uma pedreira entalada na garganta. Um acolhedor abraço e um copo com água foram os artifícios utilizados para o estabelecimento de uma calma mínima.

O curioso é perceber o quanto as mazelas da vida alteram a intensidade das relações humanas. Nós duas nos conhecíamos há alguns anos, mas nunca fomos para além das convenções sociais, já que uma era a amiga da filha e a outra, a mãe de uma amiga querida. Não imaginavam o quanto poderiam servir de representação de força e apoio uma para a outra, simplesmente por serem mulheres compartilhando histórias de vida bastante parecidas. As dores eram semelhantes. A minha, latejante ainda. A dela, memória, apenas.

A partir do abraço cuidadoso, nos sentamos num sofá e começamos a conversar. De alguma forma, senti que poderia expor um pouco do que me atormentava.

Pus-me a explicar que era o quarto mês após o fim do casamento. Tudo parecia ficar cada vez mais difícil, mesmo tendo a consciência de que a referida relação havia falido bem antes do seu término prático. Não me sentia capaz de vislumbrar a possibilidade de ser verdadeira aquela afirmação tão clichê de que o tempo tudo cura e com ele tudo passa. Aquele tormento parecia ser eterno.

Nem eu mesma entendia de onde saía tamanho desespero, afinal, não era o meu primeiro casamento a naufragar. O término não era uma novidade, mas sim, algo com o qual

já havia estabelecido certa intimidade e pelo qual soube passar outras vezes, com dor e tristeza sim, mas sem maiores estragos.

Eu dizia a ela que minhas crises de abstinência eram cada vez mais constantes e já se tornavam um impeditivo a tarefas simples, principalmente aquelas que precisavam ser feitas fora de casa. Não me sentia em condições de sequer cuidar da minha filha. Até o ato de amamentar tornou-se penoso, me provocava uma sensação de estar sendo molestada, invadida. Era como se aquela criança, não fosse minha. Todas as sensações atropelavam a noção de responsabilidade e amor que construí sobre a maternidade. Era contraditório. Vivia uma confusão que doía em mim e machucava a minha filha. Lembrava de Chico e sua canção desnaturada

Olhava para a menina e enxergava um projeto que não mais parecia fazer sentido. Aquela sensação pesava uma tonelada em minha consciência, pois onde já se viu, uma mãe pensar tantas atrocidades com relação à filha? Tive filho porque quis, portanto, eu que aguentasse e desse um jeito de fazer valer a máxima do amor incondicional entre mães e filhos. Caso contrário, seria execrada, a começar pelos mais próximos, amigos e familiares.

Eu era uma estranha. Estava totalmente alheia ao mundo e não estava sabendo lidar com aquilo. Como falar que estava a sentir repulsa pela filha tão amada, querida e desejada? Falar para quem? Quem seria capaz de compreender aquela confusão de sentimentos que a esmigalhavam, sem cometer julgamentos? Aliás, haveria alguém no mundo, capaz de me explicar as razões para aqueles sentimentos tão cortantes? Não sobrava nada! Nada!

Tinha vontade de me enterrar ali até que tudo tivesse acabado. Como? Como poderia algo deste tipo ter fim somente com a passagem do tempo, sem movimentos meus? Eu tinha vergonha do que sentia, ou, sendo mais honesta, me culpava por aquilo que deixava de sentir. Sou do tipo que tem expressões faciais que denunciam o meu estado de espírito com muita eficiência, não conseguiria manter um comportamento de faz de conta, daí, evitando inquéritos e crises de choro em público, me colocava cada vez mais em cativeiro, uma espécie de prisão domiciliar, onde contava com minha família para levar até em casa, os gêneros alimentícios necessários à manutenção da vida, minha e de minha filha.

Aquela mulher perguntava com os olhos, como eu poderia ter caído em tamanha situação de vulnerabilidade? Eu, por minha vez, não pude responder naquele momento. Era a pergunta que me assombrava também. E, tomada por toda a sensibilidade que a vida lhe deu, compreendeu o que estava a me esmagar e decidiu por um ato de generosidade grandioso, pondo-se a compartilhar de suas experiências como mulher e mãe. Munida de seu sorriso e suas memórias, sentou-se no chão, repousou a cabeça em minhas pernas, segurou uma de

minhas mãos e começou a contar um pouco do que havia sido a vida com suas filhas, a partir do abandono do pai das meninas.

Aquelas quinquilharias que ela retirava do seu quartinho dos fundos, lentamente faziam meu choro cessar para que, assim, meus ouvidos pudessem estar mais atentos. O sorriso esteve presente em cada fala dela e, paradoxalmente, era proporcional à dor da lembrança dada, quanto maior a dor, maior era o sorriso. Eu poderia escrever um livro só com as situações por ela relatadas, mas não é a intenção neste momento, assim, recordarei rapidamente, o que me pereceu ter pesado mais aos meus ouvidos.

Avenida Brasil, importante via expressa que liga à cidade do Rio de Janeiro, sua região metropolitana. Conta com inúmeras passarelas, imensas de altas e compridas, que permitem atravessar as pistas que formam a referida via longe da possibilidade de atropelamento. Ela relatava que, certa vez, estava ela e suas três crianças atravessando uma das tais passarelas. Foi exata ao lembrar a idade de suas filhas à época do ocorrido, mas minha memória falha e não sei precisar tais números. Uma tinha poucos meses. As demais tinham idades próximas, algo em torno dos sete e nove anos. Recordou-se que havia bolsas, muitas bolsas contendo pertences de uso pessoal de todas. Expressou através dos detalhes do rosto e de gestos com as mãos, algo que denunciava estar revivendo a sensação do peso que aquelas bolsas tinham.

Contava que atravessou a passarela com o bebê no colo e as demais agarradas à sua saia e às bolsas. Lembrou-se que mal conseguia se equilibrar. Temia pelas suas meninas que se apavoravam em não ter acesso às suas mãos. Afinal, há momentos na vida em que um simples segurar de mãos nos faz acreditar que será possível continuar a caminhada. Lembrou-se do choro das mais velhas enquanto pediam pela segurança de suas mãos. A elas cabia o pânico de estar num local tão alto, aberto e que tinha suas estruturas balançando sempre que passos eram dados por outros que vinham no sentido contrário. Na verdade, não balançava na prática, o que se sentia era a vibração dos passos.

A mulher dizia ter a impressão da travessia ter sido mais longa do que foi na realidade. Do meu lugar, pensava no que representava tal travessia, a ponto de ter sido a memória por ela escolhida para me auxiliar naquele momento. Para ela, não sei. Não perguntei. Para mim, que era presenteada com aquela história, naquele momento que eu vivia, significou um recomeço.

A memória daquela mulher me pareceu uma analogia pertinente à vida e aos dramas que nela encontramos e que, por mais doídos que sejam, necessitam ser desdobrados. Trouxe-me a sensação de desespero de uma mulher que mal conseguia se equilibrar na passarela e

também na vida, carregando todo o peso que lhe era imputado. Não conseguia ofertar às filhas, a sensação de segurança. Carecia ela própria de sentir-se segura para viver a vida, dali por diante, com suas filhas. E, mesmo com todo o medo, com todas as lágrimas, incertezas, anseios e receios, caminharam, ela e suas meninas. Passo a passo. Pausadamente, seguiram atravessando a vida. Transformaram-se em outras.

Atravessar uma passarela é algo tão simples, tão rápido e tão comum que parece exagero imaginar uma cena dessas, mas ela aconteceu. Talvez, essa lembrança pese mais para mim que para a própria que a viveu. As construções que fiz de tudo que ouvi estavam diretamente entrelaçadas ao que eu vivia naquele momento. Não sei se para ela foi possível compreender que atravessava aquela passarela, da mesma forma que a vida lhe atravessava. Muitas vezes, a travessia apavorante pode ser a melhor, senão a única, saída. A travessia daquela mulher e suas filhas representa muito bem a luta que muitas outras mulheres que são mães enfrentam pelo direito de ser e pertencer dentro da nossa sociedade.

Aquela mulher havia morado uns meses com uma prima solteira, pois não tinha um local seu e de suas meninas para viver, desde que o companheiro, pai das crianças, a abandonou e deixou sem nenhum recurso material que auxiliasse a manutenção da vida. A casa alugada foi devolvida. Foi acolhida por uma prima que era solteira e vivia financeiramente bem estabelecida. Afinal, não tinha filhos, optou em investir seu tempo em sua formação e no estabelecimento de uma carreira.

Os meses foram se dando e a convivência ficando difícil. Para quem optou por não ter filhos, de repente se viu com três crianças em casa, isso é de mudar a rotina de qualquer um. As despesas também aumentaram. A mulher, mãe das crianças, tinha a sua profissão, mas não a devida valorização profissional e material, era professora. Dava conta de prover às necessidades alimentícias básicas das filhas, mas, nada além disso era possível. Contava ainda, com a dificuldade de trabalhar e não ter com quem deixar as filhas, inclusive a bebê. Afinal, como todos sabem, a boa mãe deve dedicação total aos filhos.

Com a convivência pesada, a prima que as acolheu, numa certa manhã, deixou clara a inconveniência que havia invadido o seu cotidiano. A mulher só ouviu, não esboçou uma reação sequer, nenhuma fala. Nada. A angústia que lhe tomava não permitiu ordenar os pensamentos e a fala. Só havia medo. Incerteza e medo. Esperou que a prima saísse para o trabalho e colocou o pé no mundo, um mundo que não acolhe mulheres com seus filhos. Um mundo que determina que seu lugar é encerrada no lar. Foi. E foi sem saber para onde. Foi com uma coragem que era proporcional às incertezas e o medo. Assim, desta forma, com o

coração e a cabeça atordoados e suas crias debaixo dos braços, se deparou com uma dentre as tantas passarelas que cruzam a Avenida Brasil e seguiu caminhante.

As tantas histórias que esta mulher me contou naquela tarde, em conjunto com tudo o que eu vivera até ali, me fizeram perceber que comumente passamos a vida aprisionadas a construções que nos atormentam.

Os percalços que invadiram a vida daquela mulher, por vezes, traduzem boa parte das lutas cotidianas de muitas outras mulheres. São lutas tão comuns que acabam não recebendo a devida complexidade de reflexão sobre as razões a partir das quais são originadas e naturalizadas. São lutas que demonstram inquietação com os discursos reproduzidos por gerações de que “o filho é da mãe” ou “quem pariu os seus, que os embale” entre tantos outros que só fomentam e passam a pá de cal em questões que necessitam ser discutidas em âmbito social, cultural, econômico e de maneira politizada, não apenas como meras reclamações particulares advindas de mulheres cansadas e que não aceitam que maternidade é isso, é um eterno e inquestionável padecer no paraíso.

Era uma segunda-feira qualquer. Carla levantou-se às cinco horas. Diferente do que fazia todas as manhãs, não se pôs a esperar o despertar de seu filho, pois este havia passado a noite na casa da avó.

Caminhou até o banheiro e tomou um banho morno tão agradável quanto desejava que fosse ser aquele dia. Vestiu-se e preparou o café. Raramente tinha apetite para comer algo tão cedo, mas o café, esse não podia faltar, pois era justamente através dele que se dava a certeza de ter iniciado o seu dia. Pegou a sua bolsa, alguns documentos e saiu.

O motivo para despertar quando ainda parecia noite, era uma audiência marcada com uma juíza, onde solicitaria o reajuste da pensão alimentícia paga pelo pai do seu filho. Alegava que a criança era pequena. Para ela não era possível arcar com os custos para que cuidassem do seu filho para que pudesse trabalhar. Dizia que a pensão paga pelo era irrisória. Carla teve a audácia, muitos pensariam, de dizer à juíza que o valor recebido era baixo e não garantia as necessidades do filho.

A juíza disse, claramente reproduzindo um discurso, há muito já dado, e que se furtou a análises sobre os contextos que permeiam a mulher na sociedade, que ela era jovem e forte o suficiente para trabalhar.

O que Carla pôde fazer naquele instante foi engolir a fala da juíza. Não havia espaço para a argumentação. Ela entendia, mesmo sem muita escolaridade, que estava num lugar onde explicitamente havia o estabelecimento de uma relação de poder onde o topo da hierarquia não lhe cabia.

Marcos, o pai, estava quieto. Trazia em seu semblante um sutil ar de riso. Sentia-se pleno e protegido daquela mulher mercenária e preguiçosa, por não precisar arcar com um valor mais alto para a pensão do filho. Se o filho é dos dois, as despesas referentes a este também são, certo?

A audiência chegou ao fim. Marcos e Carla seguiram para a sua rotina.

Ele entrou em seu carro e foi para a empresa onde trabalha há muitos anos. É um funcionário dedicado, do tipo que não perde oportunidades para se formar em cursos que possam levá-lo à promoção em sua carreira. Quando está matriculado em algum curso de aperfeiçoamento profissional, estuda à noite, após o término do seu expediente. É tão esforçado que, frequentemente, troca algumas horas de sono por leituras que o atualizem em sua profissão.

Ela é balconista de uma padaria. Seu expediente começa bem cedo e vai até o meio da tarde. O emprego não é formalizado em carteira. Levanta-se às quatro e meia, prepara o almoço e organiza as demais refeições que serão oferecidas ao seu filho enquanto ela estiver no trabalho. Separa algumas peças de roupa possíveis para o uso da criança.

Faz tudo bem rápido e se arruma para sair: arruma as refeições da criança em potes, prepara uma bolsa com as roupas do menino, toma banho, se veste, toma um café, pega seu filho ainda dormindo e vai até a casa de sua mãe que é a pessoa que cuida da criança enquanto ela trabalha. Sempre que possível, oferece à mãe, algum valor em dinheiro, como forma de agradecimento pela ajuda. Infelizmente, não há a possibilidade de pagar um valor digno por tamanha responsabilidade. Da casa de sua mãe, segue até a padaria onde trabalha e que fica bem perto de sua casa. Cumpre seu expediente.

No retorno, vai até a sua mãe, pega o seu filho, segue para casa e lá se põe a organizar e limpar a casa: varre, passa pano, lava e passa roupas, enche as garrafas de água, lava uma louça, limpa o fogão entre outras tarefas.

Vivian relata ser comum que enquanto faz o serviço de casa, seu filho fique a lhe acompanhar num claro sinal de solicitação de atenção. Ela faz um carinho, oferece uma distração, canta um pouquinho até que a tensão comece a se estabelecer.

Disse que sempre acontece a mesma coisa, da mesma forma e que já está acostumada. O menino passa a ficar irritado e choroso. Passa a se agarrar em suas pernas. Mas, precisa

deixar as coisas em ordem para o dia seguinte. Se sentar um pouco poderia fazer com que ela sucumbisse ao cansaço que parece nunca ser pouco.

Confessou ter perdido a paciência várias vezes e acabou gritando com o filho que chorava. De maneira clássica, diz sentir-se culpada sempre que isso acontece. Por vezes, acaba chorando junto do filho. O cansaço parece ganhar mais uma tonelada. Ainda assim, se coloca a terminar o que julga necessário de ser feito e, só assim, passa a cuidar do filho: dá-lhe um banho, oferece a janta, escova seus dentes e se deita com ele para que durma. Passam alguns poucos minutos em interação, pois ele logo adormece, sem muita dificuldade. Já ela, por sua vez, é comum que cochile na cama, ao lado do filho, disse-me sorrindo. Ao despertar, percebe que foi derrubada pela longa rotina do dia

Retoma, ou pelo menos, tenta. Levanta-se e senta no sofá da sala por algum instante, na esperança de gozar do silêncio que passou a imperar na casa. Casa com criança, diz ela, em silêncio, é digna de contemplação. Quando lembra-se de se olhar é que percebe se está com fome, suja, despenteada, abatida e cansada, muito cansada. Levanta-se, toma um banho demorado na expectativa de ver o cansaço indo ralo abaixo junto com a água que lhe massageia. Ilusão.

Geralmente, é depois disso tudo que Carla janta, quando janta. Daí, em seguida, vai até a cozinha, lava um pouco de arroz que sempre cozinha pela manhã, põe uma porção de feijão para descongelar, tempera uma mistura e descasca algum legume e, quando finalmente se deita, percebe que já é o dia seguinte.

Pela manhã, levanta-se, mais uma vez, às quatro e meia, cozinha o arroz, tempera o feijão e cozinha o legume. A mistura, às vezes, leva para que sua mãe, generosamente, possa preparar. Segue sua rotina e vai trabalhar.

Pelo caminho até a padaria, Carla diz que fica pensando e pensando, mas não consegue a prova dos nove da conta que a juíza fez, onde as despesas e os cuidados com o filho seriam metade dela e metade do pai da criança. Ela não encontrava uma forma para comprometer somente metade do seu precário salário com a manutenção do filho. Mais que isso, também não conseguia imaginar como poderia comprometer somente metade do seu tempo, sentia-se burra por não compreender algo tão corriqueiro. Inclusive, pôs-se a pensar que, além de burra, era péssima administradora do seu orçamento, pois se uma juíza afirmou que este era o suficiente, então, deveria render, mas não rendia. E seu cansaço, era bem maior do que deveria.

O pai, este sim, é exemplar. Cumpre rigorosamente aquilo que foi decidido em juízo. Todos os meses, ele deposita na conta da mulher o valor de seiscentos reais e visita o filho em dois finais de semana por mês, respeitando sempre o intervalo de quinze dias.

Foi num final de ano. A primavera se despedia dando ao clima um ar já bastante peculiar de verão. As festas de encerramento fazem latejar um clima leve de confraternização. Duas mulheres decidiram se encontrar para um almoço que se estenderia a uma deliciosa tarde de compartilhamentos. Eram lindas e bem sucedidas.

O encontro teve início sob abraços fortes que denunciavam a gratidão mútua pelo momento que se dava. Delatou-se também, o prazer que sentiam pela possibilidade de fugirem ali, de suas correrias e obrigações cotidianas. Se o final de um ano traz a leveza de um ciclo que se encerra, em contrapartida, traz o peso das decepções e desgastes de um longo período.

Sentaram-se e pediram uma bebida que fosse capaz de adoçar suas palavras. E, assim, passaram a esbanjar olhares apertados e sorrisos cativantes. Elas trocaram elogios, falaram de seus trabalhos, estudos, da relação com suas respectivas mães, dos amigos e das loucuras que sucederam no período em que não se viram.

Desapercebidamente, o assunto se tornara a maternidade. Neste momento, o antagonismo se apresentou. A maternidade era desejada por uma e desprezada pela outra, com a mesma intensidade. Esta causou espanto àquela. Como poderia uma mulher não desejar a maternidade? Ela dizia que ter um filho era um sonho daqueles alimentado pelas relações familiares.

A outra sabia que sua relação com a maternidade se construía a partir do testemunho que ela fez da vida de sua mãe. Seu pai era o nó que amarrava tal construção. Foi criada pela mãe somente. O pai as deixou quando tinha ela, apenas, sete anos. Além do abandono material total, imputou-lhe o abandono afetivo, aquele do qual a gente nunca se recupera, mas aprende a conviver tal qual um esquizofrênico convive com suas alucinações. Sua mãe, para que pudessem ter o mínimo necessário à manutenção da vida, trabalhou como pôde: lavadeira, faxineira, cabeleireira, manicure. E, assim, deu-se a vida.

Aquela que desejava ser mãe foi criada sob os cuidados de ambos os responsáveis. Teve uma vida leve. Pôde usufruir de sua infância e adolescência sob o estabelecimento de

um vínculo sadio entre todos, principalmente, com relação ao pai. Este está em tempos que não para de sonhar com o momento de embalar um neto em seus braços. Ela não vê a hora de possibilitar tal alegria ao seu querido pai. A relação com o pai dá norte à formação emocional das mulheres, dizem alguns entendidos de psicanálise.

Ela contava à outra que seu pai estava a desejar tanto um neto que dia desses, passavam juntos em frente a uma loja de artigos para bebês e ele quase sucumbiu ao ímpeto de comprar um carrinho, desses para carregar o bebê, só porque estava em promoção. Imagina? Dizia ela aos risos. Contava o ocorrido com um nítido brilho de emoção nos olhos.

A outra, ao ouvir tal relato, apresentava um sorriso pequeno e um olhar marejado. Sentia como se cacos de vidro descessem por sua garganta, fazendo com que suas palavras, talvez em forma de pedras, voltassem para o centro do corpo, bem naquele ponto onde dói a angústia. Não seria capaz, nem queria ser, de despejar naquela as suas feridas. Ela entendia com o coração, a delicadeza da relação que foi construída entre aquela, que era a sua irmã e seu pai, aquele que havia lhe abandonado trinta anos antes.

As questões que cristalizam a ideia da maternidade redentora e finalidade da mulher, saltam a nós onde e quando menos esperamos. Na verdade, tais questões não nos deixam, mas sim, quando a maternidade ainda não foi algo cogitado ou rejeitado, mesmo que superficialmente, acaba se delineando como algo que não é questão de vida, como ocorre com Aline, que ao responder às inquietações de Cinthia, diz nunca ter parado para pensar sobre o que é ser mãe. Pensa que a maternidade, por hora, é apenas mais uma situação que pode ou não lhe ocorrer, mas não é nada que mereça relevância no momento que está vivendo de dedicação à formação de uma carreira acadêmica.

O caminho que nos levou a tal embate se deu numa quinta-feira, dia este que, no atual período que vivo, é bastante cansativo. No meu caso, às quintas-feiras, é dia de cumprir compromissos acadêmicos. Passo o dia entre dois grupos de pesquisa, um pela manhã e outro à tarde. Ambos se ligam à minha formação, à minha pesquisa, mas um deles me proporciona uma imersão em caráter de militância feminista, onde levanto questionamentos sobre a condição da mulher em nossa sociedade, partindo da perspectiva da maternidade, do lugar de mulher que é mãe e tem em sim a imposição da responsabilidade máxima sobre seus filhos, algo há muito naturalizado, mas que começa a ser questionado de alguns anos para cá.

O que torna a minha quinta-feira especialmente cansativa não são os compromissos acadêmicos, estes até que me oferecem certo fôlego e uma dose considerável de ânimo. Arrisco dizer que tais compromissos, eu cumpriria diariamente, se necessário fosse, com muito gosto, pois faz parte de mim, da minha identificação íntima estar em ambientes que me possibilitam a construção e troca de ideias.

O que me difere das companheiras envolvidas na conversa acerca das inquietações de Cinthia, é justamente porque sou a única que tem sua vida atravessada pela maternidade. Buscamos todas, caminhos bem parecidos de carreira, o que nos difere é o caminhar, é o como chegaremos, cada qual, com seu contexto de vida, a tal objetivo.

Eu sou uma mulher cuidando da sua formação pessoal. Creio, tenho dado ênfase ao que Beauvoir diz sobre tornar-se mulher. Tal processo envolve destruir-se, reconstruir-se e dar polimento à obra que tenho buscado ser. Muitas vezes, o trabalho é mesmo o de restauração, resgatando aquilo que fica soterrado no interior disso tudo. Cuido ainda, da minha formação acadêmica e da minha formação militante. Nesta última, trago a pretensão de vociferar que a maternidade é linda, transformadora e fonte de bons sentimentos, mas não somente isso. Aliás, ela tem se mostrado muito mais como um espaço de opressão feminina que uma possibilidade de redenção da mulher que cumpre o destino da sua natureza. Tenho me movimentado pelo direito de dizer e dialogar especificamente sobre este aspecto da maternidade, sem que para isso seja considerada desumana e problemática.

Tenho visto mulheres que amam tanto os seus filhos que não mais aceitam se desconsiderarem e alijarem, pois se assim se mantiverem, anuladas, menos de si sobra para lhes ofertar. Me posiciono no mundo hoje, em busca de formar uma corrente com elos fortes com demais mulheres que lutam por espaços que nos são negados na nossa sociedade capitalista e machista, àquelas que além de mulher, são mães.

O processo de formação acadêmica, como se sabe, se dá de maneira institucionalizada e, assim sendo, requer o cumprimento de obrigações com a instituição e com aquele que nos orienta por tais caminhos. A minha experiência na academia se dá juntamente com algo que não tem a possibilidade de ser desconsiderado: minha filha e eu vivemos sozinhas. Melhor, moramos sozinhas, mas, felizmente, vivemos com muitos outros em nossas vidas.

Minha criança tem hoje três anos. Quando iniciei o mestrado, estava com apenas dois anos. Às quintas-feiras, acordamos bem cedo para estar às 10h no primeiro grupo de pesquisa. A rotina entre o acordar e o chegar na universidade faz com que eu saia de casa já cansada.

Minha filha não tem o hábito de acordar cedo, por isso, se aborrece quando a desperto para que me acompanhe. Diz, geralmente, com um ar nitidamente contrariado: mas mãe, eu to

com sono. Eu ‘dormo’ e você vai trabalhar. Se levanta com a minha insistência e acaba por armar um sistema para externalizar a sua recusa e insatisfação com a situação que não é uma escolha de nenhuma de nós duas.

O botão que dispara tal mecanismo pode ser qualquer coisa: a recusa ao uso de uma meia ou de uma determinada roupa ou ao banho ou à escovação dos dentes. Qualquer coisa ou ação dispara o mecanismo. Em sequência, vem o choro intenso e escandaloso acompanhado de movimentos bruscos e agressivos. Por vezes, coisas são lançadas. Minhas tentativas de diálogo são inúteis e eu faço aquilo que posso, me calo e aguardo.

Normalmente, após trinta ou quarenta minutos, as coisas se acalmam e ela busca o colo. Fico apavorada pelo fato disso tudo se dar às sete ou sete e meia da manhã. Não são raras as vezes que engulo meu choro diante da situação sem alternativa. E, apesar de odiar toda a cena, entendo as razões para que ela aconteça. Por instantes, me afogo num mar de culpa, algo tão comum às mulheres, principalmente para aquelas que são mães. Quando tudo passa, finalmente, tomamos café, nos aprontamos e saímos.

O trajeto até a universidade é razoável e requer o uso de duas conduções. Minha filha, ao sair de casa, diz: quero colo. Tô com sono. A tomo nos braços e ela dorme. Assim seguimos até o local da reunião.

Iniciamos os trabalhos do grupo. Lidamos todos com as interferências de minha filha. Eu, por razões óbvias (talvez não devessem ser tão óbvias assim), sou a mais prejudicada com relação às discussões. Em um desses encontros, disseram que eu acabava por ter somente vinte por cento da minha atenção voltada para os estudos e oitenta por cento para a minha filha ali presente. Alguém, respondeu que isso não aconteceria se não estivéssemos habituados a centralizar na figura da mãe os cuidados e responsabilidades com a criança e avançou dizendo que se, cada qual que ali estivesse (eram quatro pessoas além de mim), se comprometesse vinte por cento com a criança presente, poderíamos todos estar oitenta por cento voltados para a atividade do grupo. Pois é, é justamente para que consciências assim sejam estruturadas que não me furto em mostrar o quanto lutamos para conquistar e manter lugares outros no mundo, além da vida privada e dos cuidados com os filhos.

A criança está ali, investindo em distração. Por vezes, requer atenção. As posturas ao redor reforçam a ideia de que o filho é da mãe. Com todas as dificuldades que tenho para conciliar a maternidade e a vida acadêmica, ainda assim, me sinto acolhida pelo grupo e pelo meu orientador. Tal acolhimento foi delineado e tem ganhado cada vez mais acabamento, principalmente, pela proposta de pesquisa que eu trago como central na construção da minha carreira.

Diz meu orientador que nunca havia se atentado para o peso que é ser mãe. Ele diz que ser mãe é um peso do caramba. Desconfio que a verdadeira razão para que me acolha enquanto acadêmica que é mãe e que não tem com quem deixar a filha e, ainda assim, não abre mão de ali estar, é medo de se tornar um capítulo deste trabalho. Às vezes ele me diz que preciso escolher entre ser mãe ou acadêmica. Eu respondo que o melhor é retirar o que disse caso não deseje se tornar parte das minhas discussões, justamente num ponto onde posso vir a denunciar o machismo dos doutores da academia que dispensam mulheres mães ou em idade fértil como orientandas. A triagem se dá nas entrevistas onde perguntas sobre a vida pessoal da candidata são feitas.

Muitas de nós optam por mentir ou, até mesmo, por se anular em nome de uma vaga no mestrado e/ou doutorado. Pensam que não produziremos com a mesma qualidade, caso tenhamos filhos pequenos. Não sei se isso é verdade. Tenho dúvidas sobre a questão, se não produzimos com a mesma quantidade e até qualidade que aqueles, em maioria homens, que não tem filhos ou, simplesmente, não são culturalmente impelidos a cuidá-los. Talvez sim. Talvez não.

Neste contexto, questiono a naturalização dos discurso de centralização das responsabilidades sobre os filhos, na figura da mulher. Meu questionamento vai além. Me interrogo sobre que estrutura a universidade e os espaços de intelectualização oferecem para que mulheres com filhos pequenos não abdicuem da sua formação. Certamente, estaríamos mais presentes se houvessem meios para integrar nossos filhos à nossa vida pública. Iríamos a mais eventos acadêmicos se fossem organizados reconhecendo que a maior parte do corpo discente na academia é formado por mulheres e que boa parte destas são mães. Muitas vezes, abandonam a carreira por dificuldades em conciliar a maternidade com o restante do mundo.

A formação da mulher que é mãe, não ganharia contornos de batalha épica se vivêssemos numa sociedade que requer do homem, da comunidade do Estado e suas instituições, a mesma responsabilidade com as crianças que requer da mulher. Quando começarmos a partir deste ponto, talvez uma mudança prática torne-se possível.

Chegamos num momento em que muito já se reconhece sobre o peso da maternidade na vida de muitas mulheres. Creio seja a hora de começarmos a pensar em formas de reestruturar os espaços da vida pública para estar oferecendo possibilidades sadias de atuação para estas, no mundo.

A quinta-feira segue e partimos do grupo da manhã para o grupo da tarde. Almoçamos antes, no RU da universidade. Lá, minha filha e eu dividimos a refeição num mesmo prato. É certo que ao menos uma de nós, senão as duas, não se alimenta tranquilamente e da maneira

adequada. Fazemos hora para não chegar cedo demais na reunião da tarde que se dá acerca do tema ‘mulher e literatura’.

Ao chegar neste segundo grupo pela primeira vez, o fiz sem avisar que minha filha estaria presente. Estou numa fase em que não peço permissão para fazer o que não há possibilidade de não ser feito, como por exemplo, estar nos espaços pertinentes à minha formação, acompanhada da minha filha. Tal postura visa declarar ao mundo que, para mim, está posto que não há negociação quanto a presença dela ali. Bem queria eu que houvesse possibilidade de negociar, que houvesse alternativa. Deixar de me formar, apesar de ser o caminho que se apresenta, não é uma alternativa para mim e para muitas outras. Desta forma, chegamos aos lugares e observamos o que vem.

Confesso que talvez, de maneira incorreta, quando se trata de eventos ou grupos que se dispõem a discutir a condição da mulher na sociedade machista que vivemos, penso ser obrigação uma estrutura e disposição dos componentes para receber de bom grado mulheres com seus filhos. E esse foi o pensamento que norteou minha atitude de chegar neste segundo grupo, com a minha filha, sem aviso prévio e sem pedido de permissão. Certamente, não me manteria num grupo que quer dialogar com as mulheres sobre sua própria condição e que não acolhesse aquelas que não têm alternativas com relação aos filhos.

Fomos acolhidas e lá permanecemos até então.

Foi justamente numa quinta-feira, no trajeto entre um grupo de estudos e o outro, que Cinthia dividiu comigo e mais três amigas de curso, a situação que havia passado durante um atendimento médico naquele mesmo dia. Foi tal situação apresentada que levou Aline a dizer que nunca havia pensado sobre desejar ou não a maternidade.

O que Cinthia viveu foi uma situação em que, ao ser examinada, foi interrogada por um sujeito que por alguma razão, se sentiu no direito de inquirir sobre sua vida íntima. O médico perguntou a ela se tinha filhos e ela respondeu que não. Ele seguiu perguntando se ela podia tê-los e Cinthia esclareceu que não poderia afirmar que sim, pois nunca havia tentado engravidar.

As perguntas feitas, me parece, já foram desnecessárias e deselegantes. Por quê razão uma mulher deveria ficar à vontade e feliz em falar sobre coisas tão íntimas com um homem e ainda por cima desconhecido? Mas, enfim, em toda a sua educação, ela respondeu.

Não satisfeito ele continuou o interrogatório e quis saber se Cinthia deseja a maternidade. Ela novamente diz que não e, neste momento, ele a olha com um ar bondoso e diagnóstica: você está amargurada. Cinthia diz ter pensado um milhão de coisas, mas só perguntou: Como? E seguiu: Doutor, o senhor é evangélico? Qual a sua religião? Neste

instante, o doutor, agindo como se Cinthia estivesse sendo inconveniente, disse: mas o que tem a ver esta pergunta com o que estamos fazendo aqui? Cinthia interpelou: e o que tem a ver não querer ser mãe com estar amargurada? O doutor emudeceu. A conversa foi encerrada.

Neste espaço que Cinthia utilizou para o seu desabafo, eu sou a única mulher que vive a experiência da maternidade e, acredito, estou colaborando bastante para que as demais estejam cada vez mais certas do não desejo à maternidade.

O que eu posso dizer à Cinthia, além de tudo aquilo que ela e as demais já observam da minha vida e da de outras mulheres próximas, incluindo suas próprias mães, é que vocês têm o direito pleno de não desejar passar por experiências ligadas à maternidade. Não é preciso muito para que uma mulher perca a vontade de ter um filho.

Tenho amigas que são mães e que pretendem ter outros filhos e que são dedicadas aos seus com muito amor e afeto, mas que estão dispostas a compartilhar as dificuldades com as quais têm esbarrado na vida a partir da chegada dos filhos. São mulheres que desejaram e ainda desejam a maternidade, mesmo já estando cientes do que dela emana, mas que não estão dispostas a deixar de ser e de atuar nas demais esferas da vida. Elas dizem, e eu concordo, que não há motivo racional para escolher a maternidade. Tal decisão ocorre, para nós que entendemos que há sim um lado obscuro do ser mãe, de maneira muito mais afetiva e emocional que racional. E, há ainda, aquelas que talvez tenham uma imagem idealizada da maternidade, aí, a decisão vem pela fantasia de algo que é, em sua maior parte, irreal.

Assim como Cinthia e Aline, há muitas mulheres que não desejam a maternidade e, mais que isso, não dão a ela um status de fenômeno que acomete mulheres. A maternidade é algo que muitas desejam e muitas outras não. Apesar de ainda vivermos sob uma ótica machista que investe tudo o que pode para subalternizar as mulheres e execrá-las da atuação na esfera pública, hoje já nos é possível discussões e questionamentos sobre o que definem como característica do feminino. O que digo a todas elas é que compreendam que não há nada no mundo nos obrigue a ser o que não desejamos.

Olhando o mundo de onde olho, utilizando as possibilidades de questionamento oferecidas pelo feminismo e suas mais variadas correntes, tenho a impressão que caminhamos significativamente no que concerne o direito de mulheres não desejarem a maternidade. Há vozes muito fortes que gritam por esta causa. Fico a me questionar se não estamos deixando escapar a empatia que possa ampliar tal discussão acerca da maternidade.

Olho para os movimentos feministas, para suas pensadoras e tenho dúvidas se não estamos deixando de lutar ao lado daquelas que são mães. Nenhuma mulher está livre da opressão machista estruturada em nossa sociedade, precisam sim, lutar por seus direitos de ser

e atuar, mas andamos ignorando que aquilo que submete à mulher, submete em grau mais intenso aquelas que são mães.

Portanto, não estou aqui para dizer à Cinthia que a violência a qual foi submetida pelo médico que a atendeu e a definiu como uma mulher amargurada, pelo fato dela não ter desejo pela maternidade, foi pouca ou pequena. O que faço é convidá-la a ser abraçada por mim, que sou mãe, e pessoa que respeita e compreende sua escolha de não maternidade. Quem melhor que uma mulher que é mãe, pode compreender a decisão de uma mulher que não deseja a maternidade? Penso que estando dentro da maternidade, dentro deste vasto e tenso lugar de vivência, compreenda melhor que Cinthia e Aline, as razões para que não desejem a maternidade.

Sabe, a vocês, muitos oferecem argumentos que deslegitimem a não vontade da maternidade. A nós mães, se adiantam em oferecer um argumento acalentador. Dizem-nos que uma mulher que se torna mãe, nunca mais estará só. Eu concordo. A questão é que essa realidade nem sempre é tão bacana como tentam nos fazer crer. Parece que com a chegada dos filhos, nos é usurpada a possibilidade de vivermos individualmente as coisas mais simples do cotidiano. Sabe aqueles momentos em que tudo que uma pessoa precisa é estar a sós consigo mesma, recolhida? Pois é, depois que os filhos chegam, nunca mais estamos sós.

Hoje, posso afirmar que a maternidade, em grande parte, me define. Talvez, daqui uns anos, com o desenvolvimento da minha filha, não mais. Quando digo que me define, não falo no sentido de que nela me encerro enquanto ser. Mesmo que eu quisesse, não seria possível. A maternidade me define no sentido de que se tornou uma lente para que através dela eu veja o mundo. Vejo todos os lugares que ocupo na vida, intrinsecamente atravessados, atrelados e rompidos pela maternidade.

Vejo o quanto a maternidade é cerceadora, vejo o quanto ela facilita a atuação do machismo sobre nós. Olho e encontro muitas pessoas que estão dispostas a aceitar, talvez engolir, a liberdade e os direitos das mulheres, mas vejo também, que se estas mulheres adentram na vivência da maternidade, essa suposta disposição se reduz consideravelmente. Muitos ainda veem na maternidade, um retrocesso da mulher no que tange o seu direito de ter direitos. A mulher de hoje está conquistando o mercado de trabalho, mas não passa pelas mesmas dificuldades e violências que aquelas que têm filhos. Da mesma maneira segue o raciocínio para todas as áreas da vida: nos estudos, nas experiências políticas, na atuação nos espaços de formação intelectual e profissional, nas relações afetivas, sexuais, na atuação dos espaços de lazer entre outros. Há mulheres que não mais desejam estar na esfera pública da forma que tem sido possível, ignorando o fato de serem mães. Lutamos pela reestruturação da

sociedade para nos comportar com respeito e acolhimento, não somente a nós, mas aos nossos filhos.

Lutamos para que a maternidade, a vivência com nossos filhos, não nos pese como uma âncora que nos impossibilita a mobilidade. Discutimos tanto sobre a maternidade ser muito mais uma questão de escolha que um fim natural e já avançamos com relação a isso, prova disso é que mulheres se sentem cada vez mais à vontade com o não desejo de um filho. Porém, a questão está longe de ser esgotada, pois ainda há quem acredite que uma mulher é amargurada simplesmente por não desejar a maternidade.

O que insisto em dizer, é que já passa da hora de discutirmos também o que fazer com o fato de haver mulheres que são mães, atuando e/ou desejando atuar em espaços que insistem em anulá-las, empurrando-as a experiências imperiosas e perversamente cansativas, fazendo com que tudo em suas vidas seja uma luta interminável.

Não aceitamos mais ser a exceção quando alcançamos alguns lugares de reconhecimento na vida acadêmica e profissional. Não queremos mais a exaltação da mulher guerreira que conseguiu uma boa colocação na sociedade. Lidamos ainda com um claro processo de feminização da pobreza que, sufocando a algumas, sufoca a todas. Cansamos de ser aquilo que não era para dar certo, mas deu. Pois, somente nós e nossos filhos sabemos a que custo a vida tem se sustentado e o grau de resistência que necessitamos para nos construirmos até que alcancemos o tão falado ‘vai passar’. Olhando todo esse cenário, a mim, fica mais evidente a ignorância e/ou má fé que o machismo comete ao dizer a uma mulher que a maternidade a salvará da amargura.

Ana é uma jovem mulher que é mãe, entre outras coisas. Encontrou-me dia desses pelos corredores da universidade. Eu estava num dia de transbordamento, me sentindo muito cansada e desamparada. Havia me afastado da atividade que ali cumpria para esvaziar meus potes de amargura. De repente, enquanto lançava meu olhar para o mais longe possível, uma voz me falou indagando sobre como eu estava. Eu, como de protocolo, respondi que estava bem. Ela sorriu.

Perguntei sobre seus filhos, já que havia tão pouco tempo que dera à luz o seu caçula. Suas crianças estavam bem. Ou teria sido uma resposta de protocolo? Talvez. Minha curiosidade tão natural perguntou sobre como estava sendo a vida com a chegada do segundo

filho mais a relação com a primeira e a volta à universidade. Foi neste instante que mais uma situação sobre maternidade pesou aos meus ouvidos.

Como disse, Ana é bastante jovem. É dona de uma força e vivacidade que transbordam em seu corpo tão pequeno e delicado. Quem a olha sem a devida atenção não percebe a força que ela carrega. Acho até que poderia se chamar Maria, tamanha a sua mania de ter fé na vida.

Suas maternidades se deram por opção sua e de seu companheiro. A primeira filha veio ao final da primeira graduação de Ana. Formou-se em História, ainda com sua pequena no ventre. Em pouco tempo, um ou dois anos talvez, decidiu manter seus estudos e ingressou numa segunda graduação, esta, diferente da primeira, numa instituição pública de ensino superior.

Na universidade pública sentiu-se em casa. Engajou-se em movimentos de militância negra e também em grupos de militância feminista. Tem-se colocado em forte movimento. Onde há eventos, reuniões, debates e grupos de estudo sobre mulheres e negros e sobre mulheres negras, lá está Ana. Figura bastante fácil de ser encontrada no campus onde cursa graduação. Em meio a tudo isso, decidiu pelo segundo filho e ele veio.

A gestação em nada interferiu em suas atuações dentro da universidade. Nos eventos e nas aulas, lá estava ela, exibindo sua barriga e muita disposição. Ana é mulher que se mostra sempre muito confiante de si e de sua existência no mundo. Sua consciência sobre o ser mulher negra é algo tomado de muita firmeza. Entretanto, confessou-me naquele dia que estava espantada, agora grávida dentro de uma universidade pública, em meio ao curso de graduação, com as ‘observações’ que vinha ouvindo de docentes da instituição. Aproximou-se de mim e disse com os olhos bem atentos que muitos professores alegam que uma mulher deve decidir entre a maternidade e academia. Alguns, disse ela, falam pelos corredores, de maneira extraoficial, que preferem orientar homens, já que não engravidam e não correm o risco de muito se ausentarem por conta dos filhos.

Confessou-me ainda que algumas colegas suas que já cursavam a pós-graduação, foram interrogadas ao longo do processo seletivo de acesso ao curso, sobre a maternidade. Para aquelas que diziam ter filhos, a questão ficava em torno de quem ficaria com a criança para que a mulher pudesse ‘dar conta’ do curso. Como se a mulher ali entrevistada fosse a única possibilidade de cuidado com os filhos. Para aquelas que diziam não ter filhos, a questão focava sobre suas intenções em tornar-se mãe ao longo do curso. Brincam eles que fica “proibido” engravidar no referido período.

Conforme as confissões eram feitas a mim, Ana se aproximava ainda mais para falar, na medida em que baixava o tom de voz e colocava a mão próxima à boca. Parecíamos

clandestinas em transações escusas. Ana contou que à despeito de todos os comentários julgadores e cerceadores que ouviu ao longo da gestação, continuou ativa até que o período chegasse ao fim.

Com a intenção de evitar problemas para si, sentiu a necessidade de organizar o encerramento do período da graduação para que pudesse gozar com tranquilidade do seu puerpério e da chegada do seu novo ser. Conversou com seus professores e buscou acordos sobre as avaliações de final de semestre. Viu datas e possibilidades de ser avaliada. Tudo bem esquematizado e calculado. A ideia era dar entrada na licença-maternidade, a qual tem o direito de usufruir, ao oitavo mês de gestação. Porém, ao chegar a este tempo, deparou-se com um obstáculo que teve um peso que não imaginava que teria.

Munida dos documentos necessários, foi à secretaria para dar entrada em sua licença, mas a secretaria não estava em funcionamento. Os técnicos estavam em greve, como já era de conhecimento de todos. O que Ana esperava era a oferta de alternativa para a sua situação, mas não houve alternativa alguma. Não pôde dar entrada na licença-maternidade.

As semanas se passaram, a greve se estendeu, o bebê nasceu. A licença não existiu. Manteve-se tranquila, de certa forma, devido aos acordos estabelecidos com seus professores sobre as avaliações. Aconteceu que uma professora resolveu aplicar uma avaliação surpresa um dia após o nascimento do bebê de Ana. A informação lhe chegou através de amigos, companheiros de turma. Ana não hesitou em fazer contato com a professora, mesmo estando com 24h de operada.

Ana se pôs a explicar sua situação, novamente, e se dispôs, mesmo diante de todo o contexto em que se encontrava, a fazer a avaliação, fosse como e onde determinasse. A professora mostrou-se irredutível e ainda disse à Ana que só teve filhos após formar-se doutora. Ana ficou reprovada na disciplina da referida professora, segundo ela, por poucos décimos.

Marta escolheu estudar História no ensino superior. Fez licenciatura plena. Ao longo do curso convenceu-se que desejava construir uma carreira acadêmica. Fomos companheiras de curso e posso afirmar que se dedicou bastante à sua graduação, mesmo sendo a típica estudante trabalhadora durante quase a metade do curso.

Passou a buscar alternativas ao trabalho. Sentiu vontade, necessidade, talvez, de estar mais imersa no seu processo de formação. Participou de processos seletivos internos da

instituição privada em que estudava, alcançando aprovação. Conseguiu uma bolsa de iniciação científica que cobria o valor total de sua mensalidade. Atuou ainda como voluntária em outra pesquisa para a qual também havia sido aprovada. Optou pela bolsa em uma e ficou como voluntária em outra. Abriu mão da bolsa que conseguira para monitoria em disciplina, por cobriria somente em parte a mensalidade de seu curso.

Cativou a admiração de alguns professores. Em especial, uma professora veio a tornar-se sua amiga, incentivadora, diz ela. Tal professora era uma mulher forte e independente. Dizia ver em Marta um reflexo do que era, contava ela. Chegou a dizer à Marta, algumas vezes, diante de testemunhas, que se tivesse uma filha, seu desejo é que fosse como ela. Dizia isso porque não fez da maternidade uma opção. Sua opção foi construir ma carreira.

Com o tempo, Marta foi convidada a participar do grupo de pesquisa coordenado pelo orientador de doutorado de sua professora. Ela foi e lá permaneceu por dois anos. Acredita ter aprendido muito. Alega que boa parte do seu amadurecimento acadêmico veio de sua oportunidade de acompanhamento do referido grupo de pesquisa, pois, embora estivesse atuante em outros dois grupos, na instituição em que se formava, foi a possibilidade de adentrar uma universidade pública, mesmo não sendo parte oficial dela, e assim, conhecer discursos e realidades outras.

Conquistou o respeito do grupo com certa facilidade. Era ela ali, a graduanda de uma instituição privada da Baixada Fluminense, em meio aos mestrandos e doutorandos, mestres e doutores de uma universidade pública. Ela ri e diz que isso tudo é tão bobo hoje, mas que à época, representou a apresentação de um mundo de possibilidades antes inimagináveis. Disse com o ar de graça que acha ter sabido aproveitar a oportunidade que teve.

Cada dia mais, estava certa do que faria de sua vida profissional. Embora o desejo de seguir carreira estivesse em consolidação, sua vida financeira era bastante limitada, o que reduzia suas possibilidades de investimento em si. Declara ter tido a sorte de receber apoio material de sua professora, pois esta investia como podia em sua formação. Arcava com taxas de inscrições em eventos, comprava livros, fazia seu transporte quando podia, para que não perdesse os encontros do grupo de pesquisa de seu orientador de doutorado. Arcava ainda com viagens para que Marta pudesse apresentar os trabalhos que escreviam em co-autoria.

Com o fim da graduação, Marta logo começou a lecionar. Continuou a atuar em grupos de pesquisa coordenados por sua professora. Marta era sempre alvo de muitos elogios por parte da mesma. O tempo passou. Marta manteve-se lecionando e preparou-se para tentar o mestrado numa universidade pública. Foi reprovada em sua primeira tentativa. Não esmoreceu. Em sua vida particular o casamento acontecia. Logo em seguida, tentou o

mestrado mais uma vez. Conseguiu excelente nota na primeira etapa do processo. Comemorou. Teve boa nota na segunda etapa, mas foi reprovada na entrevista, por dois décimos, lembra ela. Desta vez, doeu.

Relatou que passou a pensar que uma boa nota não era garantia de acesso ao curso. Até ali, comprava o discurso da maternidade pós- formação e carreira consolidada, mas sentiu a necessidade de repensar. Repensou. Decidiu pela maternidade, mas sem abrir mão do objetivo de construir carreira acadêmica. Afirma ainda hoje que isso nunca lhe passou pela cabeça. Disse que não queria condicionar a sua vida pessoal e afetiva à construção de uma carreira. Declarou que de alguma forma, por um instante, aquilo pareceu cruel para o desejo que a florava.

Engravidou. Alguma coisa mudou em sua relação com a professora. Ela conquistou a coordenação de uma importantíssima instituição de ensino do país. O afastamento aconteceu. Com o nascimento da criança, recebeu a visita da mesma, mas depois disso, a ausência de contato se concretizou.

Algumas situações se instalaram e Marta ficou ainda mais restrita em suas possibilidades financeiras. Com a chegada da criança, tudo parecia fora do lugar de vez. Pensava sobre como poderia contornar a questão material, mas não encontrava uma solução que fosse imediata para quem está com uma criança de poucos meses nos braços. Até que um dia, o telefone tocou. Surpreendentemente, era a professora que há muito estava ausente.

Estive com Marta à época do ocorrido e lembro bem de seu desespero e solidão. A conversa ao telefone se deu em torno da nova função que a professora assumira e sobre o quanto ela estava feliz, materialmente muito bem recompensada e o quanto de poder de decisão ela tinha em função de seu cargo. Inclusive, era ela quem escolhia o profissional que atuaria como seu assistente. Enfatizou para Marta que era ela aquela que dizia sim ou não há algumas contratações. Marta confessou a mim, que por um instante, a conversa parecia que terminaria em um convite para ela.

Marta disse só depois de muito tempo, ter percebido o quanto o tom daquele diálogo foi mudando sutilmente até que o motivo da ligação fosse explicado de fato. Após muitos elogios e falas de reconhecimento das qualidades intelectuais de Marta, a professora disse um estarrecedor “mas”, declarando que, apesar de tudo que sabia ser de capacidade intelectual e profissional de Marta, esta já havia feito a sua “escolha de vida” quando optou pela maternidade e, por esta razão, estava convidando outra pessoa ao cargo de seu assistente. Concluiu ressaltando o seu pesar pela escolha de Marta, afirmando que seria muito bom que

as coisas fossem diferentes, já que o salário para o tal cargo que Marta não assumiria, era bastante recompensador.

CONCLUSÕES MOMENTÂNEAS

Através da pesquisa, dos diálogos e trocas através dela constituídos, percebi que, justamente, por ser a maternidade algo que me impulsiona a caminhar, logo é também, algo que me permite compreender o quanto de dificuldades se estabelece nesse passo-a-passo da vida de uma mulher que é mãe e insiste em atuar no mundo. Daí a necessidade de discutir, refletir e problematizar tais dificuldades.

A maternidade me levou a olhar com mais atenção para a condição das mulheres ao meu redor. Vi que compartilhávamos muitas dificuldades. Vi que os cerceamentos se impõem a todas. Constatei por hora que a maternidade tem sido sim um espaço eficiente de opressão da mulher pelo homem. Mas como dizem, não há luz sem escuridão. Se não fosse a maternidade uma forma bastante poderosa de opressão contra a mulher, logo não se estabeleceria como um rico espaço político.

Não vejo possibilidade de ignorar o caráter de luta que é imputado à mulher, a partir da maternidade. Como negar algo tão evidente e que bate tão forte, que machuca, reduz, esmigalha, coloca em dúvida a capacidade de resistência e atuação de tais mulheres? Precisamos lutar pelo óbvio, pelo simples. Precisamos lutar para ter sua natureza respeitada, para que se produza uma consciência de direitos delineados a partir das experiências femininas sobre seu próprio corpo. Precisamos lutar para que nossa escolha relativa à maternidade, não pese em nossas vidas como uma âncora que nos aliena compulsoriamente de perspectivas outras. Não tenho como ignorar que vendo o copo meio vazio, a maternidade ainda é concebida pela sociedade como ferramenta válida para o acirramento da opressão e da violência contra mulheres, a partir da constatação sobre a existência do que Biroli (2014) chama de “treinamento social para o cuidado com os outros”, sejam estes os mais velhos ou os filhos. Tal treinamento inculcado em nossa sociedade afasta as mulheres do poder de usufruto do seu tempo para que haja a oportunidade de investimentos em si mesma, em sua carreira profissional, em seus estudos, em atividades de caráter político ou simplesmente para o lazer e/ou o descanso.

Sendo assim, para além de uma denúncia, estabeleceu-se uma convocação para uma discussão que se quer urgente e necessita se dar de maneira minimamente empática, crítica e politizada sobre a maternidade como um agravante para a imobilidade social da mulher. O que ouvi foram as vozes de mulheres que emprestam suas experiências várias demonstrando que mesmo inconscientemente, elas lutam por lugares sociais e que, assim, colocam em xeque

o *status-quo* de uma sociedade que ainda forma seus indivíduos com base numa estrutura machista que se deu a partir do patriarcado de outrora. Tais mulheres trouxeram vivências que, a meu ver, demonstram a recusa à anulação de seus múltiplos papéis sociais, a partir da maternidade, que têm se revelado o lugar mais eficiente para a estruturação de mecanismos que, com muita sutileza, as isolam de suas vidas.

As vozes ouvidas nos levam a compreender que falar de maternidade não é falar de um paraíso lindo unicamente, mas sim falar de questões e dores que geralmente não as permitem falar e quando falam, não são ouvidas e se ouvidas, soa como uma necessidade totalmente afetiva e emocional, nunca como um discurso de reivindicações políticas e de busca por justiça social.

Por tudo que foi e ainda tem sido pensado por mim, através das discussões iniciadas pela minha pesquisa de mestrado, estou certa sobre a continuidade deste trabalho no curso de doutorado, onde proporei o enfoque em torno de questões que revelem a politização do feminino dentro dos grupos e coletivos formados a partir da maternidade considerando a hipótese de que estes possam se revelar como um rico espaço de educação não institucionalizada que se estabelece do feminino para o feminino, considerando as múltiplas experiências de maternidade apresentadas no interior de tais organizações coletivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Os gêneros do discurso/Mikhail Bakhtin; Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; Notas da edição russa de Serguei Botcharov*. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski/Mikhail Bakhtin; Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo/Simone de Beauvoir; Tradução de Sérgio Milliet*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 17. ed. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Ed. Rocco, RJ, 1999.

MIGUEL, L. F. *Feminismo e Política: uma introdução / Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli*. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2014.ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em desordem/ Elisabeth Roudinesco; tradução André Telles*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

STEARNS, Peter N. *História das Relações de gênero/Peter N. Stearns; Trad. Mirna Pinsky*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.